

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 1969 N.º 16 741 ANO 49.º UM ESCUDO

às sextas-feiras
em
**MESA
REDONDA**

vamos discutir...

EUSÉBIO: «NÃO ABDICO DO QUE PEDI»

Eusébio sublinhou esta manhã (a poucas horas do embarque do Benfica para Lourenço Marques) não poder aceitar as condições oferecidas pelos «encarnados» e não abdicar daquelas que formulou na sua última proposta. Acrescentou não crer que tudo se pudesse solucionar em poucas horas, quando há tantos dias se andava a tratar do assunto.

Nenhuma evolução aparente, portanto, durante a manhã de hoje no caso Eusébio-Benfica. Só uma novidade — de certo modo sensacional — no treino, de conjunto, no Estádio Pinheiro Manique: Eusébio alinhou pela «reserva» do seu clube que, por acaso, foi batida por 2-0.

Isto quer dizer, portanto, que não se conta com ele para a comitiva que esta noite partirá para o Ultramar.

(Continua na última página)



Eusébio — um caso do defeso que não se resolve tão depressa como se pensava. Hoje, o Benfica parte para África, e tudo indica que o famoso «internacional» não seguirá viagem com os seus companheiros, tanto mais que nos declarou não abdicar do último pedido que fez ao clube.

IMAGENS DE MARTE HOJE NA TV

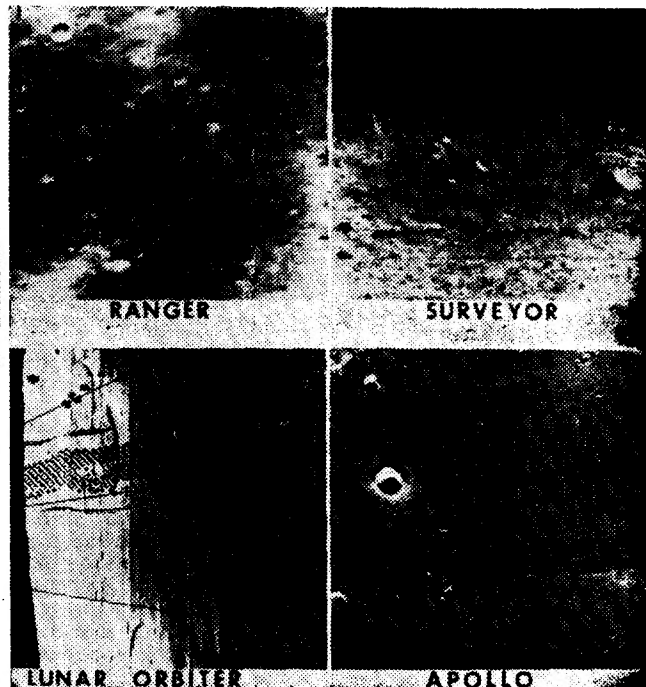
PASADENA, (Califórnia), 29 — (R.) — Os telespectadores de todo o mundo, que viram o primeiro passeio do homem na Lua, devem conseguir esta noite outro espectáculo da era espacial: as primeiras imagens de Marte, o planeta vermelho.

Contudo, as câmaras de televisão, assentadas sobre Marte pelas cápsulas espaciais Mariner-6 e 7, não se aproximarão bastante para mostrarem se existe vida naquela planeta.

Espera-se, porém, que recolham informações suficientes acerca de água, gelo e solo no planeta e sobre a constituição e intensidade da sua atmosfera, de forma a revelar se é ou não possível vida.

As duas cápsulas, em forma de moinho de vento, foram lançadas de Cape

(Continua na 10.ª página)



Estas são imagens da Lua tiradas, respectivamente, pelo Ranger-9, Surveyor, Lunar Orbiter e Apollo-11. Fotos semelhantes a estas poderão ser captadas hoje do planeta Marte, quando as sondas Mariner-6 e 7 passarem a uma distância de 3200 quilómetros do planeta vermelho.

EDWARD KENNEDY NAMORA LINDAS RAPARIGAS (ESCREVE) A «TIME»

NOVA YORK, 29 — (R.) — A revista «Time», numa reportagem franca sobre o caso Kennedy, afirma hoje que o senador namora frequentemente lindas raparigas, era um automobilista temerário e que bebia muito desde que o seu irmão Robert foi assassinado no ano passado.

Na reportagem principal, ocupando seis páginas, sobre o desastre de automóvel fatal de Kennedy, em que uma secretária morreu afogada em 18 de Julho, a revista diz ainda: «Alguém que há muito observa os Kennedy pode afirmar de certeza que o senador namora frequen-

temente lindas raparigas em situações indiscretas para uma pessoa chamada «Ted» Kennedy. «Ao mesmo tempo, tem corrido boatos de que o senador e sua mulher Joan têm tido as suas desavenças. Não está em causa que estejam separados com frequência. Numa viagem

sózinho no Verão passado, «Ted» foi visto na companhia de outra encantadora

(Continua na última página)

FUNDAÇÃO SALAZAR

Da S. E. I. T. recebemos a seguinte nota:

«Como já foi anunciado, na próxima quinta-feira, dia 31, pelas 12 horas, no Palácio Nacional de Belém, será assinada a escritura que institui a Fundação Salazar.

Da escritura constarão os nomes de todas as pessoas, individuais ou colectivas, que, até àquela data, tenham contribuído ou hajam anunciado o seu contributo para a Fundação.

Estas pessoas têm acesso ao Palácio de Belém para assistirem à cerimónia, a qual, pelo seu alto significado, terá a presença do Chefe do Estado.»

HOJE 28 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA



Quatro estudantes universitários e um operário (antigos colegas da escola primária em Sintra) largaram ontem, do cabo da Roca, para uma viagem até ao cabo Norte, no extremo setentrional da Noruega, num velho Ford de 1946. A viagem (cerca de 13 000 quilómetros, ida e volta, tem o patrocinio do nosso jornal para cujos leitores os jovens contarão as suas impressões de viagem. Depois de terem largado do cabo da Roca, Hugo de Azevedo e Cunha, António Luís Baptista, Nuno Vilaça de Sousa, António Mega Ferreira e Eduardo Vicente Miguel passaram pela sede do «Diário de Lisboa». Ei-los em pose decidida, antes de prosseguirem viagem.

A produção de arroz nacional diminui e piora de qualidade

Os industriais de arroz receberam, em 1968, 137 400 toneladas da produção nacional relativa à colheita de 1967 (menos 7000 toneladas que na campanha anterior). Importaram 22 400 toneladas de arroz em meio preparo

e 6400 toneladas de trincas para incorporar no arroz. O total de matéria-prima recebida (arroz e trincas), foi praticamente idêntico ao da campanha anterior: 166 200 toneladas. Permanece, portanto, a carência de matéria-

prima, o que não permite a utilização da capacidade fabril das unidades industriais existentes.

Na campanha de 1968-69, segundo o relatório do Grémio dos Industriais de Arroz, a quantidade de arroz em casca nacional a receber pela indústria deve ser inferior à recebida na campanha anterior (em duas ou três mil toneladas). E o referido relatório comenta a situação do seguinte modo: «Continua assim a diminuir a produção de arroz nacional, com a agravante de, nesta campanha, não se terem mantido, no mesmo grau, as características que revelou o arroz da colheita anterior. O nível de remuneração à Lavoura, na colheita de 1968, foi o mais elevado de sempre, em consequência, principalmente, do aumento de \$12 por quilograma atribuído a todo o arroz da última colheita.

«Tem-se apontado, nestes relatórios, a evolução quantitativa das produções globais de arroz em casca, salientando a insuficiência do seu montante para satisfazer as necessidades do consumo e anotado que essa escassez tem sido resolvida à custa de importações de arroz em meio preparo e de trincas. Não queremos deixar de referir que, com o

objectivo de aumentar a produção nacional de arroz em casca, estão em curso medidas, entre as quais a concessão de uma dotação de fomento à produção de arroz, fixada em \$12 por quilograma para colheita de 1968 e em valores variáveis até atingir entre \$20 e \$25 também por quilograma para a colheita de 1969, a fixar definitivamente após a apreciação dos estudos de previsão dos custos de produção da colheita do ano em curso, e a atribuição de uma dotação destinada à recuperação de terrenos para a cultura de arroz.

Da dotação desta concessão à Lavoura não resultou, nesta campanha, aumento de preço do arroz vendido ao público, porquanto o Fundo de Abastecimento suportou os respectivos encargos. E de esperar que, do conjunto das medidas adoptadas, venha a resultar o necessário e desejado aumento da produção de arroz para completo abastecimento do País.

No relatório lamenta-se, ainda, que os padrões legais do arroz estabeleçam excessiva percentagem de trincas, o que obriga a importações maciças destas, quando o arroz nacional apresenta melhores características e maiores rendimentos industriais.



O lago sem protecção contra as tentações das crianças nestes dias de calor ou nas suas descuidadas brincadeiras e que constitui grave perigo para elas num bairro de Viseu

Continua a aumentar o movimento no porto de Aveiro

AVEIRO, 29 — Durante a primeira quinzena deste mês, foi intenso o movimento de entradas e saídas no nosso porto, a atestar a sua capacidade, que será maior quando se completarem as obras há longos anos projectadas e que não têm sido concluídas com a necessária pressa.

Durante o período referido, segundo informa o magnífico «Boletim da Junta Autónoma» entraram e saíram a barra vinte e um navios estrangeiros e dez portugueses, ocasionando um movimento de mercadorias na ordem das 15,957 toneladas, tendo, já nesta altura, ultrapassado o movimento total do ano de 1965.

No porto de pesca costeira foi transaccionado, em Junho, peixe no valor de

1 684 249\$00 (1 088 810\$00 dos arrastões; 519 473\$00 das traineiras e 75 966\$00 de pesca artesanal).

NOVA ESTAÇÃO DOS C. T. T.

No decorrer da festa das crianças em Loure, o chefe do distrito informou-nos, amavelmente, que fora autorizada «superiormente» a construção de uma estação dos C. T. T. em São João de Loure, notícia que agradará a todos os habitantes da popular e laboriosa freguesia...

Agora só resta escolher o local para a mesma a fim de se elaborar o respectivo plano de construção, para o que aguarda a vinda de um engenheiro dos C. T. T.

DE ONTEM PARA HOJE

NO CONVENTO DOS CAPUCHOS

O Convento dos Capuchos, no alto daquele morro de onde se domina o Tejo e o mar e de onde a urbe lisboeta se vê estirar-se a Norte, foi há anos integrado no património da Camara de Almada. Nas redondezas vão surgindo cada vez mais casas e o ambiente onde os frades capuchos oraram continua realmente aligerado entre o azul do céu e o azulino do mar, em baixo. Tudo aquilo é beleza e harmonia; e nada de estranhar que no Convento dos Capuchos se pense sempre que se trata do Museu de Almada. Parece que não poderá ser museu permanente porque as obras se deterioram com as influências marítimas. Mas exposições temporárias ali tem havido e lá foi inaugurada ontem uma de raro interesse qual é a dos trabalhos dos alunos da Escola Preparatória do Ensino Secundário D. António da Costa, em Almada. Lá foi o ministro da Educação Nacional, com outros funcionários superiores, e lá foram recebidos por muitos alunos e familiares e pelo director da escola, dr. José Avelino de Sousa Barros, também nosso prezado colega de Imprensa. Falou ele das necessidades da escola e de outras precisões. E depois foi o dr. José Hermano Saraiva, ministro da Educação, que falou: «Devemos querer para os nossos alunos o mesmo que desejamos para os nossos filhos. Que eles sejam infinitamente felizes. É a pedagogia da felicidade; da adaptação ao mundo em continua mudança». Eis aí a sentença clara, definida, orientadora. Que ela seja sempre praticada, em todas as circunstâncias e por todos e em todos os graus do ensino!

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu os srs. eng.º Tovar Fares, governador civil de Portalegre, com o presidente da edilidade portalegrense; general Mário Silva, e o mandante

FUNDAÇÃO SALAZAR

O sr. Presidente da República recebeu ontem representantes das companhias Sapeç, Fidelidade, Nacional de Bebidas e das Cervejas, que ali foram entregar as respectivas contribuições para a obra da Fundação Salazar. Também ali esteve o industrial de Amaranthe, sr. José Gonçalves de Abreu para o mesmo efeito.

geral da Guarda Fiscal; dr. Azeredo Perdigão, presidente do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian; António de Medeiros e Almeida, presidente da comissão organizadora da Fundação Salazar; António José Soeiro e Silva, presidente do Município de Ferreira do Zêzere, com os srs. prof. dr. Mendes Ferreira, brigadeiro Lino Valente e drs. Augusto e Francisco Folque de Gouveia; tenente-coronel Fernando Gouveia Branquinho; e dr. Abel Corte-Real; e ainda o superior geral da Ordem Marista, acompanhado do provincial da Congregação dos Irmãos Maristas em Portugal.

O FOGO

Os incêndios multiplicam-se. Estamos na época escaldante. Ontem, no Hotel Central, em Sintra, houve um princípio de incêndio que causou alarme. Ardeu a chaminé e o fogão da cozinha. Em Alvares, Góis, foi um violento incêndio, que destruiu setenta mil pinheiros e cinco mil eucaliptos, pertencentes a diversos proprietários das redondezas. E em Santo Aleixo, nas alturas de Ribeira de Pena, uma camioneta da carreira de Braga, com a lotação completa, incendiou-se na Ponte de Santa Marinha. Alguns dos passageiros, que saíram precipitadamente, sofreram ferimentos, mas sem gravidade.

INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS

O almirante Henrique Tenreiro esteve ontem em Vila Real de Santo António a inaugurar as instalações frigoríficas da Frigarve, Lda.

MORREU NAS CHAMAS QUE ATEOU

No bairro da Fonte da Moura, no Porto, vivia o carpinteiro reformado Alberto Vieira, de 62 anos. Com ele a sogra sr.ª Maria da Silva, de 78 anos, entevada, a mulher sr.ª Fernanda Alves e um filho desta, de 19 anos. Dizia muitas vezes o carpinteiro que lançaria fogo à casa, e ontem fechou-se por dentro. Lá estava também a sogra. E pegou fogo e a casa ardeu, e ele, quando os bombeiros o reviraram, já não pôde ser salvo; a sogra é que recolheu em estado bastante grave ao Hospital de Santo António.

A AVENTURA DO «CIDLA»

O navio-tanque «Cidla», que esteve em perigo no Canal da Mancha, entrou ontem no Tejo. O imediato do «Cidla», sr. Aníbal Simões Paão, contou como o caso se passou e dos perigos de que se livraram. Tudo acabou em bem.

PASSAGEM DE NÍVEL

A meio da tarde, na passagem de nível de Praias-Sado, no coração industrial de Setúbal, uma composição ferroviária colheu uma camioneta carregada de toros de madeira. Ia para a Socel. Felizmente não houve vítimas.

DESASTRES E MAIS DESASTRES

Na Avenida da República, junto ao Campo Grande, um automóvel colheu o sr. João de Abreu, de 76 anos, de Janiceira, Tomar. Morreu no Hospital de Santa Maria. O sr. Januário Rosa Pinto, de 59 anos, casado, morador em Elvas, cego, foi colhido por um automóvel conduzido pelo sr. Vicente José Sousa Proença, de 33 anos. Morreu no hospital o pobre cego que era muito estimado e exímio tocador de guitarra. Uma camioneta conduzida pelo sr. Armando António Inácio, de 64 anos, despiestouse, perto de Mértola. Foi embater violentamente noutra camioneta. Morreu o ajudante da camioneta sr. Bernardino Fernandes de Almeida, de 48 anos.

Um lago sem grade torna-se em perigosa ameaça para as crianças num bairro de Viseu

VISEU, 29 — Existe no Bairro da Misericórdia, ao fundo da rua de João Mendes, um pequeno lago, ornamento e, por sinal, digno de nota, em especial pela boa intenção com que foi mandado construir, mas que se torna em perigosa «ratoeira» de apanhar crianças.

Aquela bairro, completamente habitado, é muito populoso e de agradável aspecto. É mesmo, uma das raras concepções urbanas, no seu género, decentes e dignas de louvores, pois vemos — por mal dos pecados dos responsáveis por tais coisas — segregar os pobres para lugares afastados da «gente de bem». Tem sido costume instalá-los em bairros que, de nascença, já vêm inquinados de miséria e com sinais marcantes do desinteresse, da deseducação e do abandono. Não assim no Bairro da Misericórdia e na rua João Mendes. E o tal bonito lago resultou — acreditamos — de uma simpática ideia de bem-fazer e de bom-gosto. Mas não se previu, contudo, o pior. Ao menos que se previessem os riscos de as crianças brincarem junto de um lago sem resguardos.

Ouvimos dizer que duas ou três crianças lá caíram. E, agora, a pequenina, Ana Teresa, de três anos, filha do sr. Julio Rocha Amoral, conhecido industrial visense e de sua esposa, ali teria morrido afogada, se o pequeno José Manuel da Cunha

Figueiral Oliva, de 12 anos, também ali residente com os pais, não corresse a salvá-la.

Ora, aquilo assim não está bem! Impõe-se que a Misericórdia mande colocar uma grade de protecção em volta do lago. E com a boa vontade de quem gizou tão, louvávelmente, essa bela e útil obra, certamente não vai ser difícil prevenir — antes que ocorra algum drama irremediável!

Palmela-Estação não tem luz eléctrica

PALMELA, 29. — Apesar de ser uma povoação com uns 500 habitantes, em pleno desenvolvimento populacional e situada numa zona turística, ainda não tem luz eléctrica a localidade onde fica a estação ferroviária, que dista desta vila, sómente três quilómetros.

Ultimamente, foi ampliada a rede de iluminação até o limite dos concelhos de Palmela e Setúbal, passando a ficar iluminada a estrada que liga estas duas terras, dentro do plano, em curso, de electrificação nacional. Mas não faz sentido que a empresa concessionária não tenha ainda atendido os pedidos daquelas centenas de pessoas nem as diligências formuladas pelo Município local, para que seja realizado tal melhoramento que muito beneficiará aquela zona onde estão localizadas duas importantes unidades fabris e, em breve, será construído um bairro onde ficarão alojadas mais umas dezenas de famílias.

Chama-se a atenção das entidades competentes, para que se concretize o sonho e a aspiração dos habitantes de Palmela-Estação.

Director escolar do distrito de Aveiro

AVEIRO, 29. — Em cerimónia realizada na Direcção Escolar, reassumiu as suas funções de director escolar o sr. Boaventura Pereira de Melo que, durante quatro anos, exerceu o cargo de presidente do Município de Estarreja. Durante este impedimento, o lugar de director escolar foi desempenhado pelo adjunto sr. José Lavabo Corujo.

A cerimónia presidiu o governador civil do distrito, dr. Vale Guimarães.

3.º CICLO

EXAMES DE 2.ª EPOCA

LABORATÓRIOS

Telef. 831416 (ao Chile)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

OS ESTADOS UNIDOS AMEAÇADOS PELA SUA DEFESA

I—«SALVEM-NOS DO PENTÁGONO!»

«Os militares acumularam tantos erros que acabaram por criar um sentimento de desconfiança a seu respeito...

— Não diga isso. Você faz o jogo dos inimigos do Pentágono!»

Esta troca de observações, acerbadas não se passou numa universidade americana agitada pela contestação. Também não opôs um agente recrutador de passagem a qualquer contraditor da «nova esquerda». Deu-se há duas semanas num ambiente almofadado e respeitável: a Câmara dos Representantes em Washington. Ao contrário do que seria de crer, punha frente a frente dois dos seus membros mais conservadores — George Mahon (Texas) e Mendel Rives (Carolina do Sul), ambos do partido democrático. Tanto um como outro passam por «falcões» de boa pinta e estão ligados de perto ao *establishment* militar. Como pôde assim Mahon romper subitamente com velhos hábitos e atacar os seus amigos do Pentágono?

Dias antes os jornais deram grande realce a um acidente nos estaleiros navais de São Francisco. Um submarino nuclear em construção, por motivos mal conhecidos, quebrou as amarras e foi ao fundo. O custo do acidente é avaliado em 25 milhões de dólares. Aqui há meses George Mahon não teria indubitavelmente posto o caso em relevo.

Mas acontece que desde há pouco o Congresso é teatro de um estranho bailado. A sua decoração pomposa, feita de couro macio e madeira envelhecida, abriga uma rebelião surpreendente. Não se passa um dia sem que uma nova peça de acusação seja posta no processo de um réu habituado até agora a mais respeito: o Pentágono. E pela primeira vez, como se tivessem sentido que era oportuno subir para o combóio da crítica, juntam-se conservadores ao coro.

O presidente Nixon emocionou-se. Na esperança, sem dúvida, de fazer entrar no redil os mais moderados destes censores do «complexo militar-industrial», decidiu dar um

por
**JACQUES
AMALRIC**

grande golpe. Dai o seu discurso de 4 de Junho diante do novo curso da Escola do Ar, em Colorado Springs: «Está aberta a caça contra as nossas forças armadas; os programas militares são ridicularizados e considerados inúteis, sendo mesmo tomados como um desperdício deliberado; a profissão militar está tornada em motivo de escárnio nos meios mais escolhidos; alguns conside-

ram que o patriotismo é uma mitologia retrógrada para uso de iletrados e de simples de espírito; o nacionalismo, em contrapartida, é aplaudido como panaceia de todos os males e de todos os países, excepto, bem entendido, dos Estados Unidos.»

Na origem deste tumulto está naturalmente o Vietnam: os generais americanos não habituaram os seus superiores civis a não ganhar as campanhas que lhes confiam. Houve de facto a guerra da Coreia: esta, pelo menos terminou sem vencido nem vencedor, e de todos os modos durou menos tempo.

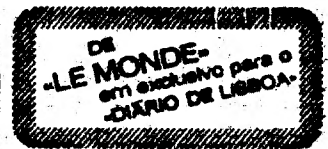
Dito isto, nos Estados Unidos não se tem o costume de atacar generais quando estão na frente. Foi preciso um senador como Edward Kennedy para se ter a coragem de denunciar publicamente, e por duas vezes, o sangrento assalto lançado em Maio contra Hamburger Hill, um dos muitos milhares de bastiões sul-vietnamitas, abandonado, depois da conquista, devido à sua falta de interesse estratégico.

Um processo volumoso

É volumosa a acta de acusação elaborada dia a dia contra o Pentágono. Vai da negligência à incompetência, passando pela ingerência nas decisões políticas. O desperdício é o tema favorito das críticas dos «moderados»; o guarda-vento da técnica de e da austeridade orçamental permite não insistir demasiado quanto ao fundo do debate em curso. Na incerteza do dia de amanhã convém poder

afirmar-se um dia que se actuou unicamente no interesse dos contribuintes, fora de qualquer consideração política.

Abundam os exemplos de ultrapassagem de crédito pelos fornecedores do Pentágono. Um dos mais flagrantes é sem dúvida o do «C-5 A», avião-cargueiro de que o Exército do Ar tinha encomendado cento e



vinte unidades a firma Lockheed, segundo fornecedor militar no que respeita ao volume das encomendas. Por ocasião da assinatura do contrato, em 1963, o custo total da operação fora avaliado em 2,9 bilhões de dólares; em 1968 o preço foi revisado a pedido da Lockheed e elevado para 3,1 bilhões. Voltou a ser revisado por duas vezes desde então e situa-se agora acima dos 4 bilhões de dólares. O presidente da Lockheed justifica estas «revisões» sucessivas, e nada desprezíveis, pela inflação. O argumento não foi convincente para os parlamentares que se debruçaram sobre o problema do «C-5 A» e descobriram que o Pentágono evitou voluntariamente revelar os aumentos sucessivos para não colocar a Lockheed em dificuldade no mercado dos valores. A chave desta inflação dos custos, de que os Estados Unidos não têm de resto o monopólio, parece esta antes de mais no sistema de adjudicação do

(Continua na página seguinte)

Nota
do dia

A HORA DAS INTEGRAÇÕES

PODE APROVEITAR-SE A MARÉ de por toda a parte se falar da crise universitária e se lhe sofrer as consequências para nela articular um problema que muitas vezes nos salta ao caminho: o da equivalência dos diplomas, títulos e graus conferidos nas diferentes universidades dos diferentes países. Se quisermos, para facilitar o problema, situando-o nos limites não se dirá de possível mas ao menos do mais próximo, consideremos apenas o espaço europeu, já que a menos que irromper algum imprevisto contravapor, parece a Europa condenada a considerar em conjunto muitos problemas que se discutem e sofrem presentemente ao âmbito nacional.

Tantas coisas europeias se mostram postas em cima dos carris que levam à integração, nos domínios do económico, que bem possível parece, dadas as relações hoje inevitáveis entre educação e desenvolvimento, considerar igualmente as possibilidades de se tentar uma espécie de integração nos domínios do ensino. A tendência para a livre circulação das pessoas, que se prevê que venha depois da livre circulação das mercadorias, agudizará um problema que se tem posto até aqui a nível de excepção mas que virá a ganhar expressão inevitável de caso corrente. É a altura, pois, de se pensar nele.

Por certo, as Universidades, como instituições tradicionais que são, permanecem muito ciosas dos seus pergaminhos e das suas prerrogativas, cada uma desconfiando muito do nível das outras. Bem sabemos, por exemplo, entre nós, que um doutoramento numa Universidade estrangeira, mesmo categorizada, não é coisa que dê satisfação bastante aos pruridos formalistas da Universidade portuguesa. Fez doutoramento lá fora e quer fazer carreira docente em Portugal? Pois temos muita pena mas tem de sujeitar-se a prestar aqui as suas novas provas. Sem isso não vai lá.

Há um aspecto que torna inevitavelmente complicado o problema: é o do exercício profissional naquelas carreiras para que se exige habilitação universitária mas para que, além da preparação científica, se evidência a necessidade de conhecimentos de ordem legal, de natureza por assim dizer regulamentar, que esses, sim, podem variar e habitualmente variam de país para país. Um arquitecto, por exemplo, pode ter-se habilitado na mais categorizada escola da especialidade, em qualquer país, mas como há-de exercer a profissão em Portugal se não conhecer os nossos regulamentos da construção? Um professor, porém, se aprendeu pode ensinar.

É um estudo importante a empreender, se bem que existam já duas ou três convenções, assinadas por alguns países, relativas à equivalência de estudos universitários. São primeiros passos, certamente indecisos, porém reveladores do reconhecimento de uma tendência que o condicionalismo da vida contemporânea torna cada vez mais clamorosamente necessária. Mas não bastam os esforços para ajustes de tipo burocrático ou meramente formal. O que se reclama, de facto, é o esforço esclarecido no sentido de se fazer uma aproximação dos sistemas escolares, dos «currícula» académicos, dos programas e da preparação. Mas seria preciso fazê-lo na base da qualidade, de contrário, a Europa inteira consentiria dar mais um passo à retaguarda.

RECTÂNGULOS DA VIDA

AS PALAVRAS VESTIDAS DE TEMPO

Nesse Inverno a criança esteve gravemente doente. Depois melhorou, mas chovia muito para além das vidraças e o médico não a deixava sair. E a palavra «recalada» adquirira o quer que fosse de mágico e de terrível, de ameaçador. Tinha, por assim dizer, sobrancheiras franzidas. Ela então para alicar, muito agasalhada, brincando melancólica e mona a um canto, enquanto a avó lhe fazia uma camisola com lá de duas cores ou conversava com as amigas que vinham visitá-la. Mesmo sem se dar conta a criança ia ouvindo frases para ela insignificativas, porque aquele tempo era o de escutar só de vez em quando sem ouvir, o de olhar aos pedaços sem ver contido. O mundo não estava lá fora mas dentro de si. E, de súbito, a frase ou até uma simples palavra erguiam-se da amálgama, adquiriam vida própria, e a criança ouvia-as e atentava nelas e ficava a meditar, quieta e cheia de perplexidade.

Dizia-se, por exemplo, que a dondida era uma «senhora», e a palavra «senhora», com aquele o tão prolongado

e redondo, tinha cauda e manto roçagantes e passos comédicos e reais. Uma «senhora». Ela não conhecia a dondida, mas era como se a tivesse ali, diante dos olhos, toda olhar superior e roupas caras, brilhantes, a vestida. A ela ou à palavra? Havia também uma adorável marlinha «que não era deste tempo». A coisa, dita sem preparação, deixava-a altamente perturbada. O que seria uma marlinha de outros tempos assim perdida na actualidade, naquele Inverno chuvoso, por exemplo, e ela, a marlinha em questão, de vestidos brancos e compridos como a avó nova, naquele retrato de

por
**MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO**



cabelo puxado para cima e paisagem ao fundo, com palácio no alto de um monte arborizado? Havia também o senhoraives que era «uma pessoa de princípios coitado». O que seria isso? Era difícil compreender. O que seria «uma pessoa de princípios coitado»? pensaria mais tarde. Um homem direito, de antes quebrar que torcer e que morreria pobre, porque era um homem de princípios e não de meios e de fins. Porque morreriam sempre pobres as pessoas de princípios? Perguntaria — sempre mais tarde — no tempo das perguntas com resposta. Nesse Inverno, porém, em que estivera doente, «a pessoa de princípios» erguia-se sôzinha dentre as palavras sem contorno nem significado. E era alguém parado no limiar da porta, à espera de qualquer coisa que tinha começado mas não continuava. E o senhoraives à espera e com umas grandes barbas brancas. «Hirto na sua razão», dissera a avó. «Hirto na sua razão», que bonita frase. Envelhecendo. Empobrecendo. Ali, sem arredar pé. Coitado, coitado. Porque não se ia embora?

Havia, está bem de ver, outras palavras-grito. A «mulher completa», por exemplo. A «rapariga prendada». O rapaz «muito bom rapaz». A «mãe extremosa». Mas com o tempo as palavras foram perdendo os contornos que as tinham episodicamente personalizadas, desmaiando para todo o sempre na amálgama das vozes.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

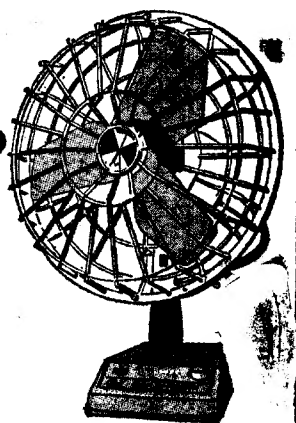
Ventoínhas
San Giorgio
sempre
na
vanguarda

agora com
regulação
electrónica

Representantes

Casa Palissy Galvani (GUILHERME F. SIMÕES, Lda.)

17-A, RUA SERPA PINTO 17-D (ao lado) LISBOA - Telex 322624 e 320719



«SALVEM-NOS DO PENTÁGONO!»

(Continuação da pág. anterior)

Pentágono; para obter qualquer contrato as firmas têm sempre interesse em apresentar um orçamento «por baixo», mesmo que saibam perfeitamente não poderem respeitar esses limites. Diz-se que o secretário da Defesa aceita com facilidade, depois de assinado o contrato, uma revisão das condições iniciais.

O «C-5 A» não é a única fonte de aborrecimentos para a Lockheed, à qual um outro contrato, feito desta vez com o Exército

do Ar, foi já anulado. Remuneral. Os gases deviam ferir-se esse contrato ao fabrico de trezentos e setenta e cinco helicópteros pesados do tipo «Cheyenne». Também neste caso os preços sofreram importantes «revisões», porquanto tinham passado de 1,4 para 2,4 milhões de dólares por unidade. Estes aumentos não estão, no entanto, na origem da quebra do contrato: durante as experiências o «Cheyenne» mostrou grande instabilidade, incompatível com as missões a que era destinado.

Damos estes dois exemplos só porque são particularmente flagrantes — há muitos mais. Citamos ainda o dum carro de assalto «Sheridan», encomendado pelo Exército de Terra à General Motors. Em estudo desde 1959, o veículo continua a ser incapaz de lançar os foguetes de curto alcance que devem equipá-lo. O Exército americano deve ter perdido no negócio para cima de um bilião de dólares. Por outro lado a Marinha não é poupada neste concerto de críticas: teria aceiteado sem pestanejar uma elevação de créditos de 1,8 biliões de dólares numa série de navios transportes de tropas encomendados à firma Litton...

A lista não é de modo algum limitativa. Uma sub-comissão do Congresso, incluindo senadores e representantes pertencentes aos dois partidos, encarregase diariamente de aumentar. As conclusões que o presidente desta sub-comissão, o senador William Proxmire (democrático do Wisconsin), tirou dos seus primeiros trabalhos são acabrunhantes para o Pentágono:

«Torna-se claro que o Governo Federal gasta dinheiro a mais com os programas militares... O Pentágono não foi capaz de fiscalizar eficazmente o custo dos seus sistemas de armamento, alguns dos quais sobem a biliões de dólares... As enormes ultrapassagens de créditos, o desperdício e a ineficácia tornaram-se regra para os fornecimentos militares... O problema que se nos põe é o da forma como poderemos equilibrar as nossas necessidades militares e as nossas necessidades civis. Se os Estados Unidos querem dar uma resposta satisfatória aos angustiantes problemas internos, os novos sistemas de armamento que o Pentágono prepara secretamente devem ser submetidos ao exame atento do Congresso e dos civis do Governo.»

A guerra bacteriológica

Quais são, afinal, estes «novos sistemas de armamento»? O senador Proxmire não deu esclarecimentos. Dias antes um representante democrático do Estado de Nova Iorque fora mais falador. Richard McCarthy iniciara com efeito, a sua guerra contra o Pentágono, acusando-o nada mais, nada menos, de inconsequência criminosa. Qual a causa desta nova querela? Um projecto do Secretariado da Defesa, que previa a imersão no Atlântico de importantes existências de gases ex-

tremanamente nocivos durante a segunda guerra ser transportados de comboio do Atlântico e depois carregados em velhos *liberty ships*, que seriam afundados ao largo. Perante a reacção que estas revelações provocaram, o Pentágono preferiu renunciar ao projecto e conservar nos arsenais estas existências demasiado volumosas. Não obteve com isso o reconhecimento dos seus detractores.

O mesmo Richard McCarthy reavivou a batalha dias depois e obrigou um representante do Pentágono a reconhecer, perante uma subcomissão da Câmara dos Representantes, que, ao contrário das repetidas negativas das autoridades militares, a morte misteriosa de 6000 carneiros no Utah, em 1968 era de facto imputável a experiências com gases nocivos.

Durante o debate McCarthy forçou o Departamento de Estado a revelar pela primeira vez o total dos créditos oficialmente concedidos à produção de armas químicas e bacteriológicas: 350 milhões de dólares. Na realidade, e tendo em conta jogos de escrituração correntes em muitos orçamentos militares, estes créditos elevar-se-iam a cerca de um bilião de dólares. Para defender a sua política neste domínio, o Pentágono difundiu relatórios secretos segundo os quais o esforço da U. R. S. S. seria bastante superior.

A rede «Safeguard»

Desperdício, inconsequência, mania do segredo, ineficácia... Este «dosier» não ficaria completo se não se lhe juntasse o caso da rede antimísseis «Safeguard», cuja construção, aprovada pelo presidente Nixon, se choca com uma oposição extremamente viva no Senado. Os argumentos dos adversários da «Safeguard» são de duas espécies: a rede antimísseis nunca será «estranque» 100 por cento e terá, portanto, falta de «credibilidade». Voltará por outro lado a lançar a corrida aos armamentos, mesmo defensivos que sejam, a um grau nunca atingido até agora e num momento em que os Estados Unidos fariam melhor em consagrar-se à solução de problemas internos de primeira urgência.

Perante este ataque em regra, conduzido por senadores republicanos e democráticos — Edward Kennedy, Sherman Cooper, Charles Percy, William Fulbright —, a administração Nixon viu-se obrigada a defensiva. Os inimigos da «Safeguard» surpreenderam mais uma vez o Secretariado da Defesa em flagrante delito de subestimação das despesas — o custo da rede fora avaliado em 7 biliões de dólares, mas o Pentágono «esquecera-se» de contabilizar as cabeças nucleares que equipam os foguetes interceptadores, ou seja mais de um bilião de dólares suplementares — e de utilização de informações dificilmente verificáveis. Deste modo Melvin Laird, secretário da Defesa, utilizou, para defender a causa da «Safeguard», a ameaça que para a segurança dos Es-

tados Unidos constituiriam os foguetes intercontinentais soviéticos «SS-9», cuja existência era no entanto conhecida há muitos anos. Richard Helms, director da C. I. A., recusou-se a confirmar as afirmações de Laird segundo as quais a U. R. S. S. prosseguia activamente na instalação de mísseis antimísseis e acelerava a construção de «SS-9».

Escalados por dois precedentes — os militares conseguiram fazer acreditar, por volta de 1950, na tese duma inferioridade dos Estados Unidos no campo dos bombardeiros, e mais tarde, em 1960, com a ajuda do candidato à presidência John Kennedy, na do «missile gap», ou o atraso em matéria de foguetes —, os americanos recusam-se cada vez mais a tomar por palavras do Evangelho as recomendações e as análises do Pentágono. Foram conduzidos assim a pôr em causa a influência do «complexo militar-industrial» e a sua ingerência no processo político, as quais constituem, para retomar as palavras do senador Fulbright, «uma ameaça directa contra a democracia americana».

Mas podemos perguntar se estas novas críticas, muito indulgentes num passado recente, em relação ao *establishment* militar, não terão agora tendência para utilizar o Pentágono como bode expiatório.

J. A.



COZINHA PARA REFORMADOS — Os sociólogos lançaram o alarme: há um aumento rápido de mortalidade quando se passa à reforma. Em Oberhausen, Alemanha Federal, atacou-se o problema de fronte com cursos rápidos de culinária para maiores de 60 anos. O êxito está à vista

COMISSÃO DE ESTUDO DO SEGURO ESCOLAR

Por despacho do dr. Elmano Alves, subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, foi nomeada uma comissão para estudo do seguro escolar obrigatório. A comissão ficou assim constituída: prof. dr. Vasco Bruto da Costa, director dos Serviços Médico-Sociais Universitários, que preside; dr. Francisco Salles Loureiro, director do Fundo da Acção Social Escolar; dr. D. Margarida Craveiro Lopes dos Reis, em representação da M. P. F.; dr. Manuel da Silva Maia, em representação da Direcção-Geral do Ensino Liceal; dr. Fernando de Carvalho Costa, em representação da Direcção-Geral do Ensino Técnico; professor Manuel Calvet de Magalhães pelo Ciclo Preparatório do Ensino Secundário; dr. Estácio da Veiga, em representação do Ensino Particular.

ora diga-nos...

Que pensa dos advogados?

Os advogados têm merecido, na literatura de todos os tempos, as mais diversas classificações. O célebre «maitre» Pathelin tornou-se, pelo menos em certa medida, um modelo dos ficcionistas. No entanto, o advogado cumpre uma função social, imprescindível nas sociedades modernas reguladas pelas normas que asseguram a convivência de todos os homens.



● O sr. António Nunes, confeiteiro, de Lisboa, é o primeiro a responder:

— Penso que os advogados são bons. Desempenham o serviço deles. Respondem às perguntas que lhes vão fazer. O trabalho deles depende da pergunta que lhes fazem.

— Já recorreu aos ser-

viços de algum advogado?

● Solon Esteves, fotógrafo profissional, declara:

— Estas perguntas são sempre difíceis... Acho que os advogados são úteis. A função deles é defender a tese dos seus clientes, está claro... Mas são sempre úteis. Eu, pessoalmente, nunca tive de consultar nenhum.



● — Os advogados servem para defender as pessoas que precisam de ser defendidas — disse o sr. José Domingos Conceição, servente de 1.º do movimento da C. P. — Nunca precisei de advogados e nunca entrei num tribunal. Mas acho que são úteis e boas pessoas, desde que defendam a verdade.

A Kodak Portuguesa trocou o Chiado por Linda-a-Velha

Meio século depois da sua abertura, a sede dos estabelecimentos Kodak (Kodak Portuguesa Limited) troca o Chiado por Linda-a-Velha. Falta de espaço e de condições de trabalho, apesar dos

três pisos que ocupava desde 1919, explicam a mudança.

As portas estão já fechadas na esquina das ruas Garrett e Ivens. Quanto às no-

vas instalações, afinal não muito distantes do centro da cidade (cinco minutos, se tanto, pela auto-estrada), entram em laboração depois de amanhã.

...no seu toureiro o mistério da arte gitana e o perfume dos cravos de Sevilha...



MANOEL CORTÊS

na Corrida da Imprensa

com PAQUIRRI



O toureiro da alegria da coragem e do inesperado

B.-FEIRA AS 22 H. NO

CAMPO PEQUENO

CAVALEIROS:

D. Ribeiro Telles
J. Maldonado Cortes
Porcados Amadores de Bantarém

TOIROS DE JOSÉ LICO

CASSANDRA NO ESTORIL A LOCUTORA



A vedeta alemã Cassandra tem actuado, com bastante êxito, no Casino Estoril. Considerada «a primeira bailarina europeia do estilo psicadélico», Cassandra apresenta-se em danças frívolas, obtendo os maiores aplausos do público. Ao terminar o seu contrato com o Casino Estoril, Cassandra partirá para Londres: segunda etapa de uma digressão de dois anos por vinte e quatro palcos mundiais

MANUELA PAULINO VAI CASAR

Pelas 12 horas do próximo dia 23 de Agosto está marcado, na 10.ª Conservatória do Registo Civil (Avenida Elias Garcia) o casamento da popular locutora Manuela Paulino Gomes com o dr. Luís Feist, licenciado em Germanicas e irmão dos «internacionais» de andebol Pedro e Jorge Feist.

Manuela Paulino Gomes, após o casamento, abandonará a Rádio mas prosseguirá nos quadros de locução da R. T. P.

«Major Dundee»

em sessão clássica

no Império

Um «western» admiravelmente construído e equilibrado, um belo e emocionante filme de aventuras que não recusa afirmar-se essencialmente como tal sem que isto o faça descambar num simplismo de fita de série nem transforme as suas principais figuras em meros títeres desprovidos de qualquer relevo psicológico e humano — assim considerou um crítico o notável filme «Major Dundee», que, sob a direcção de Sam Peckinpah, reúne artistas tão prestigiosos como Charlton Heston, Richard Harris e Senta Berger.

Como está a chegar ao seu termo o prazo para a exploração deste filme em Portugal, vai o mesmo ser destruído. Por isso, a derradeira projecção de «Major Dundee» far-se-á na sessão clássica do Império, na quarta-feira, às 18 e 30.

O DISCO VEM AÍ

Uma nova fadista na etiqueta «Estúdio»: Adriana Franco gravou «Desgarra-da», «Império do amor», «Coração volta a viver» e «Porque teimas perseguir-me».

«Malva Rosa» é uma composição com letra de Linhares Barbosa e música de José Inácio, que Florinda Maria acaba de guardar em 45 rpm.

Emilia Reis gravou os fados «onde estás» (José Maria Antunes-Artur Ribeiro), «Fado Magano» (João Dias), «Fadista de cravo ao peito» (Nuno de Lorena) e «Escrava do amor» (Alvaro Duarte

Acompanhada por Carvalhinho, Pais da Silva e Liberto Conde, Conceição (uma voz do Fado) interpreta «Saudade triste» (Armando José-Fernanda Santos), «Caprichos de amor» (Torres Mondego-Henrique Silva), «Marcha da Madragoa» (F. Carvalhinho-Domingos Silva) e «Só quero que me des o que te peço» (Fado «Alberto» com letra de Henrique Silva).



cockpit

VDO

os trunfos para o seu carro

A primeira regra da boa condução é a confiança absoluta no automóvel.

VDO cockpit oferece-lhe os trunfos para o conseguir:

- Uma nova linha** que lhe permite obter, a todo o momento, o diagnóstico exacto do seu carro através de informações rigorosas sobre o seu funcionamento.
- Uma linha completa:** manómetros de pressão de óleo, amperímetros, termómetros, relógios, voltímetros, conta-otações e os famosos suportes em borracha maleável e anti-choque para 1, 2 ou 3 instrumentos.
- Uma linha moderna** concebida por grandes especialistas e segundo as últimas descobertas da técnica: mostradores em preto fosco, ponteiros vermelhos, fundo preto e números brancos de modo a proporcionar uma leitura pronta e fácil.
- Uma linha desportiva:** reflexos prontamente apoiados, tranquilidade, descontração, ou seja: segurança e condutor em forma, num carro que se sabe sempre em forma.

DÊ AO SEU CARRO OS TRUNFOS **VDO**. SÃO TAMBÉM TRUNFOS PARA SI

Em todos os agentes e revendedores de **ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA.**

SÓ POR
12\$50 PODERÁ VER
E APLAUDIR

DEPOIS DE AMANHÃ

AS 21.45 HORAS, NO

COLISEU

Emp.ª Ricardo Covões (Herd.)

O GRANDE
ESPECTÁCULO PO-
PULAR DESTA
TEMPORADA

«A DANÇA E A CANÇÃO DO NORTE
VÊM A LISBOA!»

MAIS DE 150 PESSOAS EM CENA!!!

OS MAIS LINDOS TRAJOS, DANÇAS E CANTARES
DO NORTE DE PORTUGAL, NUMA AUTÉNTICA
PARADA DE BELEZA!

GRANDIOSO DESFILE DOS MELHORES NOMES
DO TEATRO E DA RÁDIO PORTUGUESA!
AS MAIORES ATRACÇÕES! MÚSICA E ALEGRIA!
PREÇOS ACESSÍVEIS A TODOS!
P.ª M/ DE 12 ANOS!

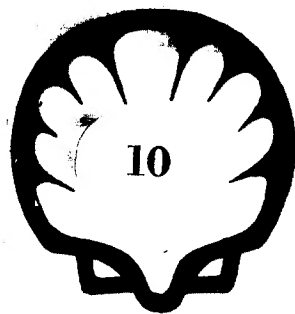
RITE UMA GRANDE
REVISTA
DOS PARODIANTE
DE LISBOA
COM
**CAMILO e
FLORBELA**

no teatro **MONUMENTAL**

TEATRO COM AR REFRIGERADO (ADULTOS)
Um espectáculo de **VASCO MORGADO**

NO ELENCO
OCTAVIO DE MATOS • DELFINA CRUZ
UM CORPO DE BAILE INTERNACIONAL
25 FIGURAS

LUIS GUILHERME
e o conjunto **HY-KDOY** e **PAULA RIBAS**
HOJE, 2 SESSÕES, 20.45 E 23 H.
DOMINGOS A TARDE, ÀS 16 H.



17 FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINE DE SAN SEBASTIAN

Chegado ao último dia, o Festival veio revelar uma particularidade interessante: o filme em derradeiro lugar apresentado a concurso — «The rain people» — acabou por ser o vencedor do certame (os últimos...), Francis Ford Coppola é o seu realizador e também o autor do argumento. Jovem cineasta, inicialmente apenas argumentista, Coppola é hoje, dos novos realizadores lanques, um dos mais interessantes e conceituados. Em busca de independência (total?), agora é ele também o realizador dos seus próprios argumentos. Pretende realizar obra de autor com qualidade criadora. Assim o fez nas películas anteriores, assim o conseguiu neste «The rain people» («Gente de chuva»), que não deixa, é certo, de acusar acentuado cariz folhetinesco, «à americana». Mas qualquer género pode elevar-se nas mãos de quem é quem. E o folhetim nas mãos de Coppola recebe o tratamento do bom cinema que ele sabe fazer: com bom ritmo, ágeis movimentos de câmara e uma quase perfeita dosificação de tempo em cada sequência.

Coppola narra uma história vivida por uma jovem casada que, tentando tomar consciência da sua condição de esposa e de futura mãe, parte certo dia, de manhã cedo, de casa, deixando um simples bilhete ao marido. Empreende uma viagem rumo ao Oeste que a separe, durante uns dias, daquele e do resto da família. No caminho, não lhe faltam peripécias: da «boleia» a um ex-estudante e ex-jogador de futebol americano que, devido a um acidente de jogo, ficou com mentalidade quase infantil e de quem a sua Universidade logo procurou livrar-se. Depressa ela (que, entretanto, vai, aqui e além, telefonando ao marido) se sente obrigada a ajudá-lo, responsabilizando-se, até certo ponto, por aquele ser humano que a acompanha. Desde o início, Coppola desenvolve um cinema hábil, claro, expondo a história com mão segura. A personagem central vai ficando perfeitamente desenhada à medida que a história avança, não obstante algu-

O VENCEDOR (E OUTROS PRÊMIOS) E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES MAIS

por Oliveira Pinto

mas das suas reacções resultem estranhas e, em certa medida, difíceis de compreender (neurose, tara mental?). O arranque da película é soberbo e mantém-se nesse ritmo até final, logrando o realizador a ambientação adequada para cada momento. Coppola lança ainda os seus pequenos dardos de crítica social e vislumbra a duvidosa honestidade (já tantas vezes abordada) da polícia do seu país. Mas, acima de tudo, faz uma chamada às responsabilidades que advêm da convivência. A fotografia é variada e bela, em technicolor, com imagens de uma plasticidade impressionante. Do lado artístico, Shirley Knight, grande actriz que dá a imagem perfeita da personagem vivida: angustiada, apiedada, passional, por vezes; e James Caan, excelente actor, também perfeito no seu papel do atrasado mental, ingénuo, débil e obediente que foi «crack» do futebol U. S. A. style.

Os prémios e «Os irmãos Karamazov»

Na sessão da noite — gala de encerramento — foram proclamados os prémios oficiais do certame, aos quais já fizemos referência ao longo destas crónicas. Da justiça ou injustiça da sua atribuição, todos e cada um dos participantes no Festival formaram uma opinião pessoal. Os galardões são sempre falíveis, como produto do juízo humano e de factores os mais variados (nesta época de viagens e de contestação, Veneza já tomou posição: acabaram os prémios. O galardão reside (e é bastante) no facto deste aquele filme ter sido admitido no Festival). Pois San Sebastian atribuiu as suas «Conchas», é esta designação dos prémios, distinguindo o Leste e o Ocidente, premiando as cinematografias mais importantes presentes, numa tentativa evidente de distribuição equitativa e de agradecimento pela participação e apoio dados. E não esqueceu, também, o cinema do seu país, o novo cinema espanhol que, com hesitações aqui e além (naturais, é evidente, e de algumas não é ele o culpado), vai formando uma posição, revelando valor e

força, mostrando talento, saber, inteligência e astúcia. O Festival, com toda a justiça (no caso concreto da película distinguida e no âmbito geral da cinematografia do país vizinho), premiou o novo cinema espanhol que com «saber, sangue, suor e lágrimas» ganha honrado lugar ao sol. E isto absolve, talvez, o júri de muitos pecados, os mais graves dos quais serão o esquecimento do filme polaco e do respectivo protagonista (a União Soviética e a Checoslováquia já tinham galardão, outro ainda para o Leste?) e a distinção conferida a Stefania Sandrelli, compartilhando com a russa Ludmilla Tchoursina as honras da melhor interpretação feminina (oh, mas a Itália — com uma indústria cinematográfica importante, poderosa mesmo, também com um festival famoso, importantíssimo — não falta nunca com a sua presença forte e nutrida, apolando o certame...).

Após a distribuição dos prémios, foi exibido, extra-concurso, o filme russo «Os irmãos Karamazov», de Ivan Pyriev, que é a mais excelente cinematização da obra de Dostoevsky. Realizada com largueza de meios, a película, embora reduzida já, em parte, a sua duração, tem mais de duas horas e meia. Com o desenvolvimento devido a ela nos referiremos noutra oportunidade.

Ausência da América Hispânica

Causou profunda impressão a ausência absoluta, em San Sebastian, de todos os países da América Latina de origem espanhola. A estranheza foi tanto maior e lamentada quanto é certo que nunca, noutras ocasiões, se verificou assim uma desertão total. Anos houve, efectivamente, em que poucas foram as nações hispano-americanas representadas no Festival (Chegou, por algumas vezes, a ser a Argentina a única a estar presente), mas nunca a ausência foi assim absoluta.

Recorde-se, aliás, que noutras edições do certame, anteriores a uma remodelação efectuada, havia, neste certame, prémios oficiais destinados, exclusivamente, aos filmes, realizadores e intérpretes da Espanha e América Hispânica. E eles desapareceram, apenas, porque assim o impunha (e impõe) a regulamentação dos festivais de cinema.

Oxalá os obstáculos surgidos este ano sejam removidos, em definitivo e a tempo da próxima edição do certame, a fim de que a América Latina de expressão espanhola volte ao Festival.

A presença de Portugal e a ausência do Brasil

Quanto a Portugal e ao Brasil, verifica-se, desde sempre, neste Festival de San Sebastian, uma situação que nada tem de brilhante: o nosso país comparece e o Brasil está au-

sente. Ora bem, melhor seria, sem dúvida, que tal situação se invertesse. Com efeito, a simples presença de um filme do cinema novo brasileiro (mesmo extra-concurso, na secção informativa) seria excelentemente acolhida pelos participantes no Festival. Sempre têm eles lamentado essa ausência, anote-se. E o «Diário de Lisboa» igualmente tem apontado tal facto. Este ano, esse objectivo tão ambicionado quase se concretizava com a exibição (anunciada) de «António das Mortes», película do jovem, talentoso e consagrado Glauber Rocha, expoente do Cinema Novo do Brasil. Desafortunadamente, porém, o filme, premiado no último Festival de Cannes, não chegou a San Sebastian para ser projectado na secção informativa.

Por outro lado, a presença de Portugal no certame tem sido sempre (que nos lembre) desastrosa, desprestigiante e vergonhosa, até São para esquecer, situações que ali vivemos e observámos, a propósito da nossa representação no Festival.

Este ano, tudo se repetiu da mesma forma. Infelizmente. Assim, por contraposição e em compensação, melhor seria que faltássemos nós e comparecêssemos os brasileiros.

Portugal esteve representado pelos documentários «Coleção Calouste Gulbenkian», de Francisco Sarfield, e «Fado», de António Macedo. Ambos passaram sem pena nem glória. O primeiro não foi patado (teve os aplausos que o dever de nacionalidade impõe), mas não se coadunava, de forma alguma, com a índole do certame. Quanto segundo, foi uma tarde tristemente memorável a da sua projecção. As vaias, assobios e a patada, no final, assinalaram bem essa exibição.

Mas o pior viria depois com o riso e a ironia que saudaram a sua projecção.

— Pobre e confrangedor a imagem de Portugal — comentavam alguns com comiserção.

— Não há outros filmes? Quem escolhe, quem decide tais representações? — perguntavam outros.

Outros ainda diziam:

— Mas isto é cinema estagnado, de concepção ultrapassada. Na verdade, deveriam circunscrever-se tais filmes ao consumo interno. Porque, do mal o menos. Mas, adiante.

FOTOGRAMAS

Ao apresentar o filme «The rain people» e o seu director, a actriz espanhola Emma Penella traduziu o título da película para castelhano: «Gente da chuva». E acrescentou:

— Gente de San Sebastian, está visto...

Chiste gracioso e oportuno (pois a chuva foi companhia fiel do Festival) que alguns indígenas não acolheram muito bem.

O produtor e os realizadores do filme «Los Desafios», premiado com uma Concha de Ouro, apresen-

taram-se para receber a distinção, não de trajo de gala, como estava determinado, mas sim de fato vulgar e até de camisola e em camisa...

— É a contestação! — disseram uns...

— Estão de acordo com o título da película, observaram outros.

Os aplausos mais vibrantes e as palmas mais demoradas foram, porém, para eles.

Terminada a sessão, foi servida, no tradicional e majestoso Hotel Maria Cristina, junto do Palácio do Festival (onde estavam instalados os artistas e delegações, enquanto os jornalistas ficaram, como vem sendo habitual desde há três anos, no Hotel Monte Iguelo — inaugurado então —, moderno, imponente e com piscina, que se ergue naquela elevação, sobre o mar, perto da cidade) a habitual ceia de encerramento, este ano oferecida pela delegação da União Soviética. Houve caviar e vodka genuínos e não faltou, também, a deliciosa lagosta do Cantábrico (à qual, parodiando, a película de Vicente Aranda, se chamava «cadáver esquisto, mas bem-vindo»). Houve, ainda, demonstração do autêntico «casatchouk» dançado a preceito pelos representantes (elas e eles) do cinema soviético.

Antecedendo a proclamação dos prémios, o presidente do júri Josef von Stenberg, que foi entusiasticamente aplaudido, afirmou a propósito dos galardões:

— Não fiquem tristes aqueles que não foram premiados. Eu, ao longo de uma carreira de cinquenta anos, nunca recebi nenhum prémio...

O. P.



A jovem fadista Odete Mendes passou a gravar as suas interpretações na etiqueta «R. & R.». No final do Verão, Odete Mendes viajará para os Estados Unidos e Canadá, integrada num grupo que também inclui Manuela Maria e Armando Cortes.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

FESTIVAL DE VENEZA

Mais cinco filmes estrangeiros e um italiano foram seleccionados para a próxima mostra internacional de arte cinematográfica de Veneza, que se realiza de 23 de Agosto a 5 de Setembro.

As películas estrangeiras são da Espanha, Checoslováquia (2), Hungria e República Federal Alemã.

A selecção das obras a apresentar no festival estará concluída nos primeiros dias de Agosto.

OS CLASSICOS ITALIANOS VAO A TELEVISAO

A Televisão italiana vai transmitir a partir de 17 de Setembro, em segundo sítio, uma nova série de filmes italianos.

Serão projectados, «La Spiaggia» de Alberto Lattuada, «Estate Violenta» de Valerio Zurlini, «Odisseia Nuda» de Grandi Rosi, «Il Brigante» de Renato Castellani e «Il Bidone» de Federico Fellini.

Exibiu-se com êxito na Figueira da Foz um coral universitário francês

FIGUEIRA DA FOZ, 29. — Exibiu-se, com grande êxito, o Coral Misto Universitário, de Lyon (França) no salão de Inverno do Casino Peninsular.

O programa incluiu dezolito numeros de canto, entre

dos quais «Juventude», abertura da primeira parte da composição de Rui Coelho.

Agradou plenamente este espectáculo pelo afamado agrupamento orfeónico, que foi calorosamente aplaudido.

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

CONTINUA A CONSTITUIR UM EXTRAORDINÁRIO CASO DE SIMPATIA E POPULARIDADE

UM PARQUE DE DIVERSÕES QUE É O ORGULHO DA CAPITAL

EXPOSIÇÕES ABERTAS AO PÚBLICO EM MAJESTOSOS PAVILHÕES

SEMPRE NOVIDADES QUE SATISFAZEM OS GOSTOS MAIS EXIGENTES

TODAS AS ATRAÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE

ABERTURA ÀS 19 HORAS

HABILITE-SE AO SORTEIO DE UMA MOTORIZADA CASAL, OFERTA DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO

NO TEATRO VARIEDADES

HOJE, ÀS 21.45 H.

(Adultos)

VASCO MORGADO apresenta A comédia de ALFONSO PASO

«OS DIREITOS DA MULHER»

Domingos, à tarde, às 16 h.

UM CASO MUITO SÉRIO TRATADO A «RIR»

C.3 TEATRO ALEGRE

HENRIQUE SANTANA	
IRENE VIDRO	COSTINHA
LIA CAMA	
MARIA HELENA	HENRIQUE SANTANA
JOANA DOURA	
HELENA VASCO	BENJAMIM FALGADO

NA CORRIDA DA IMPRENSA

MANOLO CORTÉS

— FINALMENTE EM LISBOA, O GRANDE TRIUNFADOR DA FEIRA DE SEVILHA

Por obra e graça da Corrida da Imprensa, os aficionados de Lisboa vão ter, finalmente, ocasião de ver ao vivo o extraordinário triunfador da Feira de Sevilha, esse famoso Manolo Cortés que, aliás, deslumbrou recentemente o público de Santarém com duas surpreendentes faenas numa das corridas da Feira do Ribatejo.

Manolo Cortés, nascido em Gines, perto de Sevilha, é, actualmente, considerado o melhor representante da escola sevilhana, com o seu toureiro finíssimo e adornado a que alta, no entanto, uma notável profundidade.

Cada actuação sua é um êxito. Nisso, difere bastante dos tradicionais toureiros andaluzes, caracterizados geralmente pela sua irregularidade. Não é, de facto, por acaso, que Manolo Cortés, sem pertencer aos famigerados «trustes» que mimam a festa em Espanha, é, apesar disso, um dos toureiros que maior número de corridas tourearam esta temporada. Pertence ao grupo dos dez primeiros — afinal os verdadeiros ases do mundo taurino.

Manolo Cortés actuará na

O PROLONGAMENTO DO «METRO» ATÉ ALVALADE

Vão começar as obras de construção do troço do Metropolitano, entre a estação Anjos e Alvalade. Estão já na fase de instalação os estaleiros das obras.

A Câmara Municipal de Lisboa tomou as providências necessárias e possíveis, em face dos condicionamentos impostos pela construção prevista, para reduzir ao mínimo os inevitáveis contratempos, que advirão não só para municípios habitando ou com estabelecimentos na zona, como para os que a utilizam como passagem.

Sendo a construção dos Anjos até ao Areeiro a céu aberto, torna-se, em grande parte desse percurso, necessário desviar as linhas dos carros eléctricos para junto dos prédios, o que obrigará à retirada de numerosos anúncios, placas e ocupações congeneres.

A Câmara espera que os municípios colaborem da melhor forma, no sentido de que seja possível, a curto prazo, dar início efectivo às obras em tempo oportuno.

Feira de Agosto no Bombarral

BOMBARRAL, 29 — Vai realizar-se nesta vila, nos dias 1, 2 e 3, a tradicional Feira Anual de Agosto, que é um dos mais importantes certames da região.

Como nos anos anteriores, esta feira constituirá importante mercado de gado de todas as espécies, sendo ainda de realçar uma exposição de máquinas agrícolas.

Corrida da Imprensa com outro famosíssimo diestro espanhol: Paquirri, aliás, o grande ídolo dos aficionados portugueses.

A cavalo, toureiam David Ribeiro Telles e José Maldonado Cortés, correndo as pegas a cargo do Grupo de Forcados Amadores de Santarém.

Triunfo de José Manuel Pinto em Buirguillo

José Manuel Pinto inaugurou uma praça de touros em Buirguillo, provincia de Toledo. O toureiro português alternou com os matadores Calatrano e El Marcenaro.

José Manuel Pinto triunfou, cortando duas orelhas e um rabo.



Manolo Cortés aos ombros de aficionados

O grande espectáculo popular de quinta-feira no Coliseu «A dança e a canção do Norte vêm a Lisboa!»

Na quinta-feira, às 21 e 45, no Coliseu dos Recreios, decorre o espectáculo «A dança e a canção do Norte vêm a Lisboa», organizado pela «Musiarte», dirigida por Maria Odete Amaral, com o patrocínio do nosso prezado colega «Jornal de Notícias».

O programa é dividido em três partes: a primeira, dedicada ao folclore norte-nho, será apresentada pelo poeta Pedro Homem de Mello; a segunda será preenchida com actuação de jovens artistas do Norte, apresentados pelo locutor Alfredo Alvela; e a terceira, com apresentação de Fernando Correia, contará com a colaboração dos conhecidos artistas Cidália Meireles, António Calvário, Mirene Cardinali, Sérgio,

Ada de Castro, Artur Ribeiro e Fernanda Baptista, esta gentilmente cedida pelo empresário José Miguel.

Vai reunir-se o juri da Operação Plus Ultra

Reune-se dentro de dias, para eleger o representante de Portugal, o juri nacional da Operação Plus Ultra que é dirigida, no nosso País, pelo Rádio Clube Português.

Do referido juri fazem parte os srs. dr. Mário António da Cunha Mora, reitor do liceu D. João de Castro, em representação do Ministério da Educação; dr. Fernando Manuel Teixeira de Matos, director dos Serviços de Intercambio da MP, como representante da Mocidade Portuguesa; João Corregedor da Fonseca, jornalista, pelo Grémio Nacional da Imprensa Diária; António Moreira da Camara, chefe do Serviço de Relações Publicas da R. T. P. como representante da Radiotelevisão Portuguesa; e Álvaro Jorge, do Rádio Clube Português.

O representante português terá prémio igual ao dos seus pequenos companheiros espanhol, belga, francês, italiano, alemão e jugoslavo: uma maravilhosa viagem de férias que começará em Madrid no dia 2 de Setembro, voando para Roma, onde serão recebidos pelo Papa, depois Dubrovnik (Jugoslávia), Barcelona, Calella, Palma de Maiorca, Valencia, Alicante, Murcia, Cartagena e, finalmente, regresso a Madrid no dia 27 do referido mês.

A iniciativa deste prémio anual pertence, desde 1963, à Sociedade Espanhola de Radifusão e à Ibéria-Linhas Aéreas.

EMPRÉSTIMOS À LAVOURA

Por despacho do secretário de Estado da Agricultura, foi a Junta de Colonização Interna autorizada, ao abrigo da Lei de Melhoramentos Agrícolas, a conceder empréstimos no montante de 2 364 500\$00 e participações no montante de esc. 1 062 320\$00, sendo 17 000\$00 para o fomento da habitação e 1 045 320\$00 para fomento da motomecanização agrícola.

Foram beneficiados agricultores e organizações da lavoura dos distritos de Aveiro, Beja, Bragança, Castelo Branco, Faro, Horta, Leiria, Lisboa, Santarém, Setúbal, Ponta Delgada, Portalegre, Porto, Vila Real e Viseu.

Da importância do empréstimo destinam-se: 177 200\$, a obras de rega, drenagem e defesa contra a erosão; 122 500\$00, a fruticultura; 378 000\$00, a construções rurais; 360 000\$00, a oficinas tecnológicas; 442 800\$00, a máquinas agrícolas; 65 000\$, a constituição de pastagens e 819 000\$00, a aquisição de prédios rústicos.



NSU 28

agentes em todos os distritos

NSU PRINZ 4



NSU 1000



NSU 1200



NSU TT



AGORA! A NSU EM MUITOS PONTOS DO PAÍS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA COMPLETA E GARANTIDA

ACOES — GARAGEM MACHADO, SUC., LDA. — R. Açoreano Oriental, 31 — Ponta Delgada — S. Miguel / **AVEIRO** — AGENCIA COMERCIAL RIA, LDA. — R. Conselheiro Luis Magalhães, 15 — Telefone 2 40 41/4 / **ALMADA** — AUTO-MONUMENTAL DE ALMADA — Av. D. Afonso Henriques, 24-B — Telefone 27 08 68 / **ANGOLA** — SOCIEDADE COM. LUSO-HOLANDESA, SARL — Caixa Postal 6344 — LUANDA / **BEJA** / **BOMBARRAL** / **BRAGA** — SOC. COM. RIBEIRO & GONÇALVES, LDA. — Largo das Almas / **COIMBRA** — AUTO-BRASIL DE COIMBRA, LDA. — R. do Brasil, 222-D — Telefone 2 85 04 / **CABO VERDE** — CARLOS ALBERTO DE CASTRO E SILVA BARROS — Caixa Postal 68 — Ilha de S. Vicente / **ÉVORA** — ECROS — Empresa Comercial Alentejana de Automóveis, Lda. — R. dos Penedos, 13-B — Telefone 2 40 00/2 / **ESMORIZ** — MANUEL A. COSTA LEMOS — Lugar da Vinha — Telefone 00 26 - 72 169 / **FARO** — AUTO-JUALTA, LDA. — Stand: Largo do Mercado, 54 — Telef. 2 39 68 — Oficina: R. Alferes Arnaldo Luzia da Silva — Telefone 2 39 17 / **GUARDA** — GERMANO G. MORAIS — Agência Automobilística Moraes — R. Vasco da Gama — Telefone 259 / **GUINÉ** — PINHEIRO & C. — Apartado 28 — BISSAU / **LISBOA** — AUTO-EDUARDO COSTA, LDA. — R. de Campolide, 27-B — Telefone 68 76 15 / **FERNANDO GEORGE SILVA** — Alameda das Linhas de Torres, 45 — Telefone 79 05 04 - 79 32 78 / **STAND ROLIMA** de Roberto H. Lima — R. Saraiva de Carvalho, 187 — Telefone 67 38 31 / **LEIRIA** — SOC. AUTO CENTRAL LEIRIENSE, LDA. — Av. Heróis de Angola, 45 — Telefone 23 14 8 / **MADEIRA** — MENDES GOMES & CIA. LDA. — R. Visconde da Anadia, 4 — Telefone 21 19 1 — **FUNCHAL** / **MOCAMBIQUE** — AGENCIAS MUNDIAIS — Av. da República, 154-160 — **LOURENÇO MARQUES** / **PORTO** — J. M. COSTA OLIVEIRA — Stand AUTO-LIS — R. S4 da Bandeira, 662 — Telef. 28 36 3 / 64 58 8 / **PORTALEGRE** — A. SAJARA & CIA, LDA. — R. do Comércio / **SANTARÉM** — MARQUES, LDA. — Av. D. Afonso Henriques, 23 — Telefone 09-877 / **S. TOMÉ** — L. BAPTISTA, LDA. — Caixa Postal 76 / **TOMAR** — MARQUES, LDA. — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 102-104 — Telefone 877 / **TORRES VEDRAS** — COMAUTO — R. Cândido dos Reis, 72 — Telefone 629 / **VIANA DO CASTELO** — SOC. COM. RIBEIRO & GONÇALVES, LDA. — Largo das Almas / **VISEU** — STAND DAMIÃO de M. Pinto Damião — R. Sousa Macedo, 32-36 — Telefone 32 33 8.

NSU SPIDER



NSU R 80



NSU SPORT PRINZ



TEM A QUALIDADE ALEMÃ E O CONFORTO EUROPEU

Representantes Lusolanda, Lda.

Av. António Aug. de Aguiar, 25-C — R. Latino Coelho, 63 — Av. da República, 84 — LISBOA



Manhã na praça

O Manel e o Zé Manel

O Manel abraçava com os pés a balança automática pousada no chão. Assim: o Manel sentou-se por trás da balança e as suas pequenas pernas rodearam a balança como a protegê-la de presumíveis ladrões. Chegava um freguês, o Manel accionava a alavanca, o ponteiro corria para determinado número e o Manel recebia «o que quisessem dar». Ao lado, o Zé Manel apoiava o Manel.

— Belo empregol disse um polícia ao passar.

— São filhos do ceguinho! — elucidou alguém apontando para o cego, alguns passos abaixo, na calçada que leva ao Mercado do Rato.

Juntou-se gente, curiosos com a nossa curiosi-



Poucas bancas tinham peixe no mercado do Rato

dade. Resolvemos deixar a conversa para depois de recolher os peixes.

Estávamos nessa tarefa quando surgiram a nosso lado os dois miúdos.

— Porque nos tirou a fotografia? — perguntou o Manel.

— Tendes uma cara bonita.

— É para sair no jornal?

— Talvez. Não queres?

— Não. Pode vir a polícia prender-nos.

O Manel, de sete anos, ao lado do Zé Manel, de oito, revelou o seu desejo e medo de ter a fotografia no jornal.

— Os polícias são teus amigos. Ainda agora um brincou com vocês!

— Aquê! Aquê! Aquê! É um homem como outro qualquer. Mas se vem o chefe... O chefe da polícia é outra coisa...

O Zé Manel concordava com a cabeça.

— Então sois filhos do ceguinho? E a vossa mãe?

— Morreu em Janeiro. Tinha uma ferida na barriga. Fugiu do hospital...

— Já fosteis presos?

— Já — responde o Zé Manel. — Andava atrás dos eléctricos.

E o Manel:

— Eu perdi-me. Levaram-me para a esquadra. Queriam uma bola e o polícia deu-me uma!

— Quando sai o jornal?

O Zé Manel para o Manel.

— Não te esqueças. É o «Diário de Lisboa».

Quando passámos para baixo o ceguinho trauteava uma cantiga qualquer que desconhecíamos, para si mesmo, e marcava o compasso com os pés.

Disse o Manel:

— Ó pai, esta é a senhora!

PREÇO DOS PRODUTOS

Antes de irmos ao Rato passámos pelo mercado do Bairro Alto. Havia muito pouca quantidade de peixe. Disse a vendedeira:

— É para que veja. Muitas vezes não ganhamos para o comprar.

E já no Rato ouvimos a outra vendedeira:

— Não se vê ninguém na malvada desta praça!

A verdade é que havia muito pouco peixe.

— Não veio nada!

Nada, significa pouco para o habitual e não absolutamente nada.

Vimos o quilo dos rabos de pargo a 10\$00 e 11\$50; da pescada de Sesimbra, a 38\$00 e 39\$60; do linguado, a 44\$00;

joa, a 10\$00; da pescada branca, a 29\$00; da garoupa, a 19\$40; do pargo a 13\$60; do carapau médio, a 10\$00; do carapau grande, a 4\$90; da xaputa, a 7\$90; do peixe-espada, a 9\$50 e 9\$80; do pargo mulato, a 6\$00 e 8\$00; da azevia, a 36\$00; dos rabos de dourada, a 10\$00; do salmone, a 60\$00; das sardas a 5\$00; do goraz pequeno, a 13\$60; e da abrótia a 6\$80.

HORTALIÇA

A couve portuguesa estava a 1\$50; a lombarda, a 3\$00; a alface, a 1\$00; a cabeça do alho francês, a 1\$00 e 1\$50; cada pepino, a 2\$00; e o nabo, a 1\$00 e 1\$50.

O quilo das cenouras vendia-se a 5\$00; do tomate, a 3\$00 e 3\$50; do feijão, a 5\$00; da cebola, a 4\$00; da abóbora, a 3\$00; da batata, a 2\$00; da azeitona, a 8\$00, 10\$00 e 11\$00; dos pimentos, a 6\$00 e 7\$00 e dos alhos, a 10\$00. O molho das nabijas vendia-se a 6\$00; e da beterraba, a 3\$50 e 4\$00.

FRUTA

O quilo da maçã riscadinha vendia-se a 5\$20 e 7\$50; do pêssego, a 10\$40 e 15\$00; da pera carapineira, a 7\$80; da pera pérola, 7\$80 e 11\$50; da ameixa, 10\$40; do limão, a 14\$30; da uva, a 10\$40; do melão, a 6\$50; da laranja, a 13\$00; de banana, a 10\$40 e 11\$00; das rainhas cláudias, a 10\$00; dos figos, a 8\$00; da ameixa branca, a 10\$40; da ameixa encarnada, a 12\$00; do pêssego careca, a 11\$70; e da melancia, a 5\$00.

CRIAÇÃO

A dúzia dos ovos estava marcada a 11\$40, 14\$00, 15\$00 e 15\$40.

Quanto à criação, vimos o quilo do frango vivo do aviário a 19\$00; da galinha, a 27\$00; a galinha do campo, viva a 25\$00; e do coelho também vivo, a 23\$00. A galinha limpa vendia-se a 30\$00 o quilo; do frango limpo, a 26\$00; e do pato vivo, a 22\$00. O pombo estava a 12\$00.

FLORES

A dúzia dos cravos vendia-se a 5\$00; dos gladiolos, a 15\$00; das dalias, a 5\$00; e dos pompons, a 2\$50; o molho das sécias, a 4\$00; e dos malmequeres, a 2\$50.

DONA DE CASA



O Manel, o Zé Manel e a balança: um modo de ganhar a vida

A caça às rolas

a partir de 15 Agosto

e às codornizes, desde 1 de Setembro

A partir de 15 de Agosto, inclusive, é permitida a caça às rolas e outras espécies não indígenas, estas unicamente nos terrenos e pelos processos em que é autorizada a caça àquela espécie — a espera, sem rede e sem cão, na área da Comissão Venatória Regional do Norte nos terrenos e locais dos seguintes concelhos: Alfândega da Fé, Aljô, Amarante, Amares, Arcos de Valdevez, Baião, Braga, Bragança, Cabeceiras de Basto, Caminha, Carraceda de Ansiães, Celorico de Basto, Cinfães, Espinho, Espôndre, Fafe, Felgueiras, Figueira de Castelo Rodrigo, Freixo de Espada à Cinta, Guimarães, Macedo de Cavaleiros, Marco de Canaveses, Matoinhos, Meda, Melgaço, Mesão Frio, Mogadouro, Mondim de Basto, Murça, Paredes, Penafiel, Penedono, Peso da Régua, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Porto, Póvoa de Lanhoso, Póvoa de Varzim, Resende, Ribeira de Pena, Sabrosa, Santo Tirso, Tabuaço, Terras do Bouro, Torre de Moncorvo, Valença, Viana do Castelo, Vila do Conde, Vila Flor, Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Foz Coa, Vila Nova de Gaia, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real, Vila Verde, Vimioso e Vinhais.

Na área do Sul

Nas terras e locais nos concelhos da área do Sul: Alandroal, Albufeira, Alcácer do Sal, Alcanena, Alcobaca, Alcochete, Alcoutim, Alenquer, Aljezur, Aljustrel, Almada, Almeirim, Almodovar, Alpiarça, Alter do Chão, Alvito, Arraiolos, Arronches, Arruda dos Vinhos, Avis, Azambuja, Barrancos, Barreiro, Batalha, Beja, Benavente, Bombarral, Borba, Cadaval, Campo Maior, Cartaxo, Castelo de Vide, Castro Marim, Castro Verde, Chamusca, Coruche, Crato, Cuba, Elvas, Entroncamento, Estremoz, Évora, Faro, Ferreira do Alentejo, Fronteira, Gavião, Golegã, Grândola, Lagoa (Algarve), Lagos, Lisboa, Loulé, Loures, Marinha Grande, Marvão, Mértola, Moita, Monchique, Monforte, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Mourão, Nazaré, Niza, Óbidos, Odemira, Oeiras, Oihão, Ourique, Palmela, Ponte de Sor, Portalegre, Portel, Portimão, Porto de Mós, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Rio Maior, Salvaterra de Magos, Santarém, Santiago de Cacém, São Brás de Alportel, Seixal, Serpa, Sesimbra, Setúbal, Sines, Sobral de Monte Agraço, Sousel, Torres Novas, Vendas Novas, Viana do Alentejo, Vidigueira, Vila do Bispo, Vila Franca de Xira, Vila Real de Santo António e Vila Viçosa. Nesses locais é permitida a caça às rolas, também a partir de 15 de Agosto, em todos os terrenos de restolho, bem como a sua volta, dentro de uma área da largura máxima até 200 passos; dentro de uma área, igualmente com a largura máxima até 200 passos a contar da orla para o interior dos montados, pinhais, olivais, eucaliptais ou salgueirais; junto de qualquer grupo de pinheiros ou pinhais nas fases de «nascedio» e «bastio»; dentro de uma área máxima até 200 passos de largura ao longo das margens dos rios, ribeiras, lagoas ou albufeiras; e dentro de uma área de largura máxima até 200 passos em volta das eiras; e, ainda, nas mesmas condições, em todos estes locais desde que os mesmos não estejam situados dentro das

áreas indicadas e delimitadas dos concelhos de Caldas da Rainha, Cascais, Leiria, Lourinhã, Mafra, Peniche, Sintra, Távira e Torres Vedras. Nos concelhos do litoral marítimo, a caça às rolas pode, ainda, ser exercida, pela forma prescrita na lei, em todos os terrenos, situados dentro de uma área com largura máxima de 800 passos, a contar da orla marítima, ou 400 passos do alto das arribas, para o interior.

Em locais para tal fim designados, não pode, contudo, a caça às rolas ser exercida a menos de 200 passos afastados de cada uma das bermas das estradas nacionais.

A caça às codornizes

A caça às codornizes na área da Comissão Venatória

Regional do Sul, é permitida a partir de 1 de Setembro, em todos os terrenos que estiverem ocupados pelo restolho de arroz mas só após a recolha do cereal; e, quando tal se verifique, também a volta destes restolhos, dentro de uma área de 300 passos de largo, mas isto apenas quando a mesma seja constituída por juncaes, sapais, pastos ervenses ou milharais em adiantado estado de maturação. E além destes locais genéricos, ainda nos que são indicados no edital relativo aos distritos de Lisboa e Santarém e concelhos de Alcobaca, Caldas da Rainha, Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Castro Marim, Faro, Leiria, Moura, Nazaré, Portimão, Serpa, Silves e Távira.

Torna-se imperiosa a modernização da pesagem dos trigos nos celeiros da F.N.P.T.

ALTER DO CHÃO, 29 — Ainda que a lavoura do concelho continue a mecanizar-se, em ritmo aceitável, procurando, assim atenuar a crescente falta de mão-de-obra, não vislumbra no entanto possibilidades de realizar uma das suas mais justas e prementes aspirações: a montagem duma báscula, junto dos celeiros da F. N. P. T.

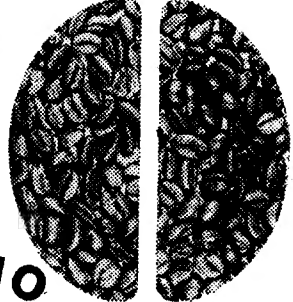
Por mais intenso que seja o ritmo imprimido aos trabalhos pelas ceifeiras, tractores e demais alfaías agrícolas, o mesmo é quebrado, assustadoramente, nos celeiros da Federação.

Com efeito, assiste-se ainda hoje, ali, à anacrónica pe-

sagem dos trigos utilizando-se balança de fracas possibilidades à base de processos braçais e estes, além de extremamente morosos, tornam-se nesta época, muito dispendiosos, e até mesmo difíceis, dada a acentuada crise de trabalhadores. Todas estas circunstâncias contribuem em muito para criar ainda maiores dificuldades à já de si atormentada classe.

Será, pois, que a F. N. P. T. não possa suportar as despesas da montagem da aludida báscula, as quais se nos afiguram irrisórias em face do volume dos cereais entrados, anualmente, nos celeiros, mediante a cobrança das respectivas taxas?

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



eusouo

CAFÉ PURO

SÓ O GRÃO DO CAFÉ GARANTE A VERDADE DO CAFÉ PURO!

puro na plantação! puro na chareira!

beba café puro! exclusivamente!

CAFÉ UNIL

Dizem os leitores...

É URGENTE MODIFICAR E AMPLIAR AS ACTUAIS E FUTURAS ESTAÇÕES DO METROPOLITANO

A propósito da reportagem publicada no «Diário de Lisboa» sobre as obras do Metropolitano que vão começar para prolongamento da linha até o Arceiro, escreve-nos o leitor sr. Eugénio Mota, formulando alguns reparos e considerações que se nos afiguram de interesse num problema premente de interesse colectivo.

No que se refere ao tamanho das estações, às suas dimensões ridículas que permitem apenas a utilização de duas carruagens em cada comboio — diz — «Se actualmente, nas horas de ponta, e por vezes, até fora delas, o metro já está mais que saturado, e é meio de transporte que não se pode indicar a crianças ou pessoas idosas e, em certos casos, até as senhoras robustas — isto na linha única bifurcada existente, quando aos utentes actuais se juntarem os da linha Arceiro-Alvalade, zona populosa, visto que todos se vão encontrar nos percursos da Baixa, e, em grande parte, até à Rotunda. Então a coisa deverá assumir foros de «desastre» nacional. Ou mais simplesmente, muitas das pessoas que utilizam agora o metro terão de desistir de o fazer; e outra parte dos futuros utentes chegará à mesma conclusão.

Repare-se que a empresa já utiliza bastante o material, com comboios quase de

minuto a minuto. Por esse lado, pouco mais se poderá fazer. A curteza de vistas, indamiável mas frequente entre nós, foi a construção de estações para duas carruagens, como limite máximo. Só há três excepções: as estações de Sete-Rios, Rotunda e Rossio, que têm cada uma para quatro carruagens. Isto dá a impressão que se previu para mais tarde o alargamento das restantes, pois não é concebível numa composição que uma ou duas carruagens sejam utilizáveis só em certas estações, e nas outras fiquem no túnel. O que se passa na actual linha é já por demais escandaloso quanto a esta curteza de vistas, e às más condições de utilização. Conheço quase todos os metros da Europa, e nenhum de nascimento tão raquítico. Veja-se o velho metro de Madrid, nascido tanto tempo antes. Parece que nada ganhámos com a experiência alheia. Se me vêm agora dizer que nada há de novo previsto nas novas estações, isto é, que vão continuar a ter cada uma para duas carruagens, então somos levados a concluir que nem sequer aprendemos com a dura experiência do metro que já temos. Mesmo em relação à rentabilidade da empresa, não se compreende como é que ela faz as suas contas, nem como prevê a reintegração dos investimentos, se limita deste

modo dramático a utilização do seu meio de transporte. Como se quer pagar se se recusam passageiros? Destinase a coleccionar deficits?»

E o nosso correspondente põe através do «Diário de Lisboa» estas sugestões:

«Construção de estações para quatro carruagens, em toda e qualquer nova linha; e ampliação urgente das doze estações actuais de dimensão reduzida. É claro que tal ampliação será mais cara do que em construção original, mas isso só se deve à falta de horizonte no planeamento. E quanto mais novas estações se fizerem erradas, tanto pior irá a ainda a tempo, em véspera de obras?»

O HOSPEDEIRO

ROUBOU A HÓSPEDE

SETUBAL, 29 — Que aconteceu na P. S. P. a sr. D. Hortense da Silva Leandro, de 19 anos, divorciada, porque vivendo num quarto alugado em casa do sr. Bernardino Tavares Morais, de 45 anos, montador mecânico na Rua dos Paços do Concelho, o seu hospedeiro, aproveitando a sua ausência, entrou, por duas vezes no seu quarto e subtraiu-lhe, além de um fato para homem, uma aliança de ouro e dinheiro, tudo no total de 2390\$00. O acusado confessou e apresentou cautelas dos objectos que empenhou.

EMBAIXADA DO PERU

A Embaixada do Peru informa-nos que mudou as suas instalações para a Avenida da República, 56, 6.º direito, com o telefone 77 00 67.

COMERCIANTES LISBOETAS CONSTITUEM COOPERATIVAS

Um grupo de comerciantes espanhóis dirigentes da GRUMA (cooperativa madrilenha que reúne mais de 1700 associados), encontra-se em Lisboa, a convite do jornal «O Expositor», do seu director, sr. Carlos Morais, e de um grupo de retalhistas de mercearia de Lisboa. A visita, para além de retribuição, atinge mais alto significado: — trazer aos comerciantes portugueses resultados das experiências e os conhecimentos adquiridos em Espanha com cooperativas, objectivo pretendido por um grupo de retalhistas de mercearia de Lisboa, animados do mais decidido entusiasmo.

Foi já constituída uma comissão de trabalhos, presidida pelo sr. José Antunes Rosa que tem nos seus planos a criação de uma escola de valorização profissional — para benefício dos comer-

ciantes e, principalmente, do publico, e conta já com a colaboração de importantes empresas, nomeadamente a Cinzano Portuguesa.

Os comerciantes espanhóis, acompanhados por um grupo de colegas lisboetas, visitaram ontem as instalações da Cinzano Portuguesa, tendo sido recebidos pelo seu director, sr. Michels Cavaglia, que ofereceu um almoço em sua honra, durante o qual foram trocados afectuosos brindes entre os representantes do comércio dos dois países.

VIDA SOCIAL

D. DUARTE NUNO

A Causa Monárquica informa-nos que partiu para Angola, onde se demorará cerca de uma semana, o sr. D. Duarte Nuno.

A apresentar-lhe cumprimentos no aeroporto, em nome do lugar-tenente, embaixador António Seves, que não pôde comparecer por motivo de saúde, e no da Causa Monárquica, o sr. conselheiro José Augusto Vaz Pinto, presidente da Junta Central.

Boa produção de batata de sequeiro

VILA FRANCA DAS NAVES, 29. — Começaram as colheitas de batata nos terrenos de sequeiro, verificando-se boa produção.

As ceifas de centeio e de trigo estão atrasadas, e há searas de centeio que se ceifa primeiro do que o trigo. Entretanto, as máquinas muito têm auxiliado os trabalhos de ceifas.

Quando as oliveiras ainda estavam em flor, a desapenduação não foi boa, devido às chuvas, pois ficou a flor agarrada à planta, não desa-

penduando convenientemente.

As vinhas estão fortemente atacadas pelo míldio, apesar de serem convenientemente tratadas; e tem havido autêntica corrida às compras de vinho. Nas estradas vêem-se muitas camionetas e camiões carregados de vinhos engarrafados, pipas e cister nas. Há aqui terrenos com boas vinhas, ao lado dos quais se semeia centeio, que não se desenvolve convenien-

temente, pois frutificam boas videiras.

Há proprietários que têm licenças para a plantação de bacelos, mas não fazem uso delas: outros queriam plantá-los e não têm licença de plantação.

NERA

- EMISSORES DE S. S. B.
- RECEPTORES DE S. S. B.
- ESTAÇÕES DE T. S. F.
- RADIOTELEFONES DE V. H. F.
- AUTO-ALARMES
- POSTOS DE BALEEIRAS
- ANTENAS

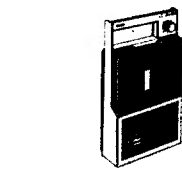
MONTAGENS • ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Consulte a divisão Marítima da:

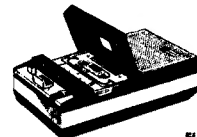


Ondex-Representações Electrónicas, Lda.

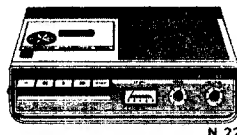
CAMPO DAS CEBOLAS, 39-42 - LISBOA 2 - TELEFS. 864788-864789



N 2200



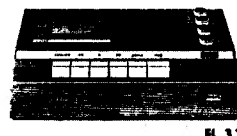
EL 3302



N 2205



N 2500



EL 3312



O máximo em gravadores!



N 4408

Diversidade de modelos e de características. De uma a quatro velocidades. De duas a quatro pistas, "Duoplay" e "Multiplay". Gravação monoral e estereofónica; em bobinas ou pelo INSTANTÂNEO SISTEMA "COMPACT CASSETTE".

PHILIPS

TODOS OS GRAVADORES PHILIPS SÃO EQUIPADOS COM FITA MAGNÉTICA DE ALTA FIDELIDADE "LOW NOISE"

FESTAS E ROMARIAS

Festejos em Alcains em louvor de Santo António

ALCAINS, 29. — As grandes festas a Santo António, a favor da Humanitária Albergaria Major Rato e da Casa dos Pobres, começam em 2 de Agosto e prolongam-se pelos dois dias seguintes com um programa cheio de atractivos:

Dia 2, girândolas de foguetes anunciarão os festejos; às 16 horas torneio de tiro aos pratos no campo de futebol; às 22, abertura do «snack-bar», com petiscos regionais e apresentação do Conjunto Musical «Os Sultões»; às 23, entrega dos prémios do torneio de tiro, fados e guitarradas. Dia 3, às 6 e 30, alvorada pela Banda Alcaínense e salvas de morteiros; às 12 horas, missa solene, sermão e procissão; às 14, prova ciclista, em três voltas, Alcains - Escalões de Cima - Escalões de Baixo -

Castelo Branco - Alcains, com prémios pecuniários; às 20, abertura da casa de chá e apresentação dos conjuntos «Os Sultões», de Alcains, e «Sor Ritmo», de Ponte de Sor; às 22, arraial e fogo-de-artifício. Dia 4, às 7 horas, alvorada com foguetes e morteiros; às 14, a comissão das festas, acompanhada pela filarmónica, cumprimentará a sucessora para os festejos do próximo ano; às 16, abertura da quermesse e venda da flor; prova de corrida retardada de bicicletas, cavalladas de burros e bicicletas; provas de atletismo e outros divertimentos; às 17, tiro

aos pratos, em exclusivo para os alcaínenses; às 20 reabertura da casa de chá, com a apresentação do Conjunto Musical «Os Pelikanos»; e arraial com fogo preso e do ar e do castelo.

Vistasas ornamentações e coloridas iluminações. Carreiras de transportes colectivos asseguradas entre Alcains e Castelo Branco.

Muita animação nas Festas da Covilhã

COVILHA, 29. — Estão a decorrer com muita animação e larga concorrência as Festas da Cidade e a Feira de Sant'Iago, na zona da estação ferroviária. Actuaram, com grande êxito, Hermínia Silva e seus guitarristas, os Ranchos Oriental, de São Martinho, Silveiras e Refugiense Infantil de Cebolais de Cima e a Filarmónica de Castelo Branco, o Conjunto António Mafra, António Mourão, Gina Maria, Madalena Iglésias, o Conjunto Duques de Lisboa, etc.

Numeros do maior interesse foram, também, o concurso de cães da serra e a primeira corrida pedestre de Sant'Iago, organizada pelo C.R.P. Arsenal de São Francisco.

Durante as festas têm tido enorme afluência as Exposições de Colchas de Castelo Branco e de Achados Pré-Históricos, patentes ao público, até hoje, no Museu do Liceu Nacional.

IMAGENS DE MARTE

(Continuação da 1.ª página)

Kennedy há cerca de cinco meses, terão percorrido mais de 98 milhões de quilómetros quando atingirem uma distância a cerca de 3200 quilómetros da superfície de Marte.

As câmaras da televisão do «Mariner-6» foram ligadas a noite passada, mas as imagens recolhidas pela nave não serão transmitidas para Terra senão hoje à noite (1 e 35 horas T. M. G. de quarta-feira).

Os telespectadores de todo o Mundo poderão assistir a uma transmissão de duas horas e 52 minutos de uma série de 33 fotografias paradas, através de uma emissão por meio de satélite. Contudo, o laboratório de propulsão a jacto, nesta cidade, onde as imagens dos «mariners» estão a ser recebidas, não sabe ainda quantos países poderão ver essa transmissão.

O «Mariner-6» atingirá o seu ponto mais próximo de Marte amanhã e o «Mariner-7» em 4 de Agosto.

A primeira das cápsulas concentrar-se-á no trabalho de filmar a região equatorial de Marte e a segunda o Equador, o hemisfério meridional e áreas do Pólo Sul.

O próprio brilho do planeta será utilizado para manter as câmaras de Televisão adequadamente focadas na direcção certa.

Espera-se que os filmes esclareçam especulação há muito existente de que Marte tem coberturas de gelo polar como a Terra e que o resto do planeta é coberto de musgo.

EXAMES PARA AMANHÃ

ENSINO TÉCNICO

Aptidão Profissional do Curso Geral de Comércio

Chamada única

1.ª prova — 9 horas

Prova de expediente geral constituída pelo registo de subcontas, desenvolvimento de cálculos, preenchimento de documentação relativa ao contrato de compra e venda e correspondência comercial.

OBS. — Leia com atenção todo o enunciado do ponto, antes de iniciar a resolução. Trabalhe com calma. Seja metódico e ordenado. Cuide da apresentação da sua prova e organize o trabalho de modo a distribuir as tarefas pelas três horas de que dispõe.

Não esqueça, em particular, de utilizar os tipos caligráficos adequados, para o que deve ser portador de aparos de letra francesa, de letra inglesa, de caneta apropriada e de um pequeno frasco de tinta.

LICEU-INSTITUTOS

1.º, 2.º e 3.º CICLOS

2.º CICLO POR SEC. E DISCIPLINAS

CURSOS DE LÍNGUAS

Francês ★ Inglês ★ Alemão

● Escola São Vicente:

— Rua do Paraíso, 28 — T. 86 59 04

● Externato Marquês de Pombal:

— Rua Carrilho Videira, 10 — T. 83 46 58

— Rua Edith Cavel, 8-1.º — T. 82 02 21

CURSOS DE FÉRIAS

Julho, Agosto e Setembro

SÁ DE MIRANDA

EXTERNATO LICEAL E PRIMARIO

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 — TELS. 45310 E 537532

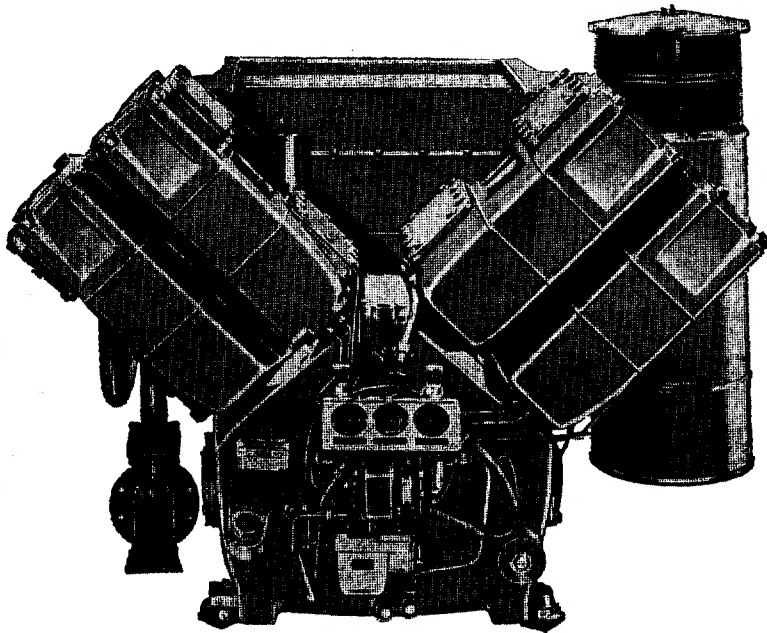
para um trabalho contínuo... ...compressores atlas copco

O que há de especial nos compressores Atlas Copco da série D?

- Capacidade de trabalho contínuo a custo extremamente baixo 24 horas consecutivas, com um mínimo de vigilância.
- Ocupação de espaço muito reduzido.
- A maior segurança, devido aos seus dispositivos automáticos.
- Opção quanto a arrefecimento, a ar ou água.
- Garantia de assistência permanente por técnicos especializados.

E o custo de instalação?

- Praticamente nulo. Se optar por um modelo com motor acoplado, não necessita de qualquer fundação.



Dentro da gama de compressores D, poderá escolher o que mais lhe convier — débitos de ar livre desde 10,8 até 16,3 m³/min. à pressão de 7 Kgs/cm² ou ainda de 9,4 a 21,9 m³/min. a alta ou baixa pressão, respectivamente. Peça detalhes à delegação Atlas Copco, mais próxima: Lisboa (Linda e Velha) Porto Vila Viçosa

Para: ATLAS COPCO apartado 2133 - Lisboa 2
Queira enviar-me o catálogo dos compressores da Série «D»

Nome: _____

Firma: _____

Morada: _____

Tel.: _____

Atlas Copco

põe o ar comprimido ao serviço do mundo

SOCIEDADE ATLAS COPCO DE PORTUGAL, LDA.

Os problemas africanos ensombram a Conferência de Kampala

KAMPALA, 29 — (R.) — A conferência de bispos católicos de toda a África realiza hoje a sua primeira sessão de trabalho, com a sombra da guerra na Nigéria e outros problemas africanos, especialmente a Rodésia e a África do Sul, pairando sobre ela.

A nota política foi dada numa conferência de imprensa pelo arcebispo I. K. Amisshah, de Ghana, informador principal dos sete cardeais e 33 arcebispos e bispos que assistem à conferência em Gaba, a 10 quilómetros de Kampala, de frente do lago Vitória.

Afirmou que não tinham sido apresentadas objecções a que um conteúdo político fosse inscrito no que se planeava originalmente ser uma conferência para discutir tópicos tais como a poligamia em África, sacerdotes casados e o papel de missionários em nações africanas em desenvolvimento.

O arcebispo J. K. A. Aggey, de Lagos, manifestou ontem certa surpresa aos jornalistas por se autorizar tal nota política.

Acrescentou, porém, que, embora fosse o único representante da Nigéria a assistir à conferência, acolhia com agrado a presença de bispos «biafrenses» em Gaba e, no que lhe dizia respeito, ele e os biafrenses eram um só povo.

A PAZ NA NIGÉRIA

Julga-se que o Papa Pau-

Administrador da Gulf Oil por parte do Estado

O prof. Luís Maria Teixeira Pinto, antigo ministro da Economia, foi reconduzido no cargo de administrador por parte do Estado da Cabinda Gulf Oil Company.

A portaria vem hoje no «Diário do Governo».

O governador de Moçambique visitou as instalações petrolíferas de Cabinda

CABINDA, 29 — (L.) — Vindo de Luanda, chegou esta manhã a Cabinda, de avião, o governador-geral de Moçambique, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, que está a efectuar uma visita a Angola, em retribuição da que o tenente-coronel Rebocho Vaz fez a Moçambique em Fevereiro passado.

Depois de se ter deslocado ao local da assinatura do Tratado de Simulambuco, e a Landana, o gover-

lo VI, que encerrará a conferência durante a sua visita a Kampala, ainda esta semana está ansioso por abrir o caminho para a paz em Biafra, com conversações nesta cidade se for possível.

Biafra propôs ontem uma

NOTÍCIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

Os atractivos da praia para a juventude

A nossa famosa praia tem, como se sabe muitos atractivos para a juventude e torna-se excelente para as crianças, não só pelas suas condições naturais, mas, também, o cuidado permanente em proporcionar-lhes bons momentos, conquistando-as, desde logo e tornando-se na sua praia, pela vida fora.

Presentemente, as crianças dispõem de recreios no Jardim Municipal, na praia de banhos e no Ténis Clube; e de piscinas para a aprendizagem e prática de natação. A Comissão Municipal de Turismo proporciona-lhes também uma biblioteca, no Jardim Infante D. Henrique, além de festas infantis. O Casino Peninsular prepara, com regularidade, durante as épocas balneares, às quintas-feiras e domingos, «matinéas» infantis e muitas outras diversões, até às garrafas infantis assistindo ainda crianças à exibição das «vedetas» nos programas daqueles dias. Assim se explica a paixão que as crianças sentem pela Figueira da Foz á qual para sempre se lhe dedicam.

trégua enquanto o Santo Padre se encontrar em África e anunciou que enviaria uma delegação a Kampala durante a sua visita.

Contudo, observadores afirmaram que o programa de 52 horas do Papa nesta capital é extremamente intenso e que são limitadas as oportunidades de possíveis conversações sobre a paz em Biafra.

PAPEL ESTÁTICO DA IGREJA EM ÁFRICA

Num importante discurso que pronunciou ontem na cerimónia inaugural da conferência de três dias o cardeal Zoungana do Aito Volta criticou indirectamente a Igreja pelo seu papel estático em África.

Disse que os problemas de paz dentro do continente deveriam ter merecido maior solidariedade entre membros da Igreja.

Isso teria sido uma contribuição valiosa para a iluminação de consciências por maior justiça e equidade, declarou o cardeal, referindo-se especificamente ao Sudão, Biafra e ao «apartheid» na África do Sul.

Foi sublinhado em Kampala que a Igreja Católica Romana, preocupada pela

crscente alienação dos povos de África, reveria a sua consciência sobre a questão do seu futuro papel nos países em desenvolvimento e sobre a maneira de intervir numa esfera laica.

Contudo, um informador acentuou que esta não é uma conferência que toma decisões e que apenas regras básicas podem ser estabelecidas no tempo limitado antes da chegada do Papa Paulo VI na quinta-feira.

Sua Santidade consagrará um santuário à memória dos 22 mártires católicos que sacrificaram as vidas pela sua fé na Uganda há mais de 80 anos.

NIGÉRIA REJEITA

LAGOS, 29 — (R.) — A República Federal da Nigéria rejeitou hoje uma proposta de Biafra para uma trégua temporária na guerra civil durante a visita de Paulo VI ao Uganda, esta semana.

Um informador autorizado, quando lhe pediram para fazer comentários sobre o pedido de trégua do dirigente biafrense, general Odumegwu Ojukwu, declarou: «É uma sugestão estúpida e idiota. Nem queremos pensar no assunto».

UM MORTO E DOIS FERIDOS NUM ACIDENTE DE VIAÇÃO

Uma camioneta pertencente à firma Rocha & Simões embateu num automóvel, que seguia em sentido contrário, por se lhe ter rebentado um pneu, perto de Brejos de Azeitão.

Foram conduzidos ao Hospital de S. José o ajudante de motorista da camioneta, sr. José Gerardo Canha, de 43 anos, natural de Vila Noqueira de Azeitão, e os ocupantes do automóvel sr. João Geraldo Dinis, de 45

anos, e o filho deste José Francisco Mateus Dinis, de 21 anos, serralheiro, residente na Rua D. Manuel I, 205, 2.º, no Barreiro.

O condutor do automóvel, João Geraldo Dinis, chegou já morto ao hospital. Os restantes ficaram internados com traumatismos vários.

DOCTORAMENTO EM MEDICINA

Na reitoria da Universidade de Lisboa principiaram hoje as provas de doutoramento do licenciado José Manuel Gilão Toscano Ribeiro, cuja dissertação versa o lema «Cálculo e receptor colinérgico de tipo muscarínico (estudo experimental no musculo liso)».

O júri, a que preside o vice-reitor em exercício, prof. dr. Kurt Jacobsohn, é constituído pelos profs. drs. Lobato Guimarães, de Coimbra, e João Roiz de Almeida Garrett, do Porto, além de todos os catedráticos em exercício da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Palácio de Vila Viçosa

Segundo informação do conselho administrativo da Fundação da Casa de Bragança, o movimento de visitantes do Palácio Ducal de Vila Viçosa elevou-se, no primeiro semestre deste ano, a 25 350.

Durante todo o ano de 1968, o movimento foi de 41 756 visitantes.

Necrologia

FALECIMENTO

D. Adelaide Figueiredo de Almeida Pavão

Após sofrimento que suportou com impressionante serenidade, faleceu na sua residência, á Travessa Miguel



D. ADELAIDE FIGUEIREDO DE ALMEIDA PAVÃO

Lupi, n.º 1, o sr.ª D. Adelaide Figueiredo de Almeida Pavão, de 95 anos de idade, viúva do saudoso chefe de contabilidade do nosso prezado colega «O Século», Artur Miguel Pavão.

Era mãe da sr.ª D. Angélica Pereira da Rosa, viúva de João Pereira da Rosa, e das sr.ªs D. Isaura Julieta Figueiredo Pavão, D. Laura Adelaide Pavão de Lima, casada com o sr. comandante Carlos de Oliveira Lima, D. Georgina Pavão Braga de Sousa, casada com o sr. Fernando Braga de Sousa, D. Maria Luísa Figueiredo Pavão; de José de Almeida Pavão, casado com a sr.ª D. Gabrie-

la da Ascensão Carvalho Lopes Pavão; de Joaquim Afonso de Almeida Pavão, administrador de «O Século», casado com a sr.ª D. Laura Segurado Pavão; de João de Almeida Pavão, casado com a sr.ª D. Fernanda do Nascimento Pavão; de Luís de Almeida Pavão, casado com a sr.ª dr.ª Fernanda Guedes Pavão, directora do «Modas e Bordados»; de Humberto Pavão, casado com a sr.ª D. Gertrudes do Nascimento Pavão e, ainda, dos falecidos D. Dulce Pavão dos Santos, casada com o também já falecido José André dos Santos; de Frederico Miguel Pavão, que foi administrador de «O Século», casado com a sr.ª D. Luísa Segurado Pavão, e Álvaro de Almeida Pavão, que deixou viúva a sr.ª D. Guilhermina Rodrigues Pavão.

Deixa 23 netos, entre eles o dr. Guilherme Pereira da Rosa, director de «O Século», e 25 bisnetos.

Só hoje, no cumprimento dos desejos que manifestara, se torna publica a notícia do seu falecimento.

O seu funeral realizou-se na passada sexta-feira para o cemitério dos Prazeres, onde a urna ficou depositado no jazigo da família Pereira da Rosa. Muitas pessoas, nesse numero bastantes senhoras empregadas de «O Século», do «Século Ilustrado», do «Vi-da Mundial» e «Modas e Bordados»; da Colónia Balnear Infantil de «O Século» e da Feira Popular, acompanharam o corpo até á ultima morada.

Amanhã, ás 11 e 30, na basílica da Estrela, será celebrada missa do 7.º dia, pelo rev. Luís da Silveira, prior de Alcácer do Sal e amigo da família.

A família entutada, especialmente ao sr. dr. Guilher-

me Pereira da Rosa, director do nosso prezado colega «O Século», apresentamos sentidas condolências.

FUNERAIS

Fernando Ezequiel Pedro

MONTARGIL, 29 — Vindo o atauê da povoação de Foros do Mocho, realizou-se, com grande acompanhamento, para o cemitério desta vila, o funeral do sr. Fernando Ezequiel Pedro, agricultor. Contava 67 anos, era viúvo, natural e residente nesta freguesia. Pessoa muito estimada na região, a sua morte foi muito sentida.

Virgílio Alves Ferreira

Da igreja de S. Sebastião da Pedreira para o cemitério do Alto de S. João, realizou-se esta tarde o funeral do sr. Virgílio Alves Ferreira, de 61 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Marie Solange Esaguy Soares da Fonseca Alves Ferreira.

O extinto era director do Banco Comercial de Angola, delegado da Companhia de Seguros Ourique, membro do Rotary Clube de Luanda e membro do Automóvel Clube Touring de Angola. Era filho da sr.ª D. Palmira Alves Ferreira e do sr. José Joaquim Ferreira (já falecido).

D. Maria Joaquina Ferreira da Silva

PARDILHÓ (Estarreja), 29. — Realizou-se, esta manhã, para o cemitério local, o funeral da sr.ª D. Maria Joaquina Ferreira da Silva, de 77 anos de idade, solteira.

A extinta era irmã do sr. D. Manuel Maria Ferreira da Silva, arcebispo de Cizico, e das sr.ªs D. Emília Ferreira da Silva, D. Ana Ferreira da Silva, D. Rosa Ferreira da Silva (já falecida); de mon. José Manuel Ferreira da Silva, D. Julia Ferreira da Sil-

va (já falecida), dr. António Ferreira da Silva, casado com a sr.ª D. Emília da Costa Pinto e do sr. Joaquim Ferreira da Silva, casado com a sr.ª D. Maria Alexandrina Pinto Duarte Ferreira da Silva.

Domingos António Pires

BRAGANÇA, 29. — Para o cemitério local, realizou-se o funeral do professor aposentado sr. Domingos António Pires, de 78 anos, viúvo, proprietário, pessoa muito estimada na região e republicano de firmes convicções.

Quando oficial miliciano, de 1916 a 1919, foi comandante da 5.ª companhia do Regimento de Infantaria n.º 10, então aquartelada nesta cidade, tendo tomado parte activa em vários movimentos militares contra as incursões monárquicas, nas regiões de Bragança, Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Vimioso e Vinhais.

José Nunes Correia

Está marcado para amanhã, ás 11 horas, da basílica da Estrela para o cemitério de Benfica, o funeral do malogrado repórter fotográfico José Nunes Correia. O corpo encontra-se depositado em câmara-ardeente naquele templo.

SUFRÁGIOS

Padre Cruz

Passou hoje mais um aniversário natalício do padre Cruz. Por esse motivo foi celebrada missa na capela privativa do cemitério de Benfica. A cerimónia religiosa teve começo ás 9 horas e no seu decorrer foi implorada a Deus a sua beatificação. Durante o dia o jazigo onde repousam os restos mortais daquele sacerdote esteve aberto e foi visitado por centenas de fiéis, muitos dos quais depuseram flores.

VIDA POLITICA

Ministro do Interior

O ministro do Interior recebeu o governador civil de Lisboa; o chefe do distrito de Bragança, acompanhado do presidente do Município da mesma cidade, e o presidente da Camara Municipal do Porto.

Ministro da Educação Nacional

O ministro da Educação Nacional recebeu o arcebispo-bispo de Beja.

CONSELHO

DE MINISTROS

PARA OS ASSUNTOS ECONÓMICOS

Sob a presidência do sr. prof. Marcello Caetano, reuniu-se, esta tarde, no Palácio Nacional de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

SÃO MUITO ABUNDANTES

(EMBORA NÃO COMESTÍVEIS)

AS ESPÉCIES QUE POVOAM AS ÁGUAS DOS AÇORES

— CONCLUI-SE DAS PESQUISAS

FEITAS PELO BATISCAFO FRANCÊS «ARCHIMEDES»

PONTA DELGADA, 29 — «A fauna mais rica que até hoje encontramos» — afirmou o comandante Georges Hout, piloto do batiscavo francês «Archimedes» e comandante do escotador da Marinha de Guerra francesa «Marcel Le Bihan», referindo-se às espécies que povoam as águas dos Açores. Falando ao «Diário dos Açores», de Ponta Delgada,

porto escolhido para base de reabastecimento do batiscavo, o comandante Hout salientou que os trabalhos têm sido «extremamente difíceis, devido aos sistemas rochosos que se estendem, em certas direcções até trinta e cinco milhas da costa, aos fundos muito acidentados e, por vezes, também, à súbita impetuosidade das correntes atlânticas».

As pesquisas, iniciadas em Junho, prolongar-se-ão até fins de Setembro, sob a orientação do Centro Nacional Francês para a Exploração dos Oceanos, e inserem-se na mesma linha das realizadas em 1966, durante dois meses e meio, nas águas da Madeira.

Além do piloto, comandante Georges Hout, a equipa do «Archimedes» é constituída pelo eng.º J. Jarry, do Centro Nacional Francês para a Exploração dos Oceanos, e pelo biólogo P. Arnaud, do Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França. Este biólogo, referindo-se às espécies estudadas, declarou que são «muito abundantes, não sendo, no entanto, comestíveis».

Um geólogo francês chegará em breve a S. Miguel para participar nas descidas do «Archimedes» e efectuar estudos sobre os fundos submarinos, à volta das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria. Em meados de Agosto, chegará a Ponta Delgada o prof. Peres, director da Estação Oceanográfica de Marinha e, director científico das pesquisas no mar dos Açores.

«O LEITOR CONHECE HOMERO?»

Publicamos seguidamente uma carta que nos foi enviada pelo dr. João Sá da Costa. A carta confirma o ponto de vista expresso no artigo com a epigrafe acima: com efeito, no livro mencionado nele, ou seja, a «Odisséia», encontra-se esgotado o primeiro volume e verifica-se, deste modo, a impossibilidade de o público aceder a uma obra fundamental.

Não está evidentemente em causa a acção cultural exercida pela Livraria Sá da Costa, particularmente através da sua colecção de clássicos. Se algumas palavras quiséssemos dedicar-lhe seriam apenas de merecido e total louvor.

Eis o conteúdo da carta: «A propósito do artigo intitulado «O leitor conhece Homero?», publicado em 23 do corrente pelo «Diário de Lisboa», jornal que V. superiormente dirige, impõe-se-nos prestar os seguintes esclarecimentos:

1) A Livraria Sá da Costa Editora, ao lançar a sua colecção de clássicos, em 1937 — cujo objectivo tem sido uma acção difusora das obras fundamentais do espírito humano, nos «domínios do pensar, do imaginar e do sentir» —, logo iniciou a publicação das obras atribuídas a Homero, em versão directa do grego: «Odisséia», em 2 volumes (cuja 1.ª edição data de 1938-39), tradução dos hebraístas Pes. Manuel Alves Correia e Dias Palmeira;

«Ilíada» em 3 volumes (1944-45) e «Poemas e Fragmentos» (1947), tradução do Pe. Manuel Alves Correia.

2) Desde então, todas estas obras permaneceram à disposição do público, através de sucessivas edições. Neste momento, do conjunto dos seis volumes de que se compõe a obra apenas está esgotado o 1.º volume da «Odisséia», de que já vieram a público três edições. E a razão está em que se encontra em revisão a tradução primitiva da obra, subscrita pelo Pe. Dias Palmeira.

3) Ainda sobre a «Odisséia» publicaram os editores a sua adaptação em prosa, escrita pelo dr. João de Barros, cuja 1.ª edição data de 1933, e que corre hoje em 7.ª edição, integrada na «Os Grandes Livros da Humanidade» — colecção que, visando um largo público juvenil e popular, teve a colaboração de um Aquilino Ribeiro, de um António Sérgio, de um Jaime Cortesão.

Todas estas edições têm sido realizadas e tido continuidade — é evidente mas oportuno que se diga —, com o apoio dos leitores, e são muitos, que têm querido conhecer Homero.

Agradecendo o antecipadamente, sr. director, a publicação desta carta para esclarecimento dos leitores do «Diário de Lisboa» e, com os protestos de elevada estima e consideração, subscrevemo-nos, João Sá da Costa.»



Luis Filipe Miguel, José da Silva Loureiro e José Maria Alferes Cid falam-nos da nova situação criada aos utentes da linha de S. Miguel.

OPINIÃO GERAL DOS MORADORES DA LINHA DE S. MIGUEL

AUMENTOS EXAGERADOS NAS ASSINATURAS DA C. P.

Os aumentos das tarifas de assinatura da C. P., que entram em vigor a partir do próximo dia 1, suscitaram grande descontentamento entre os milhares de pessoas que os utilizam. Alega-se, em geral, que as percentagens dos aumentos são muito superiores às que foram praticadas em relação aos bilhetes avulsos. Assim, enquanto nestes os aumentos foram de 3,7 e 11,1 por cento, res-

pectivamente, para a segunda e primeira classes, as assinaturas sofreram aumentos de 20% (mensais); 25% (trimestrais) e 30% (semeestrais).

Acerca da nova situação criada aos utentes das linhas servidas pela C. P., organizámos um pequeno inquérito a que respondem moradores de várias localidades.

Ordenados baixos

Luis Filipe Miguel, carteiro dos C. T. T., morador em Queluz, declarou:

— Até agora pagava pela assinatura semestral de Queluz para o Rossio 512\$. Passo a pagar 671\$50. Este aumento de 159\$50 agrava bastante o meu nível de vida. Compreendo que isso não acontecerá com todos. Comigo, pelo menos, é assim. Pago uma renda de casa de 600\$00. Tenho uma filha de 21 meses. Sou o único a trabalhar lá em casa. Veja se um aumento destes não se torna importante nesta situação.

«De resto, muitos outros se encontram nas mesmas circunstâncias. Muitos colegas meus que moram no Rio de Mouro não sabem também o que hão-de fazer à vida.

José da Silva Loureiro, empregado da Messa—máquinas de escrever, morador em Mem Martins, declarou:

— Moro há vinte e dois anos em Mem Martins, para onde fui devido ao pequeno custo da renda de casa. Pago apenas 500\$00. De resto, nem podia pagar mais. O aumento das tarifas faz-me pagar pela assinatura semestral mais 250\$50; pagava 856\$50, pago agora 1107\$00. É claro que isto torna-me a vida ainda mais difícil. O nosso mal é que só temos o comboio. Se este faltar não há outro meio de transporte...

Casas e transportes:

razões para morar longe José Maria Alferes Cid, caixeiro de praça, residente em Aqualva, disse:

— Acho pesada a taxa de 30% sobre as tarifas que estavam em vigor. Em Aqualva, as pessoas com quem tenho falado estão todas descontentes. São já centenas as que tomam todos os dias o comboio com destino a Lisboa.

«Quando fui morar para Aqualva, há três anos, a assinatura custava 600\$00. A partir de Agosto passarei

a pagar, to, a 1 aument tante meu pr ser ali mais 30 Tudo k ficli a 1 tenho lha, est

Espectáculo a favor de Josephine Baker

MÓNACO, 29 — (F. P.) — Josephine Baker e os seus doze «filhos», de raças e nacionalidades diferentes, residem actualmente no principado de Mônaco. A artista será vedeta de um espectáculo a realizar no dia 8 de Agosto, na gala da Cruz Vermelha monegasca. Esta festa será precedida no dia 5 por uma noite de beneficência, sob a presidência dos príncipes de Mônaco, a favor da associação «Fraternidade Universal», da qual Josephine Baker é presidenta. Será também projectado o filme «Zouzou», com Josephine e Jean Gabin. Rodado em 1934, este filme

é uma produção de Arys Nissotti.

Durante uma recepção, Josephine declarou aos jornalistas: «Este filme foi terminado em 32 dias, com um orçamento que Maria sorriu qualquer produtor de curtas-metragens. Para a cena das cascadas, vieram moto-bombas municipais de todas as localidades dos arredores de Paris. E Marc Allegret teve um êxito na realização. Imaginem que só em Londres o filme teve o exclusivo de um ano».

Finalmente, a artista declarou que esta gala era muito importante para ela pois ia permitir-lhe salvar o que ainda pudesse sê-lo.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



RESTAURANTE E SNACK-BAR — Telefone 44444
Avenida da República, 14-A — LISBOA — PORTUGAL

3.º ANIVERSÁRIO

Com mais um Ano de existência, agradece a todos os seus estimados Clientes e Amigos a preferência que lhe têm dispensado, assim como a todos os que, directa ou indirectamente, têm contribuído para o seu progresso.

A ADMINISTRAÇÃO



CASCAIS

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO ATÉ 20 ANOS

Lote 22

Andares com 4 e 4/5 divisões assoalhadas desde 490 contos

Lote 16

Andares com 4 divisões assoalhadas desde 435 contos

emaco

Rua Barata Salgueiro, 53 r/c
em Lisboa, Telefone 539016

FOI CRIADA EM A CASA DOS PORTUGUESES

Com o objectivo de defender os interesses dos portugueses residentes em Espanha e difundir e valorizar a cultura portuguesa, começou a funcionar em Madrid, a «Casa dos Portugueses».

Os corpos gerentes foram agora eleitos em assembleia geral e ficaram, assim constituídos: assembleia geral — presidente, Duarte Egas d'Avilez Pinto Coelho; vice-presidente, eng.º Raul Vaz de Almeida; secretários, dr. Manuel Marques Ferreira e André Jaime Raposo Pettermann; direcção — presidente, Felisberto Lopes Vaz; vice-presidente, Rui Neves;

tesourei guel Vi ximino meida reira; sário X nuel do plentes, Abranch fael Vã do em te Petr cal — dro Fer José E José G A Ca em Ma de Gar fone 22 todo o ruseses Madrid,



utentes da linha de Sintra

DE SINTRA ADOS A C.P.

a pagar 714\$50. No entanto, a renda de casa não aumentou: isto não obstante as casas vagas no meu prédio estarem já a ser alugadas por 800\$00, mais 300\$00 que a minha. Tudo isto torna muito difícil a vida, tanto mais que tenho um filho e uma filha, esta última a estudar.

O HOMEM NA LUA

— Tema da reunião
do Rotary Club de Lisboa

Efectuou-se hoje, com a presença de mais de uma centena de rotários visitantes e convidados, a reunião habitual do Rotary Club de Lisboa. Presidiu o sr. dr. Angelo de Almeida Ribeiro e na mesa de honra entre outras personalidades estavam os srs. John Ammott, Stephen Baldanza e Herbert Winer, da Embaixada dos Estados Unidos da América.

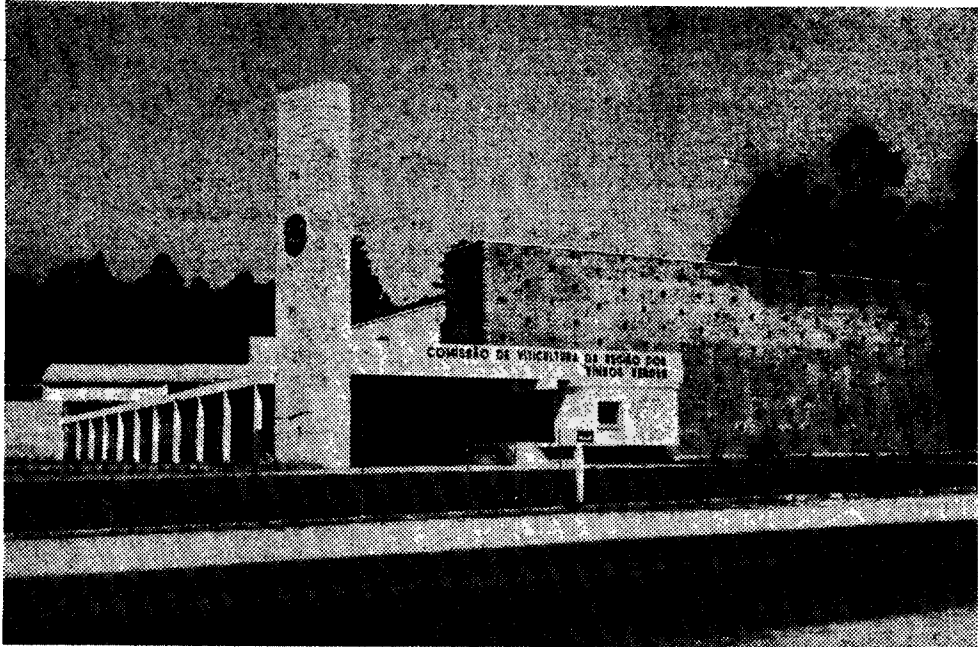
O presidente fez a aposição do emblema rotário ao novo sócio sr. Roderick Anthony Reynolds, e declarou que a sessão era dedicada a um dos maiores feitos da história da humanidade — a recente presença do homem na Lua.

O sr. almirante Sarmento Rodrigues, no uso da palavra, declarou que o clube não poderia deixar de exprimir o seu entusiasmo pela realização de um dos maiores feitos da humanidade, em toda a sua longa história. «Este ano em que vivemos — acentuou — ficará marcado pela chegada dos primeiros homens à Lua; e este nosso século, apesar de tantos e tão grandes acontecimentos e progressos, não terá porventura outro maior, mesmo que se assista a viagens interplanetárias. Por-

que os problemas fundamentais para os movimentos do homem através do sistema solar, para a sua libertação do nosso planeta, parece estar basicamente resolvidos. E assim poderemos dizer que este nosso século será o século do «homem na Lua», porque nenhum outro feito se lhe sobreporá».

A propósito falou de outros acontecimentos também de grande significado na história da humanidade feitos por portugueses e afirmou: «Não regateemos, portanto os louvores áqueles que nesta extraordinária empresa espacial nos Estados Unidos, na Rússia, na França, na Alemanha, na Inglaterra, seja onde for estão empenhando a sua inteligência e os seus recursos para bem da humanidade.»

Seguidamente o rotário sr. Eurico da Fonseca, uma das maiores autoridades portuguesas sobre a astronáutica, fez uma palestra em que focou os aspectos técnicos — desde os seus preparativos até à alunagem e feliz regresso à base do voo do Apolo 11. No final foi passado o filme acabado de chegar dos Estados Unidos, em que foram apresentados os principais momentos da viagem.



A gravura mostra o armazém recentemente inaugurado da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, na Maia, às portas da cidade do Porto. Trata-se de uma unidade cujo custo orçou por 14 mil e 400 contos e que faz parte da infra-estrutura de intervenção no mercado. Nos anos de superprodução podem armazenar-se ali os vinhos de qualidade que a Comissão de Viticultura retira da produção por aquisição aos viticultores. A construção do armazém foi iniciada em Outubro de 1965. O conjunto possui uma capacidade de 6 milhões de litros (ou 12 mil pipas) distribuídos por 256 cubas, sendo quatro delas de «lote». Tem três pavimentos, constituindo um deles uma cave enterrada e totalmente isolada dos restantes andares, por forma a funcionar como câmara de temperatura controlada.

São aí armazenados os vinhos depois de submetidos a um tratamento de refrigeração. A cave tem uma capacidade de duas mil pipas. Nos anexos do armazém foi instalado um equipamento para tratamento técnico do vinho, constituído por aparelhagem de pasteurização, refrigeração e filtragem, com capacidade para um tratamento horário da ordem dos 6 mil litros de vinho. Noutro anexo será montado um alambique tipo «Charentais» para ensaio de preparação de aguardentes de boca. O armazém foi já facultado na última campanha pela Comissão de Viticultura às adegas cooperativas da região, que deste modo puderam armazenar excedentes de 1967 para 1968. Finalmente pode dizer-se que a produção média anual de toda a região é da ordem das 500 mil pipas, sendo o número dos seus produtores superior a 110 mil.

DIALOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferreira

EM princípio é bom fingir que se aceitam certas coisas.

Mas também é bom mostrar que se não crê nisso que se aceita. Toda-via, pelo sim pelo não, vamos lendo o que dizem astrólogos, a quirologia, ouvindo os leitores de boas e más sinas. Uns por popularismo, por inocência de analfabetos (e somos tantos e tantos, senhores!), por serem filhos ou netos ou sobrinhos de porteiros de Lisboa, de polícias urbanas, de sargentos com pé-de-meia, de operários da construção civil arvorados em empreiteiros; outros por snobismo cultural, por cretinismo, por sofisticação, por «la pagismo», por qualquer coisa enfim que se chama publicidade enciclopédica. Por burguesismo mental. Por estratégia. Por cabotinismo. E por oportunismo também...

Homem, atenção! Há conhecimentos científicos levados da breca! Não se trata da ciência cibernética, daquela exactidão de pôr naves na Lua, sem tripulação ou cobaias dentro. Não. É um tipo de ciência em fase de «aproximação», uma protociência, digamos, para deixar o assunto mais límpido. É um saber de estatística social, baseado num inquérito à opinião por exemplo: em cada cem pessoas consultadas, oitenta querem o pudim sem manteiga, então todos devem querer um pudim assim. No dia seguinte, dez ou onze máquinas publicitárias lançarão para a boquinha da gente o pudim sem manteiga da marca «coma já e pague depois». Dito isto assim, lá se vai a dignidade da minha prosa e o tumulto neurótico de minhas elucubrações filosóficas. Concordo. Concordo, mas é muito útil mostrar que se podem escrever juízos de relativa importância e efeito antimistificador usando as receitas estilísticas da «forma» publicitária.

De que género de ciência se trata? Concretamente penso que é uma forma de Sociologia empírica, baseada nos factos positivos, predisposta a aceitá-los à superfície, tal como se apresentam em sua aparência exterior. Mesmo no domínio da motivação é ainda a exterioridade que se observa através de técnicas de inquérito. Uma vez verbalizado o motivo que estimula os cem inquiridos, sabidas as suas tendências, apreciado o seu condutismo e enquadrado no seu contexto social, determinado o poder de compra, a sua influência, a direcção do seu voto, expressa a sua decisão, uma vez tudo isso estatisticamente montado, o «técnico» confirma se sim ou não aqueles cem patos bravos deverão continuar a conservar aquele motivo, aquele impulso, aquele tic, aquele modo de gastar o seu dinheiro, aquela opção política. Se sim, óptimo! Pois muito bem, reforcemos as suas razões. Cantemos

bem alto a sua glória: seja como ele, use colarinhos apertados! Se não, pior para ele, mas a dificuldade não é de grande monta: não seja como ele (um desmazelado, um pé-de-boi, um burro, um nazi, um flic, um bera) use o colarinho branco, seja limpo, limpiíssimo!

Que espécie é esta de ciência? Uma protociência de técnicas fáceis, que aceita, por demagogia, por interesse mercantil, por simples pragmatismo, determinado tipo de conduta. Uma ciência que se ocupa do rastreio de estereótipos e os aplica de acordo com a ambição de seus patrões, em conformidade com o plano financeiro, em obediência às premissas do sistema. Por exemplo: põe-se como alvo a conquista da opinião pública para uma cruzada militar. A ciência servir-se-á das suas experiências de campo para conduzir o homem, transformá-lo em «robot», desafiá-lo no plano da sensibilidade estética e moral, alterar nele o sentido dos valores que mais autenticamente o defendam da alienação.

Ora vejam bem: que sorte de ciência é essa que não modifica, apenas escolhe, a via conformada ao totalitarismo da sociedade de consumo? Com efeito, parece ser característico da atitude científica a previsão da marcha dos fenómenos, próprio do seu método a intervenção no sentido mais favorável ao desenvolvimento harmonioso do ser humano e da sociedade que o compõe. Não se compreende, portanto, que a ciência aceite funções meramente empíricas, estatísticas, desvinculadas do plano dos valores. É a «morte» do humanismo e não a degradação do velho humanismo aquilo a que estamos a assistir. Só isto! O que cumpriria à sociologia, às ciências humanas em geral? Descobrir a complexa origem da conduta, conhecer a marcha dos estímulos no velho cérebro do homem, obter uma autêntica cognição, reelaborar tais conhecimentos em função de interesses superiores aos que naturalmente a espécie acumulou, agir, enfim, no quadro de uma ampla tábua de valores. Que valores?

Ou melhor: que valor fundamental deve nortear a ciência do homem? Respondo: a liberdade condicionada pelo conhecimento. Ensinar ao homem o que é o homem, permitir que ele opte livremente no âmbito da verdade científica. Isso, em vez de cientificamente o conhecer, fazer bota com tal conhecimento, pôr o desgraçado a salivar em frente de sua própria autodestruição, amando tudo quanto o destrói!

Isto não é ciência, com certeza! Homem, não sejas pateta!

Em três linhas

Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Torre de Moncorvo o sr. António Emílio Barreiras André, em substituição do dr. Camilo Augusto Sobrinho, que pediu a exoneração.

O Banco de Crédito Comercial e Industrial, com sede

em Luanda, foi autorizado a aumentar o seu capital de 150 mil para 200 mil contos.

Foi reconduzido na presidência da Câmara Municipal de Ponte de Sor o dr. Manuel José Fernandes.

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

CHOCOLATES TIGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUS

Actualidade internacional

UM VAI-E-DEM ENTRE A TERRA E O ESPAÇO

Por NICOLAS VICHENEY

Com os seus andares para descida e subida e o seu aspecto desconcertante, o L. M. foi especialmente concebido para os voos lunares. Ninguém pensaria em fazê-lo gravitar, como a 'Apollo-9, à roda da Terra, a não ser para a experimentar. No entanto foi esta a admirável ideia que tiveram os partidários do lançamento em órbita terrestre dum pequeno observatório astronómico.

Fazer subir um telescópio à volta da Terra foi sempre o sonho dos astrónomos a quem a nossa atmosfera incomoda. Sem dúvida que o O. A. O. (Orbiting Astronomical Observatory) foi uma primeira incarnação das esperanças que desde o nascimento da astronautica tinham nela posto. Mas podia alimentar-se a esperança, sem disso ter a certeza, de que o apontar de um instrumento por homens fosse mais eficaz do que o de aparelhos automáticos.

Da conjunção dos anseios dos astrónomos e da existência do L. M. saiu o *Apollo Telescope Mount*: um L. M. revisto e modificado para se tornar base dum bom telescópio.

A primeira vista, a associação não deixa de ser curiosa: equivale a montar uma peça de artilharia de Marinha numa chalupa. Mas esta associação, só pode ser concluída devido às suas insuficiências: se o L. M. — bastante modificado — pode transportar um grande instrumento, e se pode ser lançado da Terra, é de facto incapaz de a ela regressar. Além disso, é demasiado exiguo para que se pense em lá meter durante algum tempo homens que tenham a responsabilidade do telescópio.

Como moscas

Era portanto preciso fornecer ao A. T. M., como se lhe chama normalmente, um apoio. Os engenheiros de George Marshall Space Center, dirigido por Werner von Braun, e onde foram imaginados e realizados os foguetões da série «Saturno», encontraram uma solução simples: um andar de foguetão vazio. Com mais exactidão, vazio de combustível que terá previamente utilizado ao colocar-se em órbita a si próprio.

O candidato estava de antemão designado: o S. IV B, segundo andar do «Saturno-1» melhorado e terceiro andar do foguetão «Saturno-5», o qual, sem atingir as proporções gigantescas dos dois primeiros andares do foguetão lunar, não deixa de ser igualmente espaçoso. É preciso visitá-lo para o verificar. Cilindrico, evidentemente, oferece aos astronautas, uma vez arrumado, um habitáculo em forma de torre. Nem sequer faltam as goteiras, sob a

forma de pequenos motores dos dispositivos de comando de altitude.

No interior, dois andares que somente são ligados por uma estreita mangueira. Nenhuma escada: o engenheiro é feito para abrigar homens em estado de ausência de peso. Outras consequências desta situação: o tecto e o soalho, e também as paredes, são cobertas por um gradeamento. Este foi concebido para a colocação de calçado especial. Deste modo os ocupantes poderão, uma vez no espaço, comportarem-se como homens-moscas do nosso planeta e andar tanto no tecto como no soalho, assim como nada os impede de dormir em pé ou com a cabeça para baixo; o local reservado ao sono é portanto dos mais reduzidos; aqui, o leito tradicional é substituído por um simples armário. As camas-armários não se encontram dispostas uma sobre a outra, mas sim frente a frente. A arrumação recorda tristemente as latas de sardinhas! Talvez seja este o sentimento que constrange os astronautas, porque pouco adiante encontra-se um leito mais normal, mas com um arrelho: ali dormirá um astronauta, de tal modo que não possa soltar-se.

Um grande circo

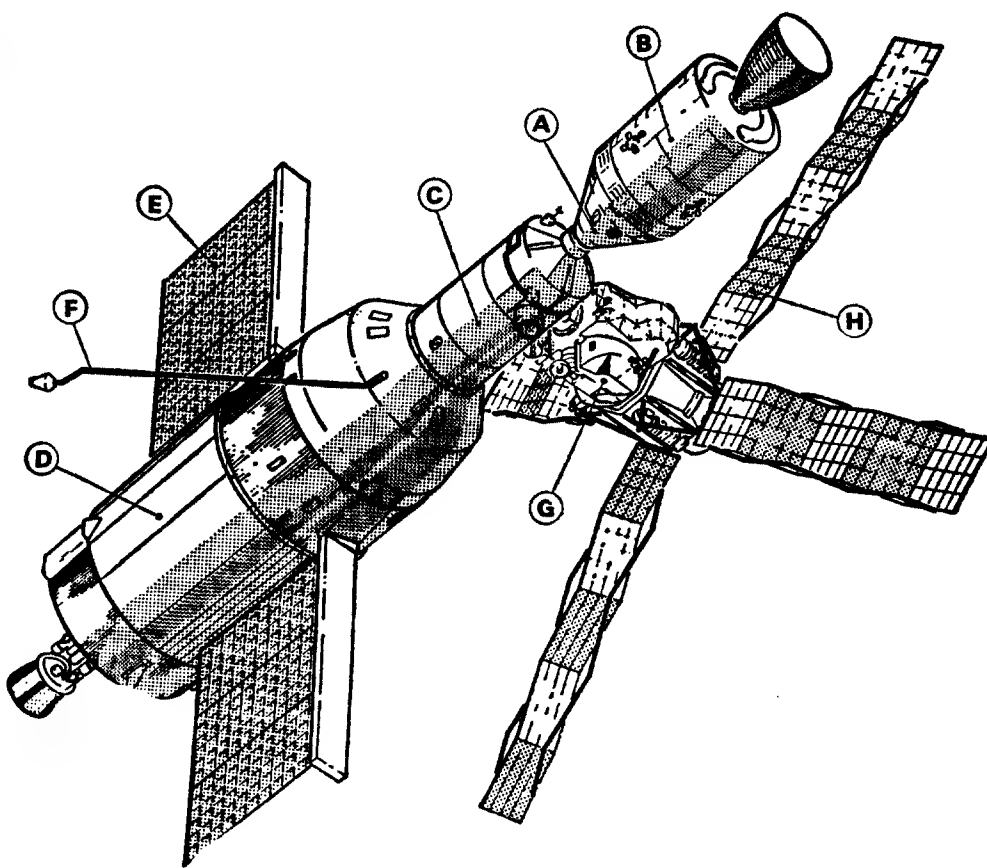
Por muito confortável que seja este habitáculo, comparado com os actuais engenhos, não deixa de sentir-se ali uma sensação de claustrofobia: está-se apesar de tudo num reservatório e nada de admirar, portanto não existe janela. Em contrapartida, haverá a bordo com que se distrair entre duas actividades: o reservatório tornou-se oficina (workshop); tudo se encontra lá preparado para trabalhar.

O trabalho, pelo menos de início, consistirá principalmente em ver-se trabalhar. Porque antes de servir de base logística aos astronautas-astrónomos que irão «servir» o A. T. M., a oficina será empregada para estudos médicos. O objectivo é fácil de adivinhar: como se resiste psicologicamente e fisiologicamente às condições dum voo espacial que se prolonga? A pequena bicicleta sem rodas em que será necessário pedalar — sem descolar — fornecerá, por exemplo, melhores resultados do que uns extensores? As cobaias

poderão dar lugar a mais autênticos trabalhadores.

Com efeito suceder-se-ão equipas diferentes na mesma oficina, de que se prevê por enquanto o lançamento de um único exemplar. A partir do fim de 1971, ou mais provavelmente, a partir do começo de 1972, organizar-se-á um verdadeiro comboio entre o espaço e a Terra, que permitirá ao Kennedy Space Center dar novamente provas de si.

Um foguetão «Saturno-1-B» — é inútil utilizar um «Saturno-5», que seria demasiado potente — colocará em órbita, ao mesmo tempo que o seu segundo andar, um adaptador: é uma espécie de encruzilha-



Já se encontram traçados os planos da primeira estação espacial americana. Compreenderá uma nave Apollo: (A) a cabina; (B) o compartimento motor; um adaptador (C) que liga entre si os diversos componentes; a oficina (D) com os seus grandes painéis solares (E) e a sua antena (F); o telescópio Mount (G) com os seus painéis solares (H)

da volante nada tendo, além de quatro portas, uma das quais dá para o «reservatório». Este será expurgado imediatamente dos restos de hidrogénio e de oxigénio que lá possam ter ficado uma vez terminada a combustão.

No dia seguinte, outro foguetão «Saturno-1-B» colocará em órbita uma nave «Apollo», com a sua cabina e respectivo compartimento motor. Depois duma manobra não menos clássica de encontro, a tripulação amarrará a sua

cabina ao adaptador, que lhe abrirá acesso ao reservatório transformando-se em oficina de trabalho.

Instalada confortavelmente, pelo menos é de esperar que assim seja, a tripulação só terá que encher-se de paciência.

Vinte e oito dias depois, abandonando a oficina, regressará à Terra na cabina da nave «Apollo», deixando a oficina vazia.

Dai a dois meses repete-se a manobra. A tripulação que então vai ocupar a oficina terá que ali permanecer cinquenta e seis dias.

Meses após o seu regresso, outra vez a mesma manobra. Desta vez a preocupação será menos de medicina do que de astronomia.

Logo a seguir, com efeito, partirá outro foguetão «Saturno-1-B» que propulsará um L. M. transformado em A. T. M., portanto sem tripulação. E, automaticamente devido aos sistemas propulsores próprios do L. M., o A. T. M. irá amarrar-se ao adaptador.

Então a primeira estação espacial americana ficará constituída. Em volta do adaptador, placa giratória do dispositivo, compreenderá esta a oficina, o A. T. M. e uma nave «Apollo».

O seu aspecto evocará simultaneamente o dum avião e o dum helicóptero. Do avião, a estação terá duas grandes asas fixadas à oficina: painéis solares. Do helicóptero, terá as pás: quatro compridos e estreitos painéis solares fixados no A. T. M. Cada qual, com efeito, terá a sua fonte de energia: a cabina vive das pilhas de combustíveis do seu compartimento motor; a oficina das suas duas grandes asas e o A. T. M. das suas quatro pás.

Definir a função do A. T. M. é o principal problema que os ocupantes da oficina terão a resolver. Como as pás serão fixadas de modo rígido ao A. T. M. e orientadas na direcção de onde vem a luz, o mesmo acontecerá para com o telescópio: o A. T. M. especializar-se-á no estudo do Sol. Mas não se contentará com um estudo grosseiro, e umas vezes inte-

ressar-se-á por esta tarefa, outras efectuará missão diferente. Como o A. T. M. é solidário com toda a estação, será a estação inteira que precisará constantemente de ser apontada e voltada a apontar com extrema precisão. Um rico exercício em perspectiva...

E será preciso actuar relativamente depressa: cinquenta e seis dias de trabalho, e a tripulação regressará à Terra, abandonando para sempre a estação em órbita.

Um material «limitado»

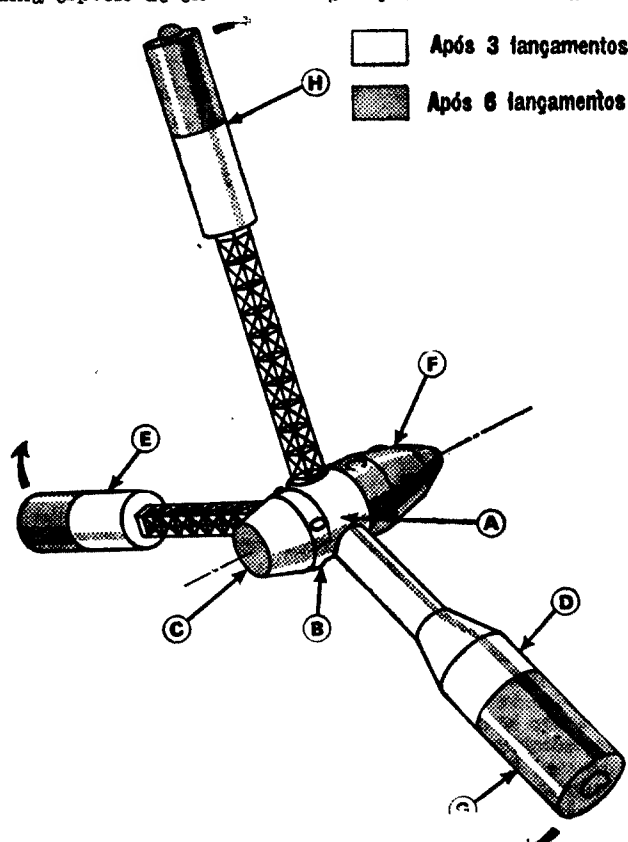
Aqui deve suspender-se, pelo menos segundo os planos actuais, a utilização em volta da Terra do material «Apollo». Nada há a censurar nisto, a não ser o... ter sido concebido para a conquista da Lua. Já não dá portanto uma flexibilidade muito grande de emprego. Três homens, é pouco... Uma única peça é excepção: o foguetão «Saturno-5». Sem dúvida que foi concebido para disparos lunares e tem capacidade para comunicar velocidade de libertação a cargas úteis dum 45 toneladas. Mas, utilizado para colocações em órbita terrestre, pode levar cargas úteis dum peso até 120 toneladas, e não se pensa por enquanto em construir um lançador mais potente. Além disso, é um investimento que é necessário procurar amortizar.

Exclusivo «Le Monde» - «Diário de Lisboa»

SACERDOTE DETIDO

BILBAU, 29 — (F. P.) — O padre Luís Maria Bereciartua, pároco de Berriz (Biscaia), foi preso pela guarda civil e conduzido à cadeia de Basauri por ordem das autoridades militares, sabendo-se de boa fonte. Deverá ser julgado em tribunal militar por actividades terroristas.

O padre Bereciartua fora já preso em 4 do corrente com um seminarista, descobrindo a polícia a «autómvel em que seguem uma importante quantidade de «propaganda subversiva».



Ao lançar a indústria um apelo de ofertas para o estudo aprofundado duma grande estação permanente, a N. A. S. A. indicou várias concepções possíveis. A configuração por agora mais considerada é a chamada «gem Y». Inclui um núcleo central (A) que gira sobre si próprio mas em que reina uma gravidade zero e que inclui uma parte imóvel (C) para a amarração com os engenhos que fazem vaivém entre a estação e a Terra. A ligação entre as partes fixa e móvel efectua-se num sector especial da estação (B). Na parte em rotação são montados três braços: no primeiro, em (D) encontra-se um compartimento ligado às outras partes da estação e que inclui a residência da tripulação. Nos outros dois braços, cujas extremidades não são ligadas ao centro da estação, encontram-se os locais dos reactores nucleares (E). Três lançamentos são suficientes para colocar em órbita a estação. Mais três devem completá-la acrescentando-lhe um laboratório chamado a trabalhar em gravidade zero (F), um habitáculo complementar para a tripulação (G) e outras instalações nucleares (H)

O DEBATE NA O.N.U. SOBRE PORTUGAL

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 29. — (F. P.) — O Conselho de Segurança «censurou enérgicamente» Portugal pelos seus «ataques» contra a Zâmbia.

A votação foi constituída por 11 votos contra zero e 4 abstenções. Só as três potências ocidentais que fazem parte da N. A. T. O. (Estados Unidos, Inglaterra e França) se abstiveram, bem como a Espanha.

Os dois países latino-americanos membros do Conselho, a Colômbia e o Paraguai, votaram com os países afro-asiáticos (Argélia, Nepal, Paquistão e Senegal) que haviam apresentado a resolução depois de terem aceitado substituir a palavra «condenado» por «censurado».

O Conselho também preveniu Portugal de que, se não acabasse imediatamente com os ataques contra a Zâmbia, se reuniria para tomar outras medidas. O presidente do Conselho de Segurança, Ibrahim Boye (Senegal), não deixou de salientar, antes de encerrar a sessão, que o Conselho ficava ciente do caso e que «esta fase» só tinha terminado.

O representante do Senegal, cujo país já teve a ocasião de acusar Portugal devido a incidentes na fronteira da Guiné Portuguesa, deixou assim entender que o Conselho poderia ser convocado de novo por ocasião de um próximo «ataque» das forças portuguesas.

Não é a primeira vez que Portugal foi citado por um organismo da O. N. U. e o representante de Portugal, Bonifácio de Miranda, não deixou de fazer notar, logo depois de efectuada a votação, que a resolução adoptada não correspondia às realidades e, em seguida, exprimiu as «extremas reservas» do seu Governo.

Portugal pode fazer salientar que a decisão tomada pelo Conselho é nula, pois a Zâmbia votou enquanto o artigo 27 da Carta prevê que uma das partes de um diferendo não tem direito a voto.

«Nula» ou não, a resolução servirá, porém, de trampolim para o debate da próxima Assembleia Geral sobre os territórios portugueses de África.

Mesmo que surgisse um outro incidente neste meio tempo, seria muito mais difícil, senão mesmo impossível, reunir a maioria necessária à aplicação de medidas (sanções) contra Portugal.

As sanções atingem interesses económicos enquanto que a censura ou a condenação são só apreciações políticas ou diplomáticas.

Esta diferença manifestou-se, aliás, durante todo o debate em que a maior parte dos membros achou relativamente fácil desaprovar a atitude de Portugal exprimindo a esperança de que as modificações recentemente registadas na chefia deste país se traduzam, mais tarde ou mais cedo, por uma modificação da sua «política colonial».

O representante da França resumiu, decerto, o pensamento do Conselho, quando afirmou que «os incidentes registados entre a Zâmbia e Portugal só constituem elementos da situação tumultuosa que reina na África Meridional. Esta situação não poderá melhorar de modo verdadeiramente duradouro senão no dia em que todos os povos da região tenham sido colocados em situação de exercerem o seu direito de dispor de si mesmos».

Solicitado a fazer comentários sobre a resolução aprovada pelo Conselho de Segurança, o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, disse:

1.º — Nenhuma situação grave foi criada por Portugal e as alegações da resolução a este respeito são completamente infundadas, pois o incidente a que o texto faz referência não se produziu, sendo Portugal ao contrário quem tem sido vítima dos ataques permitidos pela Zâmbia;

2.º — Não existe a menor razão para se fazerem dirigidas quaisquer censuras a Portugal, que se baseiam em alegações não provadas durante os debates;

3.º — As acusações de Portugal à Zâmbia foram demonstradas e não desmentidas;

4.º — As forças militares portuguesas jamais raptaram quaisquer cidadãos

zambianos, e nenhuns se encontram detidos, nem tão pouco se apossaram de quaisquer bens zambianos;

5.º — O texto da resolução não faz a menor alusão aos contactos bilaterais entre os dois Governos, e nos termos da Carta da O. N. U. o Conselho de Segurança deveria precisamente ter recomendado que os dois Governos prosseguissem esses contactos como métodos de solução de divergências;

6.º — A resolução não ordena à Zâmbia que esta devolva os dois militares portugueses que foram raptados pelas autoridades zambianas e que continuam detidos, arbitrariamente, contra todas as normas internacionais e com desrespeito das decisões do poder judicial da Zâmbia;

7.º — Finalmente, a resolução aprovada omite qualquer referência à existência de bases terroristas na Zâmbia, e aos ataques que daquelas são lançados contra territórios portugueses e estes factos deveria o Conselho de Segurança ter condenado vigorosamente.

Nestas circunstâncias, por virtude do carácter parcial da resolução e pelas suas graves omissões, o texto é manifestamente inaceitável. Registe-se que os três membros permanentes do Conselho — Estados Unidos, França e Inglaterra — assim como a Espanha, não aprovaram a resolução.

NIXON NO SUESTE ASIÁTICO Oposição da S.E.A.T.O. à retirada americana

BANGKOK, 29. — (R.) — O presidente Nixon teve forte oposição quando se avisou hoje com funcionários da SEATO para lhes explicar a sua decisão de reduzir os compromissos militares americanos no continente asiático.

Círculos informados anunciaram que Nixon teve de enfrentar o argumento de que a pressão militar norte-americana não devia ser reduzida, para dissuadir os comunistas e evitar mais Vietnamas.

O receio de que a Tailândia, fiel aliado dos americanos, possa ficar exposta à subversão comunista se os Estados Unidos retirarem todas as forças terrestres, foram também expressos a Nixon, quando conferenciou com o primeiro-ministro da Tailândia, Thanom Kittikachorn, e com o secretário-geral da SEATO, general Jesus Vargas.

A sua estimativa da situação seria que a presença americana era necessária para impedir os comunistas, que doutra forma poderão virar-se para a Tailândia e outros países depois de acabar a guerra do Vietnam.

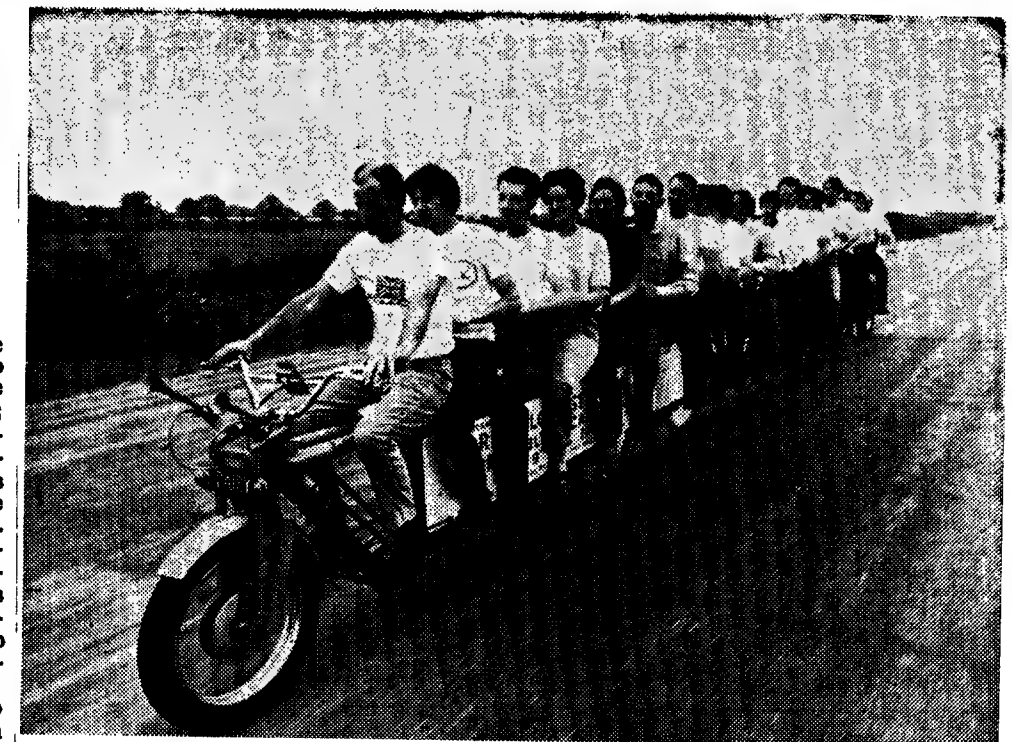
Estas ideias vão contra as de Nixon, que no entanto, e, segundo se afirma, tem

plena consciência do receio da Tailândia que pensa que será submetida a uma grande pressão comunista se a guerra do Vietnam terminar sem uma nítida vitória aliada e se a penetração militar do Laos pela China e pelo Vietnam do Norte continuar a processar-se.

O SALVADOR PODERÁ ABANDONAR A O.E.A.

S. SALVADOR, 29. — (R.) — Círculos geralmente bem informados anunciaram que a retirada do Salvador da Organização dos Estados Americanos está iminente se não forem dadas garantias de segurança aos naturais do Salvador residentes nas Honduras.

Ontem à noite aqueles círculos comunicaram que o Salvador considerava que tinha recorrido ao «direito de legítima defesa» quando nem a O.E.A. nem qualquer outro organismo internacional pôde impedir as expulsões em massa e os ataques aos na-



DAVAM GRANDES PASSEIOS AOS DOMINGOS — Esta bicicleta, de nome «Daisy», pode transportar vinte e uma pessoas. Pode transportar mas não transporta: a Polícia considera-a um perigo para o trânsito. De modo que «Daisy» e os seus passageiros estão condenados a utilizar, para os seus grandes passeios de domingo, a pista do aeródromo da cidade inglesa de New Hilton, onde o fenómeno nasceu. Aeródromo abaixo, pista acima

RATOS SERÃO POSTOS EM CONTACTO COM AMOSTRAS DA LUA

HOUSTON, 29. — (R.) — Serão postos, hoje, em contacto com ratos fragmentos da superfície lunar trazidos para a Terra pelos astronautas da missão Apollo 11. Segundo os cientistas, a matéria lunar trazida não difere substancialmente da matéria terrestre.

O objectivo desta experiência é verificar se o solo lunar, que, segundo as análises, se revelou um solo «muito pobre» em relação ao nosso, contém organismos hostis à vida terrestre.

Os cientistas do Laboratório de Recepção Lunar consideram esta hipótese extremamente pouco provável, e uma primeira observação do conteúdo orgânico do material indica que será muito difícil este solo poder alimentar seres vivos.

Os ratos foram especialmente criados num ambiente esterilizado, para os tornar mais susceptíveis a qualquer infecção.

Os cientistas, muitos deles já convencidos de que as crateras lunares, cober-

tas por uma camada de glóbulos brilhantes de vidro, têm origem vulcânica, descobriram, ontem, que a poeira lunar continha «minúsculas esferas de vidro, maravilhosamente brilhantes e polidas».

Um grupo de cientistas concordou ontem, à noite, durante uma comunicação à Imprensa, que todas as amostras rochosas que vieram até agora podiam ter sido encontradas na Terra.

O material lunar foi observado, através de janelas, numa câmara de vácuo, onde está encerrado até se saberem os resultados das análises biológicas.

O dr. Don Morrison, petrólogo, declarou que o tipo mais comum de rocha parecia ser «cristalino, possivelmente de origem ignea».

O professor Eugene Shoemaker afirmou estar convencido de que até agora parecia haver provas «esmagadoras de que os mares tinham sido formados por torrentes de lava».

Os seus colegas foram mais prudentes nas suas afirmações, mas a maioria

concordou que as pequenas esferas de vidro, de cores entre o castanho e o amarelo-opaco, foram formadas pela superfície lunar quando foi bombardeada por fragmentos cósmicos ou meteoritos.

O dr. Shoemaker disse que, na sua opinião, a idade média do Mar da Tranquilidade, onde alunaram os astronautas, era inferior a 500 milhões de anos. Porém, outros mares poderiam ser consideravelmente mais recentes, acrescentou.

O cientista salientou, também, que não tinham ainda concluído as análises do gás proveniente da caixa de amostras aberta no domingo.

«Na realidade, havia muito pouco gás, talvez uma quantidade para um microbio respirar, ou semelhante», declarou o cientista.

A poeira lunar, que cobria todas as amostras de rochas, constituiu inicialmente uma dificuldade para a sua observação visual, e criou, também, problemas aos astronautas quando alunaram.

As análises biológicas do material lunar, que devem começar hoje, incluem, também, estudos sobre os seus efeitos, se os houver, em peixes, baratas, moscas domésticas e plantas.

Serão, também, estudados os seus efeitos em seis culturas de diferentes tecidos humanos e animais.

NOVIDADE

A CHINA
NO ANO 2001

por
HAN SUYIN

Ilustrado c/ 336 pág.
60500

A VENDA
NAS LIVRARIAS

GOLPE DE TEATRO

WASHINGTON, 29. — (F. P.) — O Salvador provocou a noite passada um verdadeiro golpe de teatro na reunião ministerial interamericana ao lançar uma contra-ofensiva diplomática sob a forma de um pedido de sanções contra as Honduras que acusa de violações dos Direitos do Homem em face das medidas tomadas contra os cidadãos salvadorense radicados no seu território.

Esta diligência pôs praticamente em causa todas as bases da reunião interministerial, bem como os esforços de mediação da Organização dos Estados Americanos, os relatórios dos grupos de observadores «in loco», as conclusões da maioria dos governos e talvez mesmo o prestígio da O. E. A.

A sensação foi de tal ordem que suscitou uma diligência pessoal em plena madrugada do secretário-geral da O. E. A., Galo Plaza, junto da embaixada do Salvador.

GRANDE CAMPANHA DE FRIGORÍFICOS

NOVOS PREÇOS

NOVOS MODELOS

NOVAS CONDIÇÕES DE VENDA

SEM fiador
SEM entrada inicial

Visite as 2 lojas

Vapedrone

prestações mensais desde

7750 \$

SEDE 54 - Rua da Vitória 56 - Telef. 33323

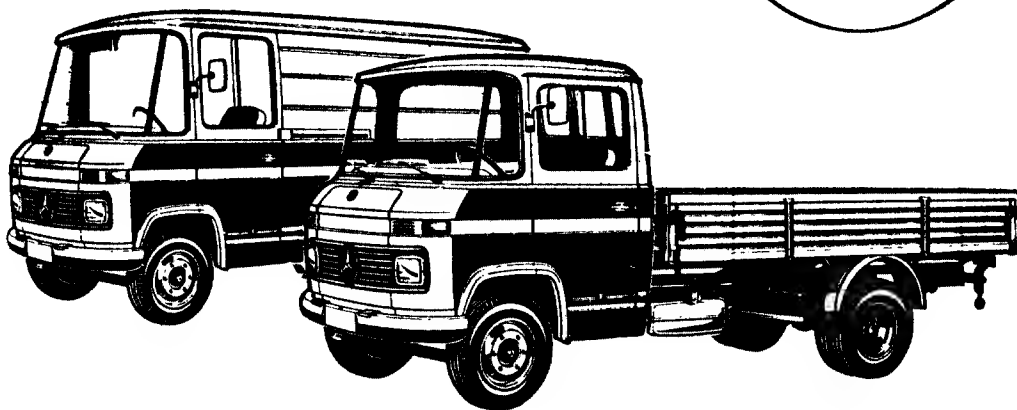
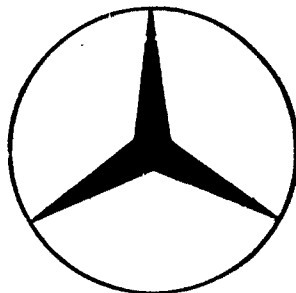
FILIAL 17 - Rua dos Fanqueiros - 19 - Telef. 320376



L4060

A NOVA LINHA DE VEÍCULOS COMERCIAIS

MERCEDES-BENZ



Pesos brutos	3.500 Kg	4.000 Kg	4.600 Kg
Carga útil	1.460/1.635 Kg	1.930/2.130 Kg	2.530/2.760 Kg
Comprimento da caixa de carga:	Galera (Chassis normal) — 3,24 a 3,50 metros		
	Galera (Chassis longo) — 3,82 a 4,40 metros		
	Furgão — 3,08 metros		
Altura interior do furgão:	1,75 a 1,80 m		
Versões:	Chassis com cabina		
	Galeras		
	Furgões normais		
	Furgões frigoríficos		
	Mistas para 6, 9, 10, 13 e 16 lugares		
	Autocarros para empresas e colégios		

C. SANTOS S. A. R. L.
Rua Artilharia Um, 101-A, B - Lisboa
Filiais em: Porto Coimbra Braga Faro Olhão
Agentes em todo o País

INSTITUTO DE OBRAS SOCIAIS

I. O. S.

RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES EM LISBOA

O Instituto de Obras Sociais dá, por este meio, conhecimento aos interessados de que está aberta a inscrição para a frequência da sua Residência de Estudantes, em Lisboa, (Avenida da República) destinada a alunos do sexo masculino do ensino secundário, médio ou superior, que sejam filhos de beneficiários das Caixas de Previdência integradas no I. O. S.

Informa-se que o presente concurso está aberto até 31 de Agosto e que, na apreciação dos pedidos, será dada preferência aos bolsistas do I. O. S.

As inscrições ou quaisquer pedidos de esclarecimentos devem ser dirigidos à Sede do Instituto de Obras Sociais — Av. Miguel Bombarda, n.º 1, em Lisboa.

O PRESIDENTE
H. Veiga de Macedo

Serviço Regular de Passageiros

— ENIRE —

LISBOA - MADRID

A partir de 21 de Julho próximo, a

«A TRANSPORTADORA SETUBALENSE»

DE

JOÃO CANDIDO BELO & C., LDA

estabelece um novo serviço semi-directo, entre LISBOA (Avenida 5 de Outubro, 54-C) e o CAIA, com paragens apenas em Setúbal, Montemor-o-Novo, Estremoz e Elvas, com partida de LISBOA às 8 horas e chegada à fronteira do Caia às 12.30 horas

Este novo serviço tem ligações asseguradas directamente para Madrid, com a Empresa AUTO-RES, cujos autocarros partem do CAIA às 14 horas, dispondo assim os passageiros de 1 hora e 30 minutos para almoço no restaurante do Caia e para as formalidades fronteiriças.

O horário de chegada a MADRID, é às 21 horas.

No sentido de MADRID para LISBOA, os autocarros da AUTO-RES partem da capital espanhola às 8 horas e chegam à fronteira do Caia às 15 horas, tendo ali ligação com os da Empresa BELOS, que partem para LISBOA às 16 horas, chegando a LISBOA às 20.30 horas.

Este novo serviço integra-se na política de fomento turístico empreendida pelas autoridades dos dois países e será feito todos os dias, podendo os passageiros fazer a viagem completa ou apenas em parte do percurso, continuando os bilhetes válidos para o restante.

Além disso, as duas Empresas asseguram ligações às respectivas redes de transporte de que são concessionárias em Portugal e Espanha, o que permitirá aos passageiros escolherem itinerários para zonas de praias, monumentos, touros, caça, etc.

LISBOA - CAIA (Fronteira)

COM LIGAÇÃO DIRECTA PARA MADRID
através da Empresa Espanhola AUTO-RES,
com o horário que a seguir se transcreve:

LISBOA-CAIA (Fronteira)-MADRID		
	Cheg.	Part.
Lisboa	—	8.00
Setúbal	8.49	8.49
Montemor-o-Novo	10.12	10.12
Estremoz	11.26	11.26
Elvas	12.16	12.16
Caia (Fronteira)	12.30	—
Madrid	21.00	—
Efectuam-se diariamente		
Início em 21-7-969		
MADRID-CAIA (Fronteira)-LISBOA		
	Cheg.	Part.
Madrid	—	8.00
Caia (Fronteira)	—	16.00
Elvas	16.14	16.14
Estremoz	17.04	17.04
Montemor-o-Novo	18.18	18.18
Setúbal	19.41	19.41
Lisboa	20.30	—
Efectuam-se diariamente		
Início em 21-7-969		

Azeitão, 19 de Julho de 1969,

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

MISSORA — 1.º Programa — 45' m — 665 kc/s As 16: Notícias, 6 e 05: Consonetes por Agnaldo Royal, 6 e 15: Tradições, Costumes e Turismo dos Açores, Culinária de Saudade pelo dr. Correia da Costa; 6 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa pelo dr. Marques Pereira, 8 e 10: As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais, 18 e 40: Conjuntos instrumentais, 19 e 45: Rádio rural música só música; 20: Diário sonoro, 20 e 20: Um solista... uma orquestra; 20 e 40: 16.º episódio do folhetim «Tristeza à Beira-Mar»; 21 e 30: Música ligeira; 2 e 40: Tempo de jazz, por Raul Calado; 22 e 0: Espectáculo magazine de teatro, cinema e balado, 22 e 30: Fados, por Maria do Rosário Bettencourt; 22 e 50: Melodias, pela Hollywood Strings, 23 e 05: Programa da noite; 24: Noticiário e programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 6 e 33: Duplo concerto em sol maior op. 7 (Johann Nepomuk Hummel); 17: Discos raros. Interpretações do barítono Tito Ruffo, obras de Rossini, Leoncavallo, Ambroise Thomas; 17 e 30: Perspectivas da obra de Carl Nielsen; 18 e 30: Rádio educativa (auditorium juvenil); 19: Horizonte literário, por Amândio Cesar e Mário António; 19 e 15: Dança e ballet pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 37: Quarteto n.º 11 em fá menor op. 95 (Beethoven); 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música de arco, suite para violino (Popinau-Couture), pelo violinista Steven Stark; 20 e 30: A ópera «Le roi d'ys» de Laïa, comentada por Maria Helena de Freitas

VOZ DO OCIDENTE — 397 m — 755 kc/s — As 23: A voz do ocidente; 1 e 15: Fecho

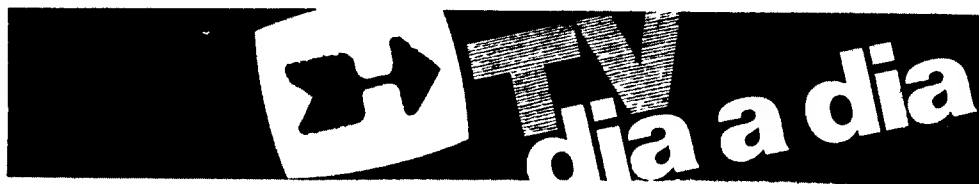
MF 2 — Das 9 às 22 e 58: 2.º Programa MF 2; 23: Música portuguesa; 23 e 46: Stabat Mater (Vivaldi), solista, orquestra «Pro Musica» de Estugarda dirigida por Marcel Couraud; 0 e 00: Canções de Sibelius pelo barítono Tom Krouse com acompanhamento de piano e guitarra; 00 e 15: Ciclo «A sonatas», «Os mestres de Viena»; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento riscado; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo do anteceder; 19 e 30: Rádio-jornal; entre os 20 e os 21, hoje convidadas... 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Jornal dos espetáculos; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e paleta religiosa; 23 e 22: Grande rodó; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Alta fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e fecho

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Organistas famosos; 18 e 30: Terço e bênção do Basilíco das Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Música; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m 1594 kc/s — 94,4 mc/s. Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30. Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e das 1 e 30 às 7. Rádio Graça — Das 10 às 12 e das 22 às 2.



HOJE PODE VER...

«TV CLUBE» COM JOÃO MARIA TUDELA

Realizado por Harlander Peyroteo, transmite-se, cerca das 21 e 50, o programa musical da série «TV Clube», com a participação de João Maria Tudela, que cantará poemas de José Gomes Ferreira, Fernando Pessoa e Saul Dias.

A fechar o mesmo «TV Clube», Tudela cantará ainda os jovens poetas Jorge Massada, Ema Vicente e Miguel Apolinário, cujos poemas têm sido publicados no suplemento «Juvenil» do «Diário de Lisboa».

O acompanhamento estará a cargo da orquestra

dirigida por Jorge Machado.

João Maria Tudela, excelente cancionista que tem sabido procurar encaminhar-se para novos e melhores rumos, mais sérios e mais válidos, abandonando e rompendo absolutamente com o panorama quase gera, e nada interessante da canção em Portugal, prossegue, pois nessa orientação, em busca de autenticidade e seriedade oferecendo ao público valores consagrados e novos da poesia portuguesa. Assim adquire a canção outra dimensão e profundidade.



João Maria Tudela, um valor autêntico da nossa canção volta hoje a apresentar-se, perante as câmaras da TV, num programa que vai certamente interessar o público

«O BOM GIGANTE»

Realizado por John Florea, exhibe-se, pelas 19 horas, mais um episódio em que intervêm como principais intérpretes: Denisei Weaver, Clint Howard e Sidney Blackmer.

O professor Hugo Meyerdorf, tem um urso amestrado. Ele resolve que chegou a altura de se reformarem e, enquanto ele se instala num lugar agradável, deixa Victor, o seu urso, em Everglades, ao cuidado de Tom Wedloe...

AS ENFERMEIRAS

«MOSTRE UM MOTIVO PORQUE DEVA CHORAR» é como se chama o episódio de hoje, a exibir, cerca das 22 e 35, e que nos diz que o pequeno Dick Cooper, de 4 anos, com fracturas de costelas, queixa-se à enfermeira Gail Meas de que foram os pais que lhe bateram...

São intérpretes principais Shirl Conway e Zina Bethune.

II PROGRAMA

Transmitida no I programa em 20 de Maio do corrente ano, volta a apresentar-se, no II programa, cerca das 21.30, a tragédia «Oteio», de Williams Shakespeare, traduzido e adaptado por Norberto Ávila e realizada por Pedro Martins, sendo os cenários de António Casimiro Do elenco, destaca-se Rogério Paulo como protagonista.

canal da crítica

«ZIP-ZIP»: 35 MINUTOS CONTRA 36 POR CENTO

1 — A rábula do prestamista ofendido

O programa estava a resvalar para uma perigosa situação de monotonia, não totalmente salva pela quase novidade da vocação cancionista de Rui Mingas a quem falta agora maior assiduidade na canção para se libertar dos vícios que o amadorismo justifica mas que os ouvintes não perdoam. O cantor holandês de canções portuguesas, que já conhecíamos através do «Horizonte»; o mestre Caçóilas («a minha técnica de pintura é arquitectónica...») a dar uma triste ideia do sentimento popular rebaixado ao nível da boçalidade; a actuação de Mário, de tenra idade, que ninguém sabe o que virá a ser e muito menos, como ele deseja, se virá a ser artista; de momento, claro, é tudo tão imprevisível...; a conversa com o russo que reside em Portugal há 29 anos, massagista de Calouste Gulbenkian e que no «Zip-Zip» massajou nostalgicamente uma balalaica depois de nos ter massajado os ouvidos com histórias insípidas e filosofias baratas — eis as rubricas que preencheram a primeira parte do programa e transportavam alguma areia para os olhos dos telespectadores.

Eis senão quando se deu o golpe de teatro: Solnado iria participar na maior rábula da sua vida: «A rábula do prestamista ofendido». Situação em que, pela primeira vez, Solnado não era a figura central. O projectador das estrelas apanhava o sr. Jaime Rodrigues, presidente da Associação Portuguesa dos Prestamistas.

2 — Romaria do agravado

Para os não segunda-feiristas da Televisão portuguesa, a história conta-se em duas palavras.

No antepenúltimo «Zip-Zip», Solnado interpretara o papel de Alfredo, o carteirista. A certa altura, o Alfredo manifestava o desejo de não morrer sem assaltar uma casa de penhores, pois «ladrão que rouba a ladrão tem cem anos de perdão».

Imediatamente a Associação de Prestamistas reagiu com o que se imagina ser uma ameaça de processo ju-

dicial. Terá posto, como alternativa, o desagravo através do espectáculo do Villaret e das câmaras da Televisão portuguesa. A convite de Solnado, dirigiu-se ao palco do Villaret o cavalheiro acima mencionado, com o triplo objectivo de provar: a) a leviandade do Alfredo carteirista encarnado por Solnado; b) a legalidade da acção dos prestamistas; c) o carácter de nenhuma ladrocinice da actividade dos prestamistas.

3 — «Ladrão precisa-se» vai processar Solnado?

O primeiro objectivo não ficou de modo algum demonstrado. Solnado, actor e autor da rábula do Alfredo, está no seu pleníssimo direito de criticar as pessoas ou as instituições que muito bem entender e, sempre que se resolver a fustigar aquelas forças ou aquelas instituições das quais resultem, para o povo, opressão, prejuízo

ou incómodo, saiba que tem por si todo um direito, toda uma moral e toda uma tradição que acompanham a arte desde a sua origem.

Raul Solnado, agora impugnado por indivíduos pertencentes ao grémio de outros indivíduos que enxameiam a cidade pode ver-se impugnado por outras forças atingidas na sua rábula. Entre elas, os criadores das séries de televisão acusadas pelo Alfredo de lhe ensinarem muitos truques do seu ofício. Sem falar na «honrada» classe dos carteiristas, representada, retratada nas vigarices e nas roubafeiras do Alfredo. Sem falar nas classes ricas (ALFREDO: — Roubo só as pessoas modestas. Os ricos não roubam, não, porque os tipos chateiam-se) que podem perfeitamente protestar contra este juízo. Chatear-se, eles? Eles que são tão compreensivos, tão etc, tão etc...

Estamos, assim, em presença de mais uma tentativa das instituições para se defenderem da crítica com todos os perigos que se adivinham

4 — Quando a emoção é travão

As palavras do prestamista foram afogadas por uma verdadeira tempestade de protestos por parte do público presente no Teatro Villaret. O sr. Jaime Rodrigues viu-se deste modo impossibilitado de lhe comunicar a legislação que valida a actividade dos prestamistas.

Fez mal o público do Villaret. Cedeu ao movimento de repulsa por uma actividade que, bem vistas as coisas, não se diferencia substancialmente de outras actividades da sociedade contemporânea. Actividade, diga-se, que desde sempre tem merecido a condenação popular e o combate dos artistas mais lucidos. Dramaticamente, usurários, meus senhores, a vossa posição é insustentável. Quem vos defende?

O público, porém, cedeu à tempestade emocional, e o

(Continua na página seguinte)

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal; 9 e 50: Enciclopédia; 20 e 15: TV Social; 10 e 40: Se bem me lembro, pelo prof. dr. Vitorino Nemésio; 21: Telejornal; 21 e 30: IV Jogos Luso-Brasileiros; 21 e 50: TV Clube; 22 e 35: Série Dramática «As Enfermeiras»; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 50: Meditação e fecho.

II Programa — As 21: Telejornal; 21 e 30: Noite de Teatro — «Oteio»; 23 e 45: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — As 19: Abertura; 9 e 02: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Programa feminino; 20 e 15: Desenhos animados; 20 e 30: Em Foco; 21: Telejornal; 21 e 35: Recital pela violoncelista Elisabeth dos Anjos. Ao piano: Oga Prota. No programa: Sonata em lá maior de Boccherini e Rapsódia de Popper. Realização de Fernando Frazão; 22: Noite de Teatro — «Casa da Penha», de Figueiredo de Barros. Realização de Félix Ferreira. Interpretações de: Joaquim Rosa, Luís Cerqueira Rui Furtado, Luís Filipe Rui Mendes, Emília Correia, Barreto Pereira, Miguel Orrico, Patrício Alvares, Vieira Marques, Elvira Velez, Suzana Prado e Irene Cruz; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 50: Meditação e fecho.

II Programa — As 21: Telejornal; 21 e 30: Folhetim — «David Copperfield»; 21 e 55: Se Bem Me Lembro, pelo prof. dr. Vitorino Nemésio (no I Programa em 29-7-69); 22 e 15: Série do Oeste — «O Maioral»; 23 e 30: Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS

Director — Prof. Vasco Botelho de Amaral
AULAS DE 80 MINUTOS

50 minutos + 30 minutos (CLASSE) + (LABORATÓRIO)
LIÇÕES INDIVIDUAIS em 6 MODALIDADES

Inscrições na 1.ª Secção
Rua Mouzinho da Silveira, 25
Tel. 538494

EXTENSÃO CULTURAL

pelo Rádio Clube Português:
Hoje, às 19.45
(Emissor de Lx.)

6.ª-Feira, às 23.15
(Emissor do Porto)

DINHEIRO !...

ECONOMIA !...



J. PIMENTA, S. A. R. L.

190 CONTOS RENDEM-LHE 1187\$50 MENSAIS GARANTIDOS POR ESCRITURA PÚBLICA DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS

ADMINISTRANDO DIRECTAMENTE PODE OBTER UM RENDIMENTO MENSAL DE

1.437\$50 (SUPERIOR A 9%)

3.000 CLIENTES DAR-LHE-ÃO AS MELHORES REFERÊNCIAS

INFORME-SE NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tels. 45843 e 47843 — QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22
AMADORA - REBOLEIRA — Tel. 933670

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

percebesse, depois dessa leitura, alguma coisa do muito que há a perceber nas relações entre quem pode e quem precisa

5 — Acordo de ovelha e lobo...

Tornou-se evidente que o sr. Jaime Rodrigues utilizou uma posição legal contra uma posição moral. Pode citar o artigo 8.º do Decreto não sei quantos que se refere ao «acordo» entre mutuário e mutuante para com isso notificar que, havendo acordo, não há roubo.

Assenta a lei, na realidade, como uma das características do acordo a existência do mútuo consentimento. Mas que espécie de mútuo consentimento é este entre quem possui o baco e quem precisa dele ao nível da corda na garganta?

O ciclo do raciocínio do

sr. Jaime Rodrigues é de uma evidência meridiana. Ninguém do público ou do palco o desfez e isso é que seria importante para esclarecer a situação. Ninguém o fez porque ali todos tinham o coração quente e só um tinha a cabeça fria: o cavalheiro prestamista. Ter a cabeça fria faz parte do seu negócio. Infelizmente, muitas vezes o negócio das pessoas boas prescinde disso. É a pena. A História pode prová-lo.

6—O resto é silêncio

«Zip-Zip» continuou ainda com uma amadora espanhola e com a entrevista com Belo Marques, entrevista caótica, frenética, quase incompreensível. Não interessava. Viesse o que viesse, cantasse Maria de Lourdes ou qualquer outro, estivesse ali Belo Marques ou fosse quem fosse, a tempestade do prestamista continuava presente no espírito dos telespectadores, im-

pedia-os de ver fosse o que fosse.

Seja qual for a visão que tenhamos deste capítulo do «Zip-Zip», ninguém discordará de que estivemos em presença de um dos momentos mais vivos, mais explosivos, mais televisivamente sérios destes treze anos de actividade da Televisão portuguesa. Luís Andrade, o realizador, e os seus operadores conseguiram os 35 minutos mais verdadeiros da televisão portuguesa. Compreendese o impacto junto dos telespectadores.

MARIO CASTRIM

★

P. S. — A dada altura, o prestamista sr. Jaime Rodrigues citou, a despropósito, o meu nome. Segundo ele, teria eu dito uma vez que, para tratar de tudo, como eu trato, «ERA PRECISO TER UMA CULTURAZINHA». Não me lembro. Até ignoro o que seja uma «culturazinha». Trata-se de um equívoco que aquele prestamista não tardará, estou certo, a esclarecer

M. C.

VIAGENS A MADRID

Utilização de beliches no comboio Lusitânia-Expresso

A C. P. lembra a todos os que pretendem deslocar-se a Madrid, que o comboio Lusitânia-Expresso inclui na sua composição uma carruagem de beliches (correspondentes às «couchettes» dos comboios franceses).

Com um suplemento de apenas Esc. 83\$50, além do preço de bilhete normal de 2.ª classe, poderá assim viajar-se comodamente deitado neste comboio que assegura, com trajecto nocturno, as ligações entre as duas capitais peninsulares.

AUTOMOTORA ESPECIAL

A C. P. organiza semanalmente, até aviso em contrário, uma automotora especial de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro, e volta, em ligação com as carreiras normais entre Barreiro e Lisboa (Terreiro do Paço), com o seguinte

IDA	Sábados	HORARIO	VOLTA
12.00 P.	Vila Real de Santo António-Guadiana		Domingos
12.11 P.	Vila Real de Santo António		C. 5.41
12.34 P.	Tavira		C. 5.37
12.51 P.	Olhão		C. 5.15
13.00 P.	Faro		C. 4.59
13.36 P.	Tunes		C. 4.48
16.55 C.	Setúbal		P. 0.59
17.25 C.	Barreiro		P. 0.35
18.10 C.	Lisboa (Terreiro do Paço)		P. 23-50

PREÇOS

— De Vila Real de Santo António — Guadiana até Olhão a Lisboa, e volta 120\$00
— De Faro e Tunes a Lisboa, e volta 110\$00

Bilhetes à venda nas estações de Vila Real de Santo António-Guadiana, Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Faro e Tunes.

Encontro do professorado primário em Évora sobre a vida missionária

ÉVORA, 29 — Promovido pela Liga Intensificadora da Acção Missionária, decorrerá nesta cidade, de 1 a 8 de Setembro, o VIII Encontro do Professorado Primário, no qual devem tomar parte cerca de 400 professores, representando as cidades de Bragança, Vila Real, Braga, Porto, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Leiria, Lisboa, Faro, Setúbal e Évora. As sessões, no liceu desta cidade, incluem exposições de aspectos elucidativos da vida missionária e pedagógica, através de panorâmicas

e gráficos, sessões de estudo seguidas de diálogos de interesse formativo.

Como complemento e distração haverá, também, de noite no jardim publico, os «Fogos Missionários», que incluem exhibições de grupos folclóricos.

Nas sessões de estudo, sob o tema geral «Sinais dos tempos e vocação missionária — apelos de Deus aos homens do nosso tempo», que será debatido em sucessivas sessões com objectivo iminentemente prático: «Dinâmica dos sinais dos tempos», «Dinâmica teológica», «Dinâmica psicológica», «Dinâmica apostólica», «Dinâmica missionária» e «Dinâmica pedagógica da vocação».

Haverá, ainda, uma jornada de fé a Vila Viçosa e uma excursão a Sevilha.

O Encontro, embora sem carácter oficial, tem o maior apoio do Governo, em especial do Ministério da Educação, além da colaboração das autoridades locais e dos reitores e directores dos estabelecimentos de ensino desta cidade.

CAMINHOS DE FERRO

Horário dos comboios na Zona Sul

Comunica-nos a C. P. que a partir de 1 de Agosto de 1969 são feitas diversas alterações ao Horário actualmente em vigor nas Linhas e Ramais a seguir indicados:

Linha do Sul — (Circulações ascendentes e descendentes);

Linha de Évora e Ramais de Reguengos e Moura;

Ramais de Montijo, Montemor, Aljustrel e Moura;

Via Fluvial e Prailas, Lisboa, Barreiro, Praias Sado, Seixal e Lisboa;

Linha do Sado e Ramal de Sines.

O pormenor destas alterações consta dos CARTAZES HORÁRIOS afixados nas estações e nas Seções de Informação ao Público, das estações de Lisboa (Santa Apolónia), Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

Covina: documentário para fins pedagógicos

A Covina, através do seu presidente do seu conselho de administração, sr. Tomé Feteira, comunicou ao sr. ministro da Educação, a decisão da oferta de quatro cópias do documentário cinematográfico a cores «O Vidro», considerado de interesse pedagógico e cultural, destinadas a exibição nas escolas do ensino técnico e do ciclo preparatório do ensino secundário. No agradecimento que o sr. dr. José Hermano Saraiva dirigiu à empresa, salientou o proveitoso sentido de colaboração que a oferta envolve.

Militares falecidos no Ultramar

BISSAU, 29 — (A. N. I.) — Morreu em consequência de desastre, na Guiné, o marinheiro fuzileiro especial, n.º 128268, Manuel Sebastião Guerreiro, natural de Mértola, filho de António Augusto Guerreiro e de Adelaide Maria.

LUANDA, 29 — (A. N. I.) — Morreu em Angola, vítima de desastre, o soldado do recrutamento provincial n.º 61073269, João Cambolo, filho de Palanco e de Icatumba.

LOURENÇO MARQUES, 29 — (A. N. I.) — Na provincia de Moçambique, morreu vítima de desastre o soldado n.º 07592868, Fernando Faustino Teixeira.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que faleceu em combate, na provincia de Angola, o soldado do recrutamento da provincia, Artur Chimuco, n.º 62591866, filho de André e de Conceição.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de SESIMBRA em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia do Castelo, no referido concelho, de uma linha aérea a 15 kV, com 2044 metros, do apoio n.º 8 da linha para Carlos Valente de Almeida, ao posto de transformação da IFA Portuguesa de Radiodifusão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

República de Licenciamento, em 24 de Julho de 1969.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ATENÇÃO



ENTREGUE A MANUTENÇÃO

DO SEU ASCENSOR À

A REPARADORA

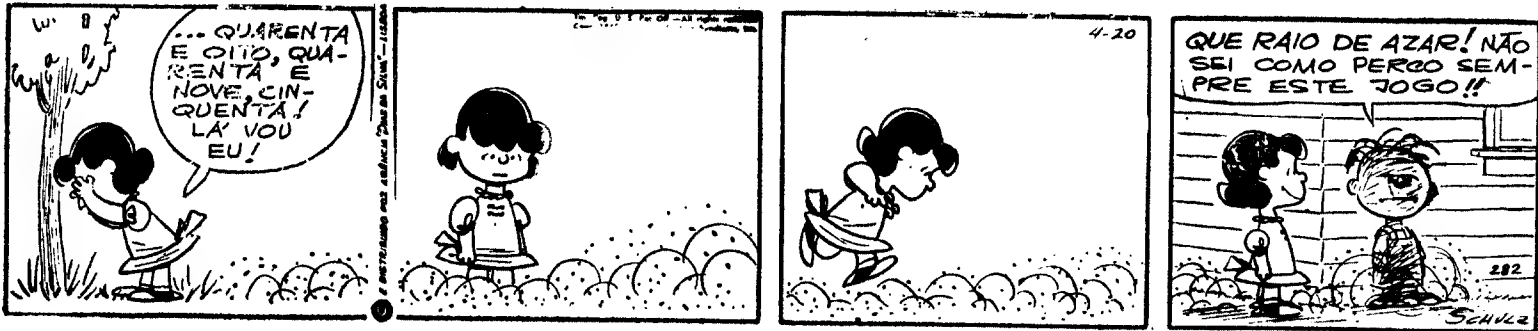
DE ASCENSORES

IMPÉRIO, LDA.

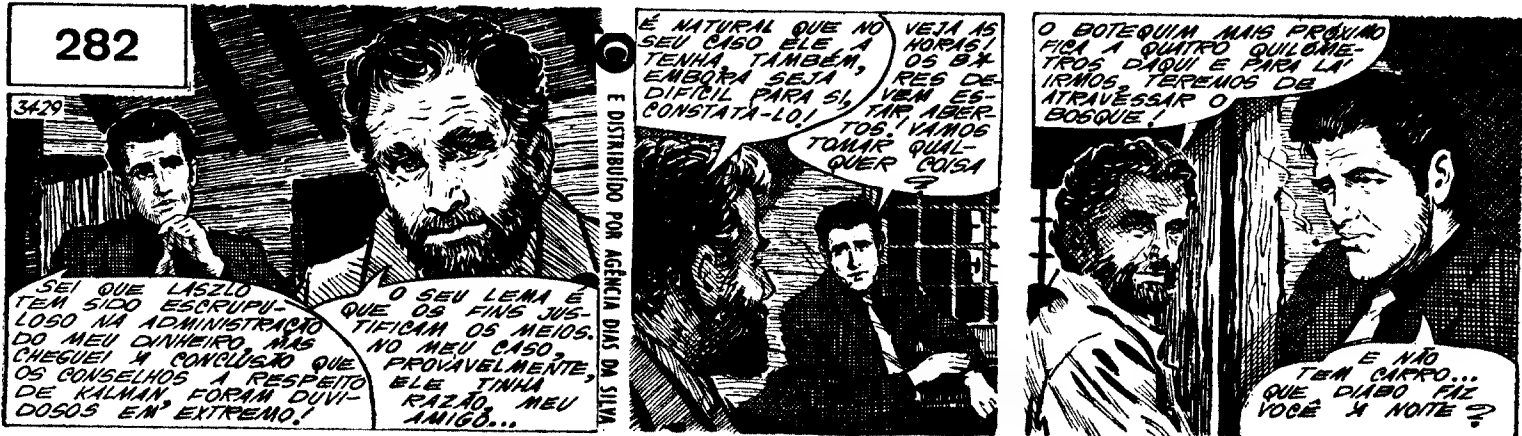
REPARAÇÕES EM ASCENSORES DE TODAS AS MARCAS. PESSOAL TÉCNICO E ESPECIALIZADO

RUA DA ARRABIDA, 44-B — LISBOA
TELEFONES 68 55 31 - 68 20 07

Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Julho de 1939 publicava:
«COIMBRA, 29 — Reuniu-se hoje em Coimbra o curso médico de 1898, do qual faz parte o eminente prof. dr. Egas Moniz, que veio por esse motivo a esta cidade.
A sua presença em Coimbra constituiu pretexto para que lhe fosse prestada uma significativa homenagem. No prédio n.º 1 da Rua de Tomar, onde Egas Moniz passou a sua vida de a e académico, descerrou-se uma lápide que estava coberta com a bandeira nacional.
Assistiram ao acto muitos dos antigos discípulos do homenageado e alguns dos antigos e actuais professores.»

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

«CONHEÇA A CURIA»

A C P proporciona-lhe, durante os meses de Julho a Outubro um bom domingo passado na Curia, com o seu bilhete turístico emitido em Lisboa ao preço de:

Esc. 305\$000

Neste preço está compreendido o transporte em caminho de ferro em comboio rápido almoço na Curia, entrada no Parque e «lanche» para a viagem de regresso.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

Palavras cruzadas

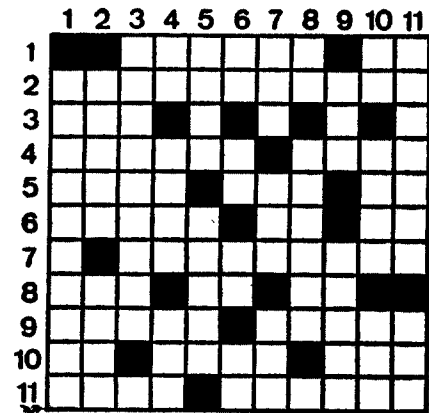
(com PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5251

HORIZONTAIS: 1 — Acertam. Cede. 2 — Embarçar. 3 — Sofrimento. 4 — Repetir. Azedume do estomago. 5 — Discurso. Nota de música. Brinca. 6 — Encolerizava. 7 — Controvérsia. 8 — Fração da unidade. Apenas. Preposição e artigo. 9 — Brota. Bagatelas. 10 — Pronome pessoal. Relativo ao nariz. Escudeiro. 11 — Pronome demonstrativo. Empregasse.

VERTICAIS: 1 — Que produz elevação moral. 2 — Reparar. Partes. 3 — Engatada. 4 — Alto al. Verifiquei. Julga. 5 — Aprei. Reposei. ao fago. 6 — Em a Réis. (abrev.). Símbolo químico do cobalto. Descoberto. 7 — Patrão. Organização das Nações Unidas. Pronome pessoal. 8 — A mim. Amaci. 9 — Claridade. Tancas. 10 — Oferta. Mana. Gemidos. 11 — Antiquado. Ecoe.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5250

HORIZONTAIS: 1 — Cair. Avilta. 2 — Atrai. Nios. 3 — Trapa. Avoca. 4 — Ró. Pia. As. 5 — APRENDER. 6 — ATÉ. Im. 7 — Crê. Bordeja. 8 — Itrio. Sarai. 9 — MORRER. Sul. 10 — Olear. Acolá. 11 — Sois. Brasa.

VERTICAIS: 1 — Catre. Cimos. 2 — Atr. Arto. 3 — Ira. Aterrei. 4 — Rapapé. Inds. 5 — la. Boer. 6 — As. Peco. 7 — Ain. R. Ar. 8 — Invalida. Cã. 9 — Lio. Emersos. 10 — Tocar. Jaula. 11 — Asos. Baila.

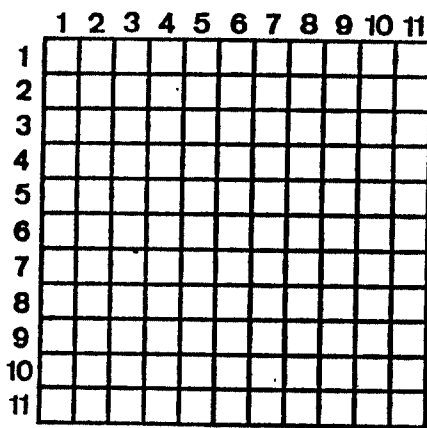
(Prevêrio: APRENDER ATÉ MORRER.)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9094

HORIZONTAIS: 1 — Região da África, na Guiné setentrional, entre a Nigéria inglesa e o Togo. Epístola. 2 — Antes de Cristo. Avalar. Reis. 3 — Introduzir. Sacerdotes budistas. 4 — Ave trepadora. Estimará. 5 — Mulheres baixas. (prov.) Invulgares. 6 — Chefe etíope. Intimo. 7 — Atmofera. 8 — Peia. Cidade do Brasil. 9 — Atravessa. Uma das ilhas Jónias. 10 — Cântamo de Manila. Constelação boreal. Troça. 11 — Aldeia de Itália. Serra de Portugal.

VERTICAIS: 1 — Nome de jogo. Causa excessivamente pequena. 2 — Dar tempera de aço a. Artérias. 3 — Terrenos murados. 4 — Trituradas. Nome dos governadores árabes de territórios da Península Ibérica. 5 — Vagueias. Freguesia do concelho de Belmonte. 6 — Berilo. (s. q.). 7 — Guardar segredo. Exclusiva. 8 — Guarneci. de arames. Freguesia do concelho de Mondim de Basto. 9 — Pescada pequena. 10 — Conduzirão para cá. Picante. 11 — Tostas. Prendeis com eles.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9093

HORIZONTAIS: 1 — Crono. Amiga. 2 — Aero. Ovar. 3 — Ruora. Tigra. 4 — In. AMar. Ri. 5 — Aios. Abos. 6 — Rs. Al. 7 — Ba. Se. Ia. Os. 8 — Saltava. 9 — Riana. Risca. 10 — Bata. Sari. 11 — Amara. Cores.

VERTICAIS: 1 — Caria. Barba. 2 — Reunira. lam. 3 — Ora. Os. Satã. 4 — Moras. Sator. 5 — Al. Sela. 6 — Tu. 7 — Tá. Pior. 8 — Moira. Aviso. 9 — Ivã. Ba. Asar. 10 — Garraio. Crê. 11 — Arois. Sela.

MOTEL PRAIA VERDE FÉRIAS NO ALGARVE

As melhores e mais económicas

Reserva em Lisboa 32 63 35



PARIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«LUANDA»
a sair em 30 de Julho

Com escala por LEIXÕES para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário).

«IMPÉRIO»
a sair em 13 de Agosto às 12 horas

Com escala prévia por LEIXÕES para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADÉ DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 1 a 4 de Agosto.

«UIGE»
a sair em 14 de Agosto às 16 horas

Com escala prévia por LEIXÕES para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES. Carrega de 2 a 7 de Agosto.

«GANDA»
a sair em 18 de Agosto

Com escala por LEIXÕES para: CABINDA, SANTO ANTÓNIO DO ZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMEDES, PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 10 a 15 de Agosto.

«LOBITO»
a sair em 28 de Agosto

Com escala por LEIXÕES para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 19 a 25 de Agosto.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 9 de Agosto às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU, S. JUAN (PUERTO RICO), e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de 3 Julho, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

DESPORTO

CICLISMO

Em Ofir, começa amanhã o 8.º «Grande Prémio Robbialac»

Na extensão de 944,700 quilómetros, com partida em Ofir e chegada à Costa da Caparica, inicia-se amanhã o VIII «Grande Prémio Robbialac», prova ciclista que, logo após a «Volta a Portugal», é a de maior tradição e popularidade no calendário velocipedico nacional.

Oito equipas vão estar presentes, através de 88 ciclistas: Benfica (15 representantes), Sangalhos (8), Sport Luanda e Benfica (7), F. C. do Porto (12), Ambar (10), Sporting (12), Ginásio de Távira (12), Coelima (11), além de um isolado, o concorrente José Reis, do Sporting Clube de Lourenço Marques.

Os cargos oficiais estão assim distribuídos: João Damasceno Covão (director principal), Idalino de Freitas (presidente do júri), Aristides Martins (director da corrida), Rogério Guilherme da Silva (delegado da Comissão Central de Juizes), Guilhermino de Lemos (delegado da Associação de Ciclismo do Sul), Albertino Duarte Calado (juiz de chegada), Manuel Amiguiinho (auxiliar de chegada), Helder Ramos Gouveia (juiz-cronometrista), Arlindo dos Santos Nunes (auxiliar de cronometragem, João Camoesas (juiz de partida), Fernando Portela (comissário de metas), Adão Vilela da Mota (adjunto), dr. José de Sousa Dias (médico), António Caetano de Sousa (enfermeiro) e Alberto de Oliveira (estafeta-moto). Como secretário geral estará Rodrigues Garcia, auxiliado por Guíta Junior, Jorge Passo e o tesoureiro da prova e o jornalista Raul de Oliveira e o pintor José Mergulhão são convidados de honra.

A tabela de prémios oferece o seguinte panorama:

Classificação geral individual — Prémios que se citam entre 10 mil escudos (vencedor) e um conto (para o 12.º classificado).

Em cada etapa, os três primeiros classificados receberão, respectivamente, 1.200, 750 e 500 escudos. O portador da «camisola amarela» receberá, diariamente, 500 escudos.

O vencedor da classificação por pontos («camisola verde») tem o prémio de 3.000 escudos. O portador deste símbolo tem direito a 250 escudos diários.

Cada meta «Viton» vale 500 escudos para o ciclista que a ultrapassar em primeiro lugar. Os ciclistas que mais pontuarem nas metas «Viton» recebem 2000, 1000 e 500 escudos. Símbolo do ciclista que comanda esta classificação: «camisola laranja».

Ao corredor que vencer a

TORNEIO DE VOLEIBOL NAS PRAIAS

Termina no dia 1 de Agosto o prazo para inscrição no eliminatória do «Torneio das Praias», de voleibol, organizado pela respectiva Federação e a efectuar na Figueira da Foz.

A inscrição está aberta no Ginásio Clube Figueirense e as provas terão início no dia 5 do próximo mês.

da tirada é atribuído um prémio especial de 150 escudos por minuto de avanço sobre os competidores, até ao máximo de 900 escudos.

São reduzidos em 50 por cento o valor dos prémios das etapas sempre que não forem atingidas as médias estabelecidas e não haverá prémios de tirada quando a média for inferior a 34 quilómetros horários.

Os cinco clubes melhor

Por NEVES DE SOUSA

nosso enviado especial

classificados são distinguidos com taças.

UM POUCO DE HISTÓRIA

O primeiro «Grande Prémio Robbialac» realizou-se de 6

• Joaquim Agostinho (20 contos para correr) é o mais-mais entre os favoritos

a 8 de Abril de 1962. O percurso (de 530 quilómetros) foi dividido em seis etapas: a partida e a chegada da

635 quilómetros. Vencedor: o portista Sousa Cardoso.

O benfiquista António Acursio triunfou na edição-1963 (11 a 13 de Abril). A prova dividiu-se em três etapas, num total de 594 quilómetros.

Em 1964 (26 de Abril, 24 de Março, 19 de Julho e 7

(Continua na página seguinte)



Joaquim Agostinho regressou a Portugal para tomar parte no «Grande Prémio Robbialac»

Resolvido: Portugal irá aos «mundiais» de ciclismo ... mas com um subsídio do Rádio Clube Português

Afinal, há sempre uma solução para tudo — às vezes não será a melhor, nem a mais ética, nem a mais lógica. Mas resolve — que é o que se pretende. Este o caso da participação de Portugal no Campeonato do Mundo de Ciclismo. Como se sabe todo o problema se equacionou à volta da concessão de um subsídio: eram necessários 93 contos, no máximo, e 45, no mínimo. O Fundo de Fomento só concedeu vinte mil escudos — e tudo parecia sem possibilidades de se encontrar a necessária plataforma.

Ontem, porém, repentinamente, tudo se resolveu e com verdadeiro ar de surpreendente: Julio Botelho Moniz, director do Rádio Clube Português, chamou Idalino de Freitas e declarou-lhe que aquela estação emissora custearia o restante das despesas para que a deslocação se fizesse.

Reuniu-se a direcção da Federação e aceitou-se a oferta do Rádio Clube Português — inegavelmente uma atitude a merecer relevo e aplauso.

E é assim que Portugal poderá estar presente num Campeonato do Mundo. Esquisito e estranho o caminho por onde se processou a solução. Aceita-se, porque resolve — mas tem de se ficar a maturar no caso...

OS CICLISTAS CONCORRENTES

BENFICA

- 1 — Fernando Mendes
- 2 — Pedro Moreira
- 3 — Manuel da Costa
- 4 — Américo Silva
- 5 — Manuel Luis
- 6 — Augusto Cardoso
- 7 — Daniel Vitorino
- 8 — Orlando Correia
- 9 — Valdemiro Cardoso
- 10 — Augusto Fortes
- 11 — Pedro Rodrigues
- 12 — José E. Santos
- 13 — João Pinhal
- 14 — Fernando Vieira
- 15 — Orlando Alexandre

SANGALHOS

- 16 — Herculano Oliveira
- 17 — Celestino Oliveira
- 18 — Norberto Duarte
- 19 — Lino Santos
- 20 — Joaquim Andrade
- 21 — Albino Mariz
- 22 — João Fonseca
- 23 — Manuel Lote

SPORT LUANDA E BENFICA

- 24 — Wenceslau Fernandes
- 25 — António Pires
- 26 — Casimiro Cabrita
- 27 — José A. dos Santos
- 28 — Joaquim Santiago

- 29 — José David Gomes
- 30 — Pedro Bárbara

F. C. PORTO

- 31 — Cosme de Oliveira
- 32 — Joaquim Leão
- 33 — Manuel de Sousa
- 34 — Manuel Ribeiro
- 35 — Joaquim Leite
- 36 — J. Luis Pacheco
- 37 — José Azevedo
- 38 — Custódio Gomes
- 40 — Hubert Niel
- 41 — Mário Silva
- 42 — Duarte Ribeiro
- 43 — António Ribeiro

AMBAR

- 46 — Manuel de Castro
- 47 — Albino Alves
- 48 — Joaquim Coelho
- 49 — Joaquim Freitas
- 50 — Sousa Vieira
- 51 — Wilson Sá
- 52 — Smanuel Cortinhola
- 53 — Custódio Cristina
- 54 — Henrique Silva
- 55 — Fernando Brito

SPORTING

- 61 — João Roque
- 62 — Leonel Miranda
- 63 — Manuel Correia
- 64 — Paulino Domingues
- 65 — Norberto Timóteo
- 66 — José Vieira
- 67 — Vitor Rocha
- 68 — Firmino Bernardino
- 69 — Joaquim Agostinho
- 70 — Emiliano Dionísio
- 71 — Sérgio Pascoa
- 72 — Vitor Tenazinha

GINÁSIO DE TAVIRA

- 76 — António Graça
- 77 — Rogério Domingos
- 78 — José Carrasqueira
- 79 — António Teixeira
- 80 — José Nunes
- 81 — Marcolino Santos
- 82 — Francisco Martins
- 84 — Manuel Mestre
- 85 — José Diogo
- 86 — José Viegas
- 87 — João Mendonça
- 88 — Daniel Pereira

COELIMA

- 90 — Francisco Machado
- 91 — António Pereira
- 92 — Mário Miranda
- 93 — António Salazar
- 94 — Serafim Dias
- 95 — António Rodrigues
- 96 — Armindo Mendes
- 97 — Joaquim Moreira
- 98 — José Pereira
- 99 — António Domingos
- 100 — Manuel Barros

SPORTING DE LOURENÇO MARQUES

- 112 — José Reis

BENFICA — REGRESSO AO PUGILISMO

Na próxima terça-feira a Direcção do Benfica reunirá-se com um grupo de associados, chefiados pelo conhecido benfiquista Mário de Aguiar, o qual acompanhado de Mariano Pedro e Américo Ferreira fará perceber aos dirigentes benfiquistas o interesse desportivo e material que o pugilismo tem para o clube.

Dada a capacidade de Mário de Aguiar e o prestígio de quem desfruta nos meios benfiquistas e, também, a sua inegável «carolice» pelo boxe é de esperar que algo de positivo se consiga para a modalidade.

Na verdade, o que tem faltado ao Pugilismo no Benfica é uma administração adequada. O organizar e essas coisas internacionais e andar a distribuir bilhetes a amigos e conhecidos, não é processo de fazer receitas. E nos primeiros tempos, sob a administração de César Rodrigues e Domingos Claudino, o boxe, no clube, deu dinheiro.

Desde que o Pavilhão seja utilizado e nos dias de sessão se peça à Carrie que organize carreiras de autocarros para o Estádio da Luz, o êxito é quase garantido.

Mal retome a actividade o Benfica passará a ter uma equipa bastante forte.

Os individuais Victor Pereira e Carlos Almeida logo regressarão ao seu clube. Juntando-lhes Tiago Damiano, Carlos Anjos, pugilista internacional, Victor Sousa e António Moreira, estes dois regressados do Ultramar, já ficam com uma boa mão-cheia de elementos de valor.

É de esperar que as diligências de Mário de Aguiar frutifiquem a bem do Benfica e do pugilismo.

PESCA DESPORTIVA EM SETÚBAL

Foi recebida com o maior interesse pelos pescadores desportivos, a notícia do Concurso de Pesca do Mar, a realizar no dia 10 de Agosto, na Costa da Galé, em Setúbal, havendo já numerosas inscrições que, se espera, atinjam as quatro centenas, para disputarem os valiosos prémios e taças instituídos em elevado numero.

Conquanto a parte técnica esteja a cargo do Clube de Amadores de Pesca de Setúbal, há a registar a desinteressada colaboração oferecida à Comissão pelo Vitória Futebol Clube.

JOGOS LUSO-BRASILEIROS

— INICIATIVA EXCELENTE

CONCRETIZAÇÃO A REVER

SÃO PAULO — Sem pretender chamar a mim o antipático papel de desmanchador, creio, no entanto, que é indispensável falar francamente destes famosos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros. Aplauda-se a ideia que presidiu à sua criação, reconheça-se o interesse deste amigável convívio entre os jovens desportistas dos dois países, saliente-se tudo quanto há de positivo, mas, ao decorrer a que é já a quarta edição dos Jogos, é altura de pensar sobre se a fórmula até agora adoptada é realmente satisfatória e a mais conveniente.

Penso que não.

Denominando-se Jogos

de valores e de progressos. Podiam ser — mas não são.

*

Nestes quartos Jogos estão incluídas 12 modalidades, para já não falarmos na saborosa competição de tiro, que se efectua por correspondência. Ora, havendo limitações — e grandes — no número de elementos a deslocar, creio que teria sido mais frutuoso limitar as modalidades e dar outra força e outro interesse às representações das que fossem escolhidas. Refiro-me especialmente aos casos do atletismo, da natação e da ginástica, que serão os de maior interesse para competições desta natureza, como acontece, ao

ainda que com prejuízo de uma preocupação turística que tem exigido longas deslocações e não dispensa todos estes dias de presença na agradável e amigável terra brasileira.

Tudo será muito agradável e terá mesmo a interessante finalidade de dar a conhecer aos visitantes o mais possível deste imenso e belo país. Mas eu tenho a certeza de que há muitos brasileiros que nunca puseram os pés em Belém do Pará, por exemplo, e não são, por isso, menos amigos do Brasil. E estou ainda mais certo de que os dias de inactividade desportiva, mas de mais cansativa actividade turística, estão longe de ajudar os atletas a expressarem o seu verdadeiro valor. Quer dizer: o interesse desportivo está colocado num segundo plano — e eu julgava que não devia estar.

Sem querer entrar na contabilidade dos Jogos, atrevo-me a calcular que o dinheiro assim gasto chegaria bem para se realizarem anualmente uns verdadeiros encontros Portugal-Brasil aí em três modalidades. Não creio que isso fosse menos importante para a finalidade de convívio e de recíproco conhecimento e talvez ajudasse muito mais o desporto de ambos os países.

De qualquer modo, nesta altura em que se procura que as relações luso-brasileiras passem da ampla teoria à concretização prática, também estes Jogos — que sem dúvida interessa manter — reclamam uma revisão no sentido de passarem de uma ideia excelente a uma realização proveitosa.

Do nosso enviado

MÁRIO ZAMBUJAL

Desportivos, parece elementar apreciá-los por uma óptica essencialmente desportiva, avaliando sobre o seu interesse e os seus proveitos neste campo. Pois, neste campo, creio bem que os Jogos não correspondem ao aparato que os rodeia, ao número e posição de altas individualidades chamadas aos contactos sociais, às vistas, aos discursos, às medalhas, prendas e condecorações que prodigalmente se distribuem por entidades sem dúvida muito importantes em vários sectores — mas não no desporto.

As representações sociais têm tido, nestes quartos Jogos, uma actividade muito mais intensa que os próprios atletas, o que me parece insuportável desequilíbrio, que não pode ter deixado de impressionar os próprios dirigentes.

Desportivamente, trata-se de uma realização de certo modo pobre que, cá como lá, está longe de despertar interesse nas grandes massas de público entusiasmada pelos acontecimentos desportivos. E se os jornais são o reflexo desse interesse popular, aí está à vista o quase alheamento da imprensa e dos demais órgãos informativos. Notícias sumárias, quando não o silêncio total. Um pouco mais de atenção para as provas que se realizam nas cidades a que pertencem os jornais, mas, mesmo assim, num plano muito secundário relativamente a outras notícias desportivas, como por exemplo futebolista amador, com título a três colunas.

Poder-se-á objectar que a intenção dos Jogos não é a de interessar o público na que podia ser a grande festa desportiva luso-brasileira, limitando-se aos atletas e seus acompanhantes, à boa convivência, ao turismo em conjunto, ao tal desporto muito purozinho em que não interessa o ganhar ou o perder — coisa admirável, tão admirável que nem sequer existe.

Desportivamente — e permitam-me que me interesse desportivamente por estes Jogos Desportivos — os Jogos poderiam ter um interesse magnífico, sem perder o clima de amizade e companheirismo que muito acertadamente se lhes pretende defender. Podiam ser, além disso, uma ajuda mútua na valorização dos atletas dos dois países. Podiam ser um teste periódico

fim e ao cabo, nos próprios Jogos Olímpicos. Com sete nadadores, oito ginastas e treze praticantes de atletismo — em todos estes números incluídas as representações masculinas e femininas — não poderia ambicionar-se a realização de provas a um nível que interessasse grandemente, frente ao público, como ao Desporto luso-brasileiro em si próprio.

Este aspecto, o de reduzir as modalidades para valorização das equipas que se deslocaram e também dos Jogos, merecerá talvez, ser estudado, relativamente ao futuro. E como, afinal de contas, as limitações são as das próprias verbas de que se dispõe, a figura-se de maior interesse despendê-las na sua feição desportiva,

«GRANDE PRÊMIO ROBBIALAC»

(Continuação da pág. anterior)

entre 21 e 24 de Junho desse mesmo ano, num total de de Agosto) desenrolou-se o quarto «Grande Prémio Robbialac», que terminou com outra vitória do António Acursa (Sport Lisboa e Benfica).

Mário Silva (do F. C. do Porto) venceu em 1965. A corrida, que teve 972 quilómetros de extensão, disputou-se de 13 a 18 de Abril. Manuel Correia (Sporting) alcançou a vitória no sexto «Grande Prémio Robbialac», desenrolado de 2 a 10 de Abril, através 1.644 quilómetros. No ano transacto, coube ao benfiquista Fernando Mendes o triunfo. A prova teve 990 quilómetros de extensão e correu-se de 22 a 26 de Maio.

AGOSTINHO: O CAMISOLA 69 E O NUMERO UM

Este ano, quem vencerá o «Grande Prémio Robbialac»? Na lista dos ciclistas concorrentes aparecem nomes com fortes credenciais. E se Joaquim Agostinho, mercê da sua sensacionalíssima actuação na «Volta à França» e de uma carreira profissional fulgurante, se apresenta como o mais-mais na fila dos favoritos (a ponto da Robbialac lhe oferecer 20 corridas só para completar a corrida) outros excelentes ciclistas podem aspirar ao êxito, tirando (talvez) partido da cerra-

da luta e apertada vigilância que vai fazer-se ao extraordinário ciclista e Brejendas.

Referimo-nos, por exemplo, aos benfiquistas Fernando Mendes e Pedro Moreira, ao sangalense Herculano de Oliveira, aos portistas Cosme de Oliveira, Joaquim Leão, José Luís Pacheco e Mário Silva, ao taviense António Graça, a um eventual nome que possa sobresair das homogêneas formações da Ambar e Coelima, ou mesmo de um companheiro de Agostinho, a quem o sportinguista pode beneficiar na arrancada para o triunfo: Leonel Miranda, em especial.

Por equipas, a luta entre Sporting, Futebol Clube do Porto e Benfica deve dominar as atenções gerais. E, para além deste panorama, um ciclista e uma turma surgem como verdadeiras incógnitas: o moçambicano José Reis (Sporting de Lourenço Marques) e a representação do Sport Luanda e Benfica, onde Wenceslau Fernandes é considerado «chefe de fila» e elemento com possibilidades de ficar nos vinte primeiros lugares da classificação geral.

A ETAPA DE AMANHÃ

A primeira etapa deste oitavo «Grande Prémio Robbialac» corre-se durante 221 quilómetros, com partida e chegada a Ofrim. O percurso compreende passagens em Marinhos, S. Bartolomeu do Mar, Belinho, Antas, Darque, Via-



A equipa de voleibol do Leixões que obteve um brilhante triunfo na «Taça de Portugal»

TÊNIS NO ESTORIL

TRÊS FINAIS

SEM QUE OS VENCEDORES SE REPETISSEM...

A jornada de ténis, nos «cours» do Estoril — os mesmos «cours» que vão ser palco dos 66.ºs Campeonatos Internacionais de Portugal —, foi preenchida com a realização das finais das três provas de um torneio que começa a ter tradições no ténis nacional: o da taça «Junta de Turismo da Costa do Sol». Serviu este certame para confirmar que os jogadores n.ºs 2 (João Lagos) e 6 (Olivio Silva) da 1.ª categoria estão a ser figuras salientes da temporada, pois não pode ser mero acaso que três competições consecutivas reu-

nem na final da sua mais importante prova os mesmos jogadores.

A prova de singulares-se-nhoras teve desfecho esperado desde que a prova principiou e entre as concorrentes se encontrava a campeã sul-americana, Regina Ferreira. Assim, se compreende, facilmente, o resultado da sua vitória sobre a jovem Paula Lefevre: 6/0 e 6/0.

Falta falar da final de pares-homens, entre as formações João Lagos-José Vilela e José Trigo da Silva-Olivio Silva. A primeira venceu por 6/3 e 6/4, justificando, amplamente o seu título de campeã do sul, conquistado numa final idêntica.

BENFICA

— ESTA NOITE

PARTIDA

PARA ÁFRICA

A fim de disputar dois jogos em Moçambique e um em Angola segue esta noite para a África, a equipa de futebol do Benfica.

Deslocam-se dezasseis jogadores não estando até ao momento, incluído o nome de Eusébio. Em seu lugar será Cruz a deslocar-se. Quanto a Vítor Martins que se magoou num treino a sua vaga será ocupada por Calado. Entretanto, e até poucas horas antes da partida ainda se aguarda que possa surgir uma solução para o caso de Eusébio.

ESTRANHO MAS VERDADEIRO

O melhor marcador da Europa... joga na II Divisão francesa

Pois é verdade. O melhor rematador da Europa na época 68-69 joga no centro do ataque da A. S. Angoulême, da II Divisão francesa. Chama-se Gerard Grizette, tem 25 anos, é de estatura média e elegante.

A sua equipa marcou em 40 jogos do campeonato 112 golos, 55 dos quais foram obtidos por Grizette, que, com este numero, conseguiu ser, a grande distancia, o melhor marcador da Europa. Este talento de Gerard vem de seu pai, que foi durante muitos anos jogador profissional do Racing C. de Paris, enveredando, depois, pela carreira de treinador. Treinou o C. A. Paris, o Red Star, o Monaco e, agora, construiu a equipa que trouxe o Angoulême à I Divisão.

Seu filho Gerard, já quando junior do Racing, demonstrara inegáveis méritos de goleador. No entanto, devido à sua aparente fragilidade, punham-no a jogar sempre em lugares errados, normalmente a extremo. Só no Angoulême ocupou o centro do ataque e com resultados bem claros e demonstrativos. Não é um avançado tipo «tanque», como bem se compreende, mas sim um avançado inteligente e subtil, de «tabelinhas». Chuta tão bem com o pé direito como com o esquerdo e é um excelente rematador de cabeça. Um bom terço dos golos marcados resultou de remates de cabeça imparáveis.

Gerard Grizette, além de futebolista, é proprietário de um café-restaurant que dirige com o auxílio da mãe e do irmão.

Como se vê, o rival de Eusébio e Donai, ao contrário destes, não joga só à bola...



Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

DE COIMBRA

Pessoal

para os Hospitais

Até 8 de Agosto, encontra-se aberta nos Hospitais da Universidade a inscrição para preenchimento dos seguintes lugares: canalizador (ajudante), polidor (ajudante), serralheiro (oficial de 3.º) e fogueiro. Os candidatos serão submetidos a provas práticas e devem ter mais de 21 e menos de 35 anos de idade.

Roubo

à beira-rio

Aos domingos o conimbricense frequenta não só a beira do Mondego como a mata do Choupal. Há quem leve para lá o necessário para passar o dia, ali cozinhando e comendo. No último domingo, o movimento foi muito grande, no Choupal, tanto mais que se realizou também um piquenique promovido por um clube desta cidade.

Milhares de pessoas jantaram na linda mata e entre eles o sr. Luís Pereira Fortes, de 33 anos, casado, seringueiro civil, residente em Eiras, que se encontrava com sua esposa. A certa altura o sr. Fortes resolveu ir tomar banho e para isso despiu o fato, que arrumou perto. Todavia, um larapão aproveitou uma distração e roubou-lhe as calças, que tinham um porta-moedas com cerca de 300\$00.

Ao dar pela falta da peça de roupa, o sr. Fortes e a esposa fizeram de policiais e não tardaram a encontrar as calças, mas sem o porta-moedas. Do caso foram dar con-

Curso de Formação e Segurança no Trabalho

Na Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos terminou um curso de formação e segurança no trabalho, dedicado aos quadros directivos e promovido pelo Centro de Prevenção e Segurança. Foram estudados, entre outros, os seguintes temas: adaptação do homem ao trabalho, formação profissional; aspecto técnico dos acidentes de trabalho; conceito de medicina do trabalho, o médico do trabalho na empresa, o exercício da medicina do trabalho; prevenção técnica, prevenção psicológica; organização e lançamento da prevenção de acidentes no trabalho; a fadiga; material de protecção; alguns problemas de chfeia e de relações humanas.

ta à Secção de Justiça da P. S. P., indicando determinando o indivíduo que por ali andava e que se lhes tornou suspeito, pelo que aquela polícia vai averiguar.

«NEIL ARMSTRONG»
- Nome de um avião
da Alitalia

O presidente do conselho de administração da Alitalia, eng.º Bruno Velani, enviou ao comandante da "Apollo 11", Neil Armstrong, uma carta assinando o memorável feito de que Armstrong foi o principal personagem, representando «uma nova era da nossa civilização», o qual inspirou a Alitalia a criar uma simbólica ligação entre a conquista da Lua e a Aviação Civil Italiana.

De acordo com aquela decisão, ao maior avião comercial que entrará em serviço depois do histórico acontecimento espacial que levou o Homem à Lua — o primeiro «Boeing 747» (Jumbo-Jet) a ser entregue à Alitalia — será dado o nome de «Neil Armstrong».

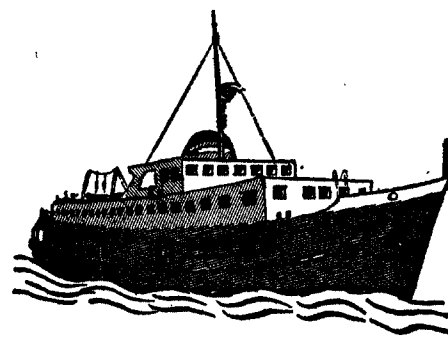
**Corporação
da Assistência**

No Governo Civil, realizou-se ontem à tarde a eleição dos representantes das Misericórdias e das Instituições de Assistência ao Conselho da Corporação da Assistência. Presidiu o chefe do distrito, estando também presente o delegado do L. N. T. P., dr. Guilhermino Teixeira Ribeiro. Foram eleitos, pelas Misericórdias, a Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, e pelas Instituições de Assistência a Associação Protectora dos Hansenianos e Famílias.

Noite de Folclore

Promovida pela Câmara Municipal realiza-se no próximo domingo, no parque de Santa Cruz, pelas 21 e 30, uma Noite de Folclore, em que participam a «Compagnie Marc Leclerc», o «Rancho de Coimbra» e o «Rancho Folclórico de Maiorca», encerrando o espectáculo uma sessão de Fados de Coimbra.

5 HORAS NO TEJO



A C. P.

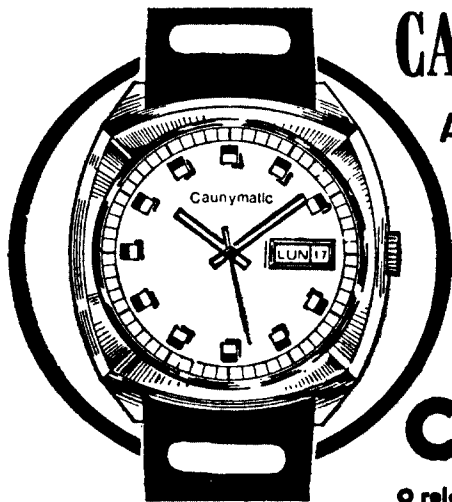
**DANDO REALIZAÇÃO A INICIATIVA DA
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
ORGANIZA TODOS OS DOMINGOS DE
JUNHO A SETEMBRO PASSEIOS NO TEJO
NUM DOS SEUS MATS MODERNOS BARCOS**

**EMBARQUE NA ESTAÇÃO DO TERREIRO
DO PAÇO ÀS 14 HORAS E DESEMBARQUE
NO MESMO LOCAL ÀS 19 HORAS**

PREÇO: 12.00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO), LISBOA (SANTA APOLÓNIA), LISBOA (TERREIRO DO PAÇO) E NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS

LOTAÇÃO LIMITADA



CALENDÁRIO

AUTOMÁTICO

MELHOR QUALIDADE

MAIOR EXACTIDAO

MAIOR PERFEIÇÃO

MAIOR BELEZA

CAUNY

O relógio suíço para toda a vida

O RELÓGIO CAUNY VALE MUITO MAIS DE QUE CUSTA

DESASTRE NOITE 19/20

Do corrente EST, MARGINAL choque entre M. Estoril-Estoril-Sol, agradece-se às pessoas seguiam atrás AUSTIN a bondade comunicarem Telef. 61 12 37.

**AUTOMÓVEIS
S/ CONDUTOR
AUTO ESTRELA**

Os melhores preços
v. João Crisóstomo, 65-A
Telefs. 534331 - 561394
LISBOA

Eng.º Henrique José Quirino da Fonseca
Eng.º Homero Rios de Oliveira

Missa de sufrágio

Os Corpos Gerentes da Companhia de Seguros Fidelidade, participam que amanhã, 4.ª-feira, dia 30, será celebrada na igreja do Corpo Santo, às 12 horas, missa de 7.º e 30.º dia, respectivamente, pelas almas daqueles dois saudosos Administradores da Companhia.

CARTAZ DOS CINEMAS

OUTROS ESPECTÁCULOS

EDEN

(M 6 anos) Tel. 320768
DOIS PROGRAMAS
A SUA ESCOLHA!
A tarde — 15.15 e 18.30
GRANDE PARADA
WALT DISNEY
Technicolor

A noite — 21.45 — (Adultos)
ROBERT STACK e VIRGINIA
MAYO em

TERRA SANGRENTE
Technicolor

VOX

Tel. 720508
As 18.30 e 21.45 (M 21 anos)
O filme revelação das fun-
ções naturais da vida

HELGA

(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)

AVISO:
É indispensável a apresenta-
ção do bilhete de identidade
aquelas pessoas cuja aparên-
cia possa suscitar dúvidas

CONDES

Tel. 322523 - 326710
As 21.30 (M 12 anos)

2001, ODISSEIA
NO ESPAÇO

Panavision Metrocolor
70 m/m

(Ar condicionado)
No programa «A Investidura
do Príncipe Carlos, Príncipe
de Gales» — colorido

As 15.15 e 18.15 (Para todos)
O MELHOR
DE BUCHA & ESTICA

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016

As 15.15 e 21.30
Um mundo esquecido, estra-
nho, onde o tempo parou

A SUL DO RIO GRANDE
com James Franciscus, Gila
Golan e Richard Carlson
TECHNICOLOR

AR CONDICIONADO

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

As 21.30
DOUTOR VAMOS
A ISTO

TECHNICOLOR
com Frankie Howero
e Sidney James

CHIADO
TERRASSE

(M. 12 anos) Tel. 320917

As 21 horas
JERRY EM LONDRES
UMA LEOA CHAMADA
ELSA

SOLAR DO MINHO

de Eduarda Maria
FADOS • FOLCLORE
R. do Vigário, 60
ALFAMA
Tel. 866811 (M 17 anos)

SÃO JORGE

Tel. 54153

HOJE às 15.15 e 18.15
(M 6 anos)
Uma jóia da 7.ª arte

NAMU —
RAINHA DOS MARES

Premiado com:
«Arquero de Ouro» — Melhor
longa-metragem do Festival
de Gijón

«O Sopardo Astoriano»
«Platera de Plata»
ATENÇÃO!

A 1.ª parte das 2.ªs matinées
é preenchida com uma de-
monstração de fantoches por
Francisco Esteves
da «CASA DA COMÉDIA»

As 21.30 (M 17 anos)
FESTIVAL JAMES BOND
Hoje

AGENTE SECRETO 007
Em complemento, notável re-
portagem da visita do prof.
Marcello Caetano ao Brasil

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50598

As 9.30 da noite
60.ª SEMANA
do maior êxito de todos os
tempos!

MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Chris-
topher Plummer
Exclusivo desta sala

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

As 21.45
Um filme que todos desejaram
recordar!

PAO, AMOR
E FANTASIA

com Gina Lollobrigida
e Vittorio de Sica
(AR CONDICIONADO)

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Um poema de graça
e de imaginação

O CASAMENTO
(Le Mariage ou Mazel Tov)
com Claude Berri e Elisabeth
Wiener

EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

LIZ

(Adultos) Tel. 48560

As 21 horas
O HOMEM, O ORGULHO
E A VINGANÇA
GOLPE DE MESTRE
A NAPOLITANA

LIDO

Praça D. João I — AMADORA

(M. 17 anos) As 15.30 e 21.30
Um filme português de cate-
goria internacional

ESTRADA DA VIDA
com Paulo Renato, Laura So-
veral e Leonor Poeira

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134

As 15.15 e 21.30
Ele Strange e a Frede-
rika para quem o amor
tem qualquer coisa de proi-
bido...

O CASO STRANGE
com Michael York, Susan
George e Jeremy Kemp

Um filme de David Greene
Technicolor

ESTÚDIO

(M. 12 anos) Tel. 555134

As 15.30, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA
O extraordinário filme de
WALT DISNEY

O DESERTO
MARAVILHOSO
TECHNICOLOR

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131

As 21.30 no ecrã gigante

3.ª SEMANA

SPARTACUS
com Laurence Olivier, Kirk
Douglas e Jean Simmons

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743

As 18.30 e 21.45

Dean Martin, Jean Simmons
e George Peppard no mais
explosivo «western» da tem-
porada!

NOITE DE VIOLENCIA
(Technicolor e Techniscope)
AR CONDICIONADO

POLITEAMA

Tel. 326305

As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

EM SENSACIONAL ÊXITO
Um choque de paixões bár-
baras estimulando a fúria
de matar

TEMPO DE MASSACRE
com FRANCO NERO
e GEORGE HILTON

UM FILME DE ARREPIANTE
FEROCIDADE
(Scope - Col.) (M 17 anos)

CASINO
ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 260729

As 17 e 21.30

CARTOUCHE
com Claudia Cardinale
e J. Paul Belmondo

CINEMA NOVO

DA ALEMANHA

NA S. N. B. A.

O ABC Cine-Clube de Lis-
boa leva a efeito amanhã
(21 e 30) uma sessão na So-
ciedade Nacional de Belas-
-Artes, exibindo a obra do
jovem realizador alemão Ale-
xander Kluge, «Annita G»,
na versão original com le-
gendas em francês.

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172

As 15.15, 18.15 e 21.30
com Clark Gable e Sophia
Loren

COMEÇOU EM NÁPOLES

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080

As 15.45 e 21.45
com Clark Gable e Sophia
Loren

COMEÇOU EM NÁPOLES

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163

As 21.45

Divertida comédia musical
A PEQUENA PARÓDIA

com RITA PAVONE
EASTMANCOLOR
(AR CONDICIONADO)

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283

As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
do notável filme português

O CANTOR
E A BAILARINA

c/ Domingos, Marques, Nancy
Rimaldi, Zelma e o Ballet de
Fernando Lima e outras
atrações

Admiráveis canções, ballades
(Eastmancolor)

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933

As 21 horas

DIGAN LO QUE DIGAN
(DESILUSAO)

CADA BELA TEM UM NOME

FARMÁCIAS
DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Carpa-
da do Aljube, 222 (638256) •
Tapada, Lda., Col. de Tapada,
83-A (634721)

ALCANTARA — Ester Nogueira,
R. de Alcantara, 5-A (637563)

ALMIRANTE REIS — A. L. L.,
Lda., Av. Almirante Reis, 88-B-C
(44 73) • Megalhões, Av. Al-
mirante Reis, 4-D e 4-F (49479)

ALVALADE — Libia, Av. da Gre-
la, 4-B-C (71168) • Maribel,
Av. de Roma, 31-A (716235)

AMOREIRAS — Amoreiras, Praça
das Águas Livres, 8-D (68 5 5)

AREIRO — Lusitana, Av. de Ro-
ma, 8-A (725443) • Chinde,
Rua Agostinho Lourenço, 6-B
(7 033)

ARROIOS — Fonseca — R. Car-
valho Araújo, 46-B-C (84 108)

AVENIDAS NOVAS — Providência,
R. D.º Filipe de Viana, 9-C
(770324) • Sá de Bandeira, R.
Marquês Sá de Bandeira, 36-42
(41961-54672) • Oliveira Vi-
gas, R. Viriato, 29-A (48966-
55360)

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira,
Pr. das Casas Novas, Lote 66
(310172)

BAIXA — Formosinho, P. dos Res-
tauradores, 8 (30927) • Nor-
mal, R. do Prato, 220 (32 342-
32553)

BENFICA — Benflicuz, Est. de Ben-
fica, 44-A (782606) • Alegria,
E. de Benfica, 80-A-B (780511)

• Progresso, Est. A-do-Moia,
64-C (702226) • Macedo, Est.
do Povo do Chão, 69-C (703697)

CAMPO DE OURIQUE — Lináide
— Rua Ferreira Borges, 30
(660955) • Findor — Rua D.
Maria Pia, 514 (687949)

CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo
da Fonseca, 53 (683438) •
Zenel, R. A. 82, Bairro da Li-
berdade (65 840) • Nova, R.
de Campolide, 297-C (687475)

CAMPO DE SANTANA — Penin-
sular, Campo dos Mártires da
Pátria, 117-118 (553308)

ESTEFÂNIA — Délio, Rua Açores,
32 (52388)

ESTRELA E LAPA — Neves, Suc.
R. da Bela Vista, 6 Lapa, 37
(661251)

GRACA — Higilénica, R. Helodoro
Solgado, 20-A (844361)

LUMIAR — Patulelo, Herdeiros,
R. do Lumiar, 22-124 (790832)

• Dourado, Al. das Linhas de
Torres, 93-A-B (791131)

OLIVAS — Simão — Av. de
Berlim, R. D. 1, 16-A (310581)

PALHAYÁ — Canto, Est. das La-
ranjeiras, 202-B (780841)

PEDROUCOS — Higilénica, R. de Pe-
droucos, 50-52 (6 0280)

PENHA DE FRANÇA — Dalton
Av. Mouzinho de Albuquerque,
2-A (848571) • Europa, Av.

TEATROS

MONUMENTAL — As 21 e 45 e
às 23 h: «Rite, Rite» (17
anos)

VARIADADES — As 21 e 45: «Os
Direitos da Mulher» (17 anos)

GIL VICENTE — As 22: «A maçã»
(17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — As 19: «As 3 bolas
de Ringo» (12 anos)

PARIS — As 21: «Um pirata in-
visível» (12 anos)

JARDIM — As 21: «Com minha
mulher não» (17 anos)

CINEARTE — As 21: «Os volun-
tários» (17 anos)

ARCO IRIS — As 21: «Djanco»
(17 anos)

SALÃO LISBOA — As 21: «Este
difícil amor» (17 anos)

MOSCAVIDE — As 21: «Balada
para um pistoleiro» (17 anos)

IDEAL — As 21: «Gerações ultra-
jovens» (17 anos)

CASTA NHEIRA — As 21 e 15:
«Telefone fatal» (17 anos)

ENCARNAÇÃO — As 21: «Uma
aventura a quatro» (17 anos)

ORIENTE — As 21: «Beau Geste»
(12 anos)

SPORT LISBOA E BENFICA — As
21 e 15: «A Sotiland Yard não
perdoa» (17 anos)

ROYAL — As 21: «Tobruk»
(12 anos)

Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As
21: «O obscuro» e «O grande
pistoleiro» (17 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21
e 30: «Esta noite é minha» (12
anos)

AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «Onde
estavas tu quando as luzes se
apagaram» (17 anos)

QUELUZ — QUELUZ-CINE — As
21 e 15: «O homem que ri» e
«Hotel para novios» (17 anos)

SINTRA — CARLOS MANUEL —
As 21 e 30: «Os canhões de
Navarone» (12 anos)

Outro Bando

ALMADA — INORIVEL — As 21
e 15: «Eles com eles» (12 anos)

COSTA DA CAPARICA — CINE-
COPACABANA — As 21: «Mal
por mal antes com eles» e «Os
bárbaros do século XX» (17
anos)

TRAFARIA — PAVILHÃO JAR-
DIM — As 21 e 15: «Rainha
Viking» e «O leão» (12 anos)

COVA DA PIEDADE — CLUBE
RECREATIVO E UNIÃO ARTIS-
TICA — As 21 e 30: «O ma-
chado vermelho» (12 anos)

R-5

«Antígona» no Primeiro Acto

Depois de atingir a 21.ª
representação, entra na úl-
tima semana de exibições a
«Antígona» de Anouilh, com
tradução do dr. Breda Si-
mões. Assim, esta noite, aman-
hã e depois de amanhã e,
ainda, nos dias 1, 2 e 3 de
Agosto, às 21 e 45, repete-se
o espectáculo no Primeiro
Acto Clube de Teatro, na
Rua Eduardo A. Pedrosa,
16-A, em Algés. A propósito
escreveu Urbano Tavares
Rodrigues: «O encenador
consegue com o seu ímpeto

jovem e o acerto com que
maneira as regras do teatro
didáctico, transformar o de-
sespero em esperança subor-
dinando a palavra ao gesto
corporal, ao som musical a
uma arte viva, dirigida para
a denúncia da opressão, pa-
ra o apelo da liberdade. Bri-
lhante, excelente exercício
de encenação, que desde lá
nos tem de forçar a conside-
rarmos Armando Caldas co-
mo um dos directores-con-
strutores do teatro de aman-
hã».

General Roçadas, 27-A-B (Tel.
843880)

PICHELEIRA — Meris, Col. de
Picheleira, 140-B-C (720703) •
723959

PRÍNCIPE REAL — Gonçalves L.
R. do Rosa, 76-78 (362687)

REGO — Berne, Av. de Berna,
3-A (773558)

SANTO AMARO — Botânico, R.
da Anunciada, 38-40 (638 32)

S BENTO — Micael, R. de S. Ben-
to, 380-382 (662 62) • Aço-
reado, Largo do Conde Barão
2 (66 330)

ST MARTA — Morais Sarmento,
R. Santa Marta, 5-A-B (Tel.
46490)

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO —
Madre de Deus, R. do Mar-
gem, 5-B (382470) • Cruz de
Mafra, L. do Chafaz de Den-
tro, 36 (866 26) • Zemo Rua
General Austriano Padre (6
Calçada dos Barbadinhas 21
(832580)

S8 — Santa Lúcia, Rua do Sau-
dade, 2-B (86983)

MOSCAVIDE — Santa Bárbara,
Rua Francisco Marques Beato,
45-A (251284)

Linha de Cascais

ALGES — Combatentes, Avenida
(213953)

CAXIAS — Nova — Rua Bernar-
dim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAGO DE ARCOS — Trindade
Brás, Rua Costa Pinto, 66
243

Diário de Lisboa



Propriedade de
Renasença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-23 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

EUSÉBIO TREINOU PELA RESERVA E VAI DISCUTIR AINDA HOJE NOVAS PROPOSTAS DO BENFICA

(Continuação da 1.ª página)

Para lá deste apontamento, e de positivo, uma única certeza: o jogador não seguirá esta noite para África com a equipa do clube, se, dentro das próximas horas, não surgir um acordo e a necessária assinatura do contrato que o vinculará ao Benfica por mais três anos.

A problemática da questão é sobejamente conhecida, e pode resumir-se facilmente: dois contratos do Benfica, Eusébio tem em seu poder escolher um deles, e a que só falta apor a sua assinatura; entretanto, no clube está uma carta-proposta do jogador, em que este afirma fazer as suas últimas exigências e delas não sair. Conclusão: dois (futebolista e colectividade) em franca expectativa, sem nenhum deles se decidir, até agora, a dar o passo que poderia resolver tudo.

Naturalmente, hoje de manhã, procurámos saber se teria havido qualquer coisa de novo.

Francisco Calado, director do Departamento de Futebol do clube, afirmou-nos:

— *Tudo na mesma. Aliás, reafirmo: o problema não é do Benfica e sim de Eusébio. Ele tem duas hipóteses para escolher uma. Basta assinar e entrar em contacto connosco. Enquanto isso não suceder ou não surgir uma recusa clara, o Benfica aguardará...*

Falámos, depois, com o advogado do jogador, dr. Silva Resende:

— *Nada de novo — começou por nos dizer. — Esta manhã sei que houve diversas tentativas de carácter pessoal junto do jogador a*

fim de o convidar a reflectir maduramente e a assinar o compromisso. Nada oficial, note-se... Porém não houve qualquer evolução. Aguardamos...

— Eusébio, então, não partirá esta noite para Moçambique?

— *Em princípio assim será. A não ser que surja uma decisão espectacular que é sempre possível até à última hora...*

E a terminar:

— *No entanto nada me diz que isso sucederá, nem nada me garante, também, que não possa vir a acontecer...*

E o jogador? Que pensa ele? Como reage? O que sente?

Falámos-lhe depois do treino desta manhã e afirmámos:

— *Não creio que durante o dia de hoje e nas poucas horas que faltam para o embarque, tudo se possa resolver quando, já há tanto tempo, andamos a tratar do assunto*

Uma reflexão:

— *E isso parece-me difícil porque, não posso aceitar as condições oferecidas pelo Benfica e não abdicar daquelas que formulei na minha última proposta...*

O jogador tem muita pena de não ir a Moçambique

Após o treino no Estádio de Pina Manique, os jogadores benfiquistas deslocaram-se de autocarro para o recinto da Luz onde tomaram banho e massagens.

Pouco depois da chegada das equipas à Luz, os dirigentes Francisco Calado e Fausto Pires entravam nas cabanas onde ficaram fechados com o jogador até cerca das 14 horas. Assistiram a esse encontro o treinador Otto Glória e o seu adjunto Artur. À porta fechada aqueles dirigentes fizeram duas outras propostas ao jogador benfiquista que são:

1 — *Um contrato por seis anos contra a oferta do pré-dito já tão discutido que assegure um rendimento mensal de 22 mil escudos.*

2 — *Três mil e quinhentos contos incluindo ordenados por três épocas.*

O jogador manteve-se na

sua posição de recusar esta oferta, não desistindo de lutar pela sua última proposta.

Os directores do Benfica abandonaram as instalações da Luz e Francisco Calado não escondia a sua contrariedade:

— *Está tudo na mesma, — disse nos. Não falo mais com ele.*

Fausto Pires mostrava-se o elemento directivo mais conciliatório. Entretanto, Eusébio terá de, ao fim da tarde, dar uma resposta à direcção do Benfica.

— *Tenho muita pena de não jogar em Lourenço Marques, com toda aquela gente à espera de mim. Mandaram-me um cartaz da digressão que tinha a minha fotografia... Sempre lá a minha terra, mas paciência. Se o Benfica quiser... ainda vai a tempo.*

Libertados os três indivíduos suspeitos de ligação com o crime de morte do pequenito do Porto

• O infeliz Carlos Manuel foi esta tarde a enterrar

PORTO, 29 — A actividade da P. J. e da secção de Justiça da P. S. P., nas investigações para a desobediência do autor ou autores do repugnante crime de morte de um rapazinho de 8 anos, o Carlos Manuel, que vivia na Rua de Reguesende, tem sido motivo de elogios da generalidade da população. Como é natural, só há o desejo de

que a Polícia prenda quem praticou tão grande monstruosidade.

As investigações prosseguem, procurando a Polícia, por todos os meios, uma pista que leve à solução do enigma. O primeiro pormenor, aproveitado para o efeito, foi, como ontem noticiámos, o aparecimento, junto ao cadáver da infeliz criança, duma folha de férias de determinada fábrica. A P. J., ao cabo de algumas horas de trabalho, durante a noite conseguiu referenciar a quem ela pertencia e assim prendeu três indivíduos — pai e dois filhos — o primeiro de 49 anos e os outros de 24 e 19, ambos troilhas.

Foram apertados os interrogatórios surgindo algumas contradições entre uns e outros. A própria esposa e mãe daqueles indivíduos também foi ouvida, mas a P. J. pôs, durante a madrugada, os três detidos em liberdade.

Também de madrugada, elementos da Secção de Justiça prenderam um indivíduo que, por vezes, dormia na Bouça do Martins (onde foi encontrado o cadáver), indivíduo de raciocínio extremamente lento, quase de-

mente, acabou por ser posto em liberdade, horas depois.

Entretanto, ao que julgamos saber, a secção de Justiça da P. S. P. terá ouvido vários indivíduos, de uma fauna de maus costumes que proliferam na cidade, para ver se em algum interrogatório apanharia algum pormenor que conduziria a qualquer pista.

Entretanto no Instituto de Medicina Legal, foi feita a autópsia ao pequeno cadáver, parecendo difícil comprovar a morte por estrangulamento, dado o estado de decomposição em que foi encontrado. O funeral saiu às 16 horas, do Instituto de Medicina Legal para o cemitério de Agramonte.

Hoje, de manhã, prestaram declarações na P. J. o pai do Carlos Manuel e um pequenito, camarada da infeliz criança, o qual afirmou ter visto, no dia do desaparecimento, o Carlos acompanhado de um indivíduo. Disse que o conheceria, se o visse novamente. No entanto, não chegou a ser posto na frente dos três indivíduos, que atrás referimos, como se dizia. Desconhece-se qual o significado da libertação daqueles indivíduos.



O general Andrew Goodpaster com o general Paiva Brandão

CHEGOU A PORTUGAL O COMANDANTE SUPREMO ALIADO NA EUROPA

Chegou, esta manhã, a Lisboa, para uma visita de 24 horas, o novo Comandante Supremo Aliado na Europa (Saceur), general Andrew J. Goodpaster, que ainda esta tarde fez uma visita de cumprimentos ao Presidente do Conselho e se inscreveu no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado. A sua chegada o visitante não fez quaisquer declarações especiais sobre esta sua visita, declarando a sua satisfação por voltar a Portugal.

O general Goodpaster foi cumprimentado, junto do avião, pelo general Paiva Brandão, secretário-adjunto da Defesa Nacional e pelo oficial de ligação coronel Costa Bastos. Esperavam-no também, entre outras alturas individualidades militares, o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Venâncio Deslandes, o chefe do Estado-Maior do Exército, general Andrade e Silva, vice-chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Machado de Barros, por si e representando o chefe do mesmo Estado-Maior, general Brilhante de Paiva, etc. Presentes também o comandante Fluckey da Iberlant, e o coronel Nigra, adido da Aeronáutica e da Defesa do E. U. A.

O comandante supremo da N. A. T. O. passou revista a três pelotões com banda, fanfarra e bandeira, que desfilaram, e depois dos cumprimentos, e depois das individualidades presentes pronunciou algumas palavras em que começou por declarar ser um grande prazer para si chegar a Portugal para uma primeira visita ao nosso País naque-

la sua nova qualidade. Lembrou que esteve aqui em 1952 para a reunião da N. A. T. O., que foi uma das mais importantes da organização. E, depois de outras breves palavras, acentuou que tinha muito gosto em rever alguns antigos conhecimentos e criar outros novos, e que no nosso País discutiria problemas relacionados com a N. A. T. O.

Ao princípio da tarde o general Andrew J. Goodpaster esteve a apresentar cumprimentos ao chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, ao ministro da Defesa Nacional e ao ministro dos Negócios Estrangeiros. A tarde esteve também em visita de cumprimentos ao Presidente do Conselho e inscreveu-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado.

No Quartel General do Governo Militar de Lisboa é-lhe hoje oferecido um jantar pelo ministro da Defesa Nacional e esposa, e amanhã pelas 9 e 30 o visitante parte de Portugal.

MINISTRO DA JUSTIÇA DA ÁFRICA DO SUL

Ao princípio da tarde chegou a Lisboa, por via aérea, o ministro da Justiça da República da África do Sul, dr. P. C. Pelser, para uma visita oficial de três dias ao nosso País.

Aguardavam no Aeroporto aquele membro do Governo sul-africano, que se fazia acompanhar de sua esposa, do brigadeiro Schutte e de um secretário particular, o dr. Almeida Costa, titular da pasta da Justiça no Governo português, que se fazia acompanhar da esposa. Na aeronave viam-se, ainda, o embaixador da África do Sul em

Portugal e outros altos funcionários daquela Embaixada.

Durante a sua estada no nosso País, o dr. Pelser visitará o Instituto de Reeducação Padre António de Oliveira, a Prisão-Hospital São João de Deus, a Prisão-Escola de Leiria, a Cadeia de Mulheres de Tires e a Penitenciária de Alcoentre.

O ministro da Justiça sul-africano será, ainda, homenageado com um jantar, oferecido pelo seu colega português, dr. Almeida e Costa, e a que assistirão diversos membros do Governo, altos magistrados e funcionários do Ministério da Justiça.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco ou moderado de noroeste.

TEMPERATURAS E XTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 34,5; mínima: Montalegre, 7,6.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 18; Penhas Douradas, 13; Coimbra, 19; Portalegre e Lisboa, 20; Faro, 27; Funchal, 27.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 21,5; no água do mar, 18.

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco a moderado de norte, soprando nortada de fracas no litoral para sul do cabo Carvoeiro.

Amanhã
Nascer às 6 e 36
Ocaso às 20 e 50



Hoje Dia 5 Dia 13 Dia 20

MARES:
PRELA-MAR: Dia 29 — 4 e 18 (4,0 m); 16 e 35 (4,3 m).
Dia 30 — 5 e 07 (4,1 m);
17 e 23 (4,4 m); Dia 31 —
5 e 50 (4,1 m); 18 e 08
(4,4 m). BAIXA-MAR: Dia
29 — 10 (0,9 m); 22 e 30
(0,7 m). Dia 30 — 10 e 43
(0,8 m); 23 e 17 (0,7 m).
Dia 31 — 11 e 28 (0,8 m).

«TEDDY» KENNEDY

(Continuação da 1.ª página)

loura no late de Aristóteles Onassis.»

Sobre os seus hábitos de bebedor, a «Time» diz: «Kennedy tem estado a beber mais copiosamente desde que seu irmão foi assassinado no ano passado, mas está longe de ser um ébrio. Tem sido visto absolutamente sóbrio em várias festas onde as bebidas alcoólicas correm livremente e um correspondente da «Time», que o tem observado há meses, apenas o viu uma vez embriagado.»

A revista acrescenta que se sabia que alguns membros do séquito de Kennedy se recusam a andar de automóvel com ele visto o senador ser um condutor temerário e ter sido condenado por quatro vezes nos anos 50 por violações aos regulamentos de trânsito: duas por gular com excessiva velocidade e duas por conduzir sem cuidado.

SALORA

O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

juveni

N. 632

DOS JOVENS PARA TODOS

A ALOTROPIA

por V. da Câmara Pestana

A cidade o que teria sido? Um campo. Talvez aquela rua o rio seco com peixes feitos estátuas no seu movimento, os peixes num pedestal a deitarem água pela boca, água colorida — um arco-íris. Peixes de pedra com escamas recurvadas, grandes ovais; as estátuas que o tempo faz. O tempo repito é um escultor, braços musculosos, face recortada, paralelepípeda, apoiada nos ombros largos; as mãos que nascem da terra — onde se tropeça. As mãos onde cabem as escamas, onde se envolvem, onde se sente o pulsar seco da água artificial a passar no corpo do peixe, não se cansando de a deitar para fora. É uma vingança um desabafo, tanto tempo a petrificar, a sentir a argila colada na pele escorregadia com bolhas de ar — pedas que saem da cratera, entram em ebulição e cristalizam na boca, no passeio. Nadar na lama, nadar na lama — o esforço dos séculos para resistir às teias de aranha, às teorias dos cientistas sentados em cadeiras a preverem a metamorfose certa — de peixe passa a minhoca. Mas agora

os homens arrancaram-lhe os intestinos, vêm os anzóis pré-históricos atrás as minhocas solidificadas, que ficarão estendidas no veludo roxo de qualquer museu. Colocaram-no no lago duma praça e o peixe oco passou a ter estômago metálico, canos com torneiras reluzentes e desmanchadas de dois em dois meses para serem limpas por um funcionário da Câmara. Começou como pescador, que aquilo não era vida, dolam-lhe os braços, puxar a rede, puxar a rede, lá ia o Zé Figueiras, de manhã fazia-se ao mar, recolhia pela tarde a rede, as linhas penduradas agarrava o barbo, ajeitava o raio do bicho que fugia, com o canivete abria-o desde a cauda, tirava o que não prestava à mão cheia ia tudo para o mar sempre atraía qualquer coisa, ou então até era capaz de comer — não sou esquisito nessas coisas, não. Veio para a cidade, arregaçava as calças a água rente ao chão chapinhava até ao pedestal onde estava a concha e o peixe encailhado de boca para o ar. A roda do lago os meninos juntavam-se de barcos à vela na

mão, e atentemente fixavam o Figueiras desapertando as porcas abrindo o peixe em duas partes que se encaixavam. Com o frasco de solarina encerrava os canos apertava melhor as válvulas o que não prestava deitava fora, com o canivete tirava a sujidade de entre as cavidades e havia de servir para os peixinhos encarnados, metidos antes no aquário. Voltava a encaixar as placas de pedra, apertava tudo de novo, abria a torneira do repuxo e por momentos ficava a observar e a corrigir o seu funcionamento. Com um orgulho mal disfarçado subia as escadas de ferro do lago arrumava a ferramenta, lançava os dez peixes encarnados quando a água subisse ao nível normal. Depois, descia a rua vagarosamente a pensar no trabalho ali escondido dentro do peixe, na praia toda a gente via os bichos de tripas ao léu, o corpo que cercava o seu esforço o corpo que só ele violava, e que resultava disso? Tentava sentir a areia quente, o sol directamente pousado nas costas sem os fumos das chaminés que o envolviam.

Os canos prateados fazendo lembrar o corpo dos peixes, dos peixes vivos. Só ele sabia, lamentava-se.

Uma semana depois eram substituídas as placas de pedra por duas de vidro perfeitamente iguais às outras, eram apenas de vidro. Que mal havia, as outras adormeciam numa Barraca da Feira da Ladra com um cartaz espetado em frente, ocupado por letras garrafais CARCAÇA DE UM PEIXE PRÉ-HISTÓRICO.

E as pessoas passavam na rua viam os canos espelhados, através da janela-corpo, viam o trabalho do Figueiras que já andava a especializar-se em Ciências Naturais para estar mais seguro quando da limpeza dos outros peixes, distribuídos pelos restantes jardins e tentava sentir o sol a camisa cheia de vento a fazer uma semi-esfera nas costas. Recolhia os peixes vermelhos pela manhã, ficavam os meninos de barco à vela nas mãos, as pessoas na muralha à espera da traineira cercada pelas galvotas, pelas pombas que esvoaçavam em torno do lago.

LIBERTEM-NOS

por José Rogério Mineiro Carrola

Todas as cidades crescem. E a cor das paredes rouba a cor ao jardim. As paredes ocupam o lugar das árvores. E as senhoras nos cafés das três em diante da tarde fumam cigarros e esquecem-se. Todas as cidades, parece, que se estão a esquecer

E amanhã, provavelmente, teremos os pulmões na cal. Seremos obrigados a respirar aí.

Os meninos terão de aprender novas técnicas para as suas brincadeiras. Por exemplo, o futebol jogado na parede branca com um giz negro. Cinco de cada lado. O futebol jogado escritamente. Os meninos não acreditarão nas histórias antigas dos meninos antigos que corriam uns atrás dos outros pelos campos da cidade.

Libertem-nos. Estamos a sufocar lentamente e os dias são uma máquina terrível. Estamos a morrer na cidade. Deve ser a peste. Uma peste feminina de cigarro na boca.

Amanhã cada rua terá um depósito de oxigénio a ser fabricado constantemente para distribuição ao domicílio.

Libertem-nos. Não podemos sentir cada vez mais os ossos espalmarem-se nas ruas. Nem esperar todos os dias o outro dia igual.

3 POEMAS

por Alberto Raposo

AGATA

por Maria Helena Auçã

eu tive um dia uma irmã que tinha um chapéu de palha igual ao meu
cheguei em julho ou agosto já não sei bem e via-a longe entre as ervas a espreitar-me
estava descalça e tinha a cara mascarrada ela riuse e então eu gritando perguntei-lhe o nome
tive pena do nome dela ser igual ao das outras meninas todas e foi por isso que lhe chamei Agata
ela correu para mim deu-me a mão mostrou-me o sol e fez desenhos com os dedos na lama e na areia sabia muitas coisas muitas mais do que eu até muitas mais do que as professoras que eu tinha lá em Lisboa e que eu julgava saberem tudo

ela falava de meninos ciganos de flores de bosques e cogumelos
ao anoitecer eu ia para casa e da minha janela amarelada pelo tempo eu via-a sempre porque a casa dela era a rua ela tinha um vestido azul às riscas cheio de nódoas e roto eu tinha pena que os meus não fossem sujos e às riscas
ela conhecia os caminhos todos de s. pedro do sul e ensinava-me os nomes das ervas que a gente encontrava
atava os meus cabelos com as raízes dumas plantas mas já não sei os nomes delas
às vezes parávamos para descansar à beira do rio ou na ponte e então eu

dizia-lhe que queria ficar sempre assim ter por casa a rua e correr descalça com as mãos sujas e a cara enfarruscada do pó dos pinhões dizia-lhe que era uma chatice viver em Lisboa por causa das pessoas que pensavam e se metiam onde não eram chamadas e era preciso ter os joelhos limpos porque a mãe via-os sempre antes de me deixar sair mas o que mais me aborrecia era falar às senhoras para elas dizerem que qualquer dia estava muito alta
aí era tão diferente e a Agata ria-se com o chapéu de palha igual ao meu corríamos muito e subíamos às árvores para roubar maçãs e amoras aquela fruta tinha outro sabor por causa da poeira do ca-

lor da noite e das dedadas da Agata
e eu tinha muita pena porque sabia que tudo acabava um dia num sábado ela não apareceu e eu procurei-a na ponte nos campos nas estradas mas não a encontrei
depois parti para Lisboa e vi-a ao longe morena a correr trazia nas mãos qualquer coisa para mim talvez fosse um galho de árvore ou um pinhão ou mesmo um mal-me-quer mas eu nunca soube porque o pai não quis parar o carro
eu não chorei porque a imaginava sempre ao meu lado até um dia de chuva em Lisboa que senti a falta dela
foi então que lhe chamei irmã

Intocáveis ao espelho
apertamos a gravata
e no baile
procuramos expelir.

chegamos a casa com os calos aumentados
e dormimos tranquilos.

temos uma maneira de viver especial. o Ofício
é um frete inculcável

mas há sempre à saída
uma Luisa qualquer
a cumprimentar.

encontramo-nos sempre na lonjura do tempo
mudamente nos interrogamos
e os nossos gestos passados servem de cartões de [identidade]

então sorrimos à la page
e damos-nos alegremente conta
de continuarmos vivos.

POEMA

por José Eduardo Guimarães

o mar já não é sinónimo
de peixe nem de barco
o mar é uma âncora
e tomar raízes de liberdade
e aventura de um pássaro
e lançar a fome de um novo
amor nos espaços primitivos

o mar é a única superfície
que não permite sombras fixas
porque o mar é o desejo de guardar
nas ondas a imagem dos nossos cânticos fugitivos
como a superfície guarda as algas
e tudo o que é efêmero e profundo
e cadenciado soletrar de fórmulas mágicas
e lento respirar das vozes na noite aberta

NOITE-IRIS

Por Carlos Pinto

por hoje
vais dizer se ouves contar
os pássaros jogando com horizontes
nos cinco degraus da madrugada
(qualquer serve)
procura bem uma margem roxa
ou mesmo um trevo quadripartido
na pedra-sem-pó

da véspera
escuta a voz marcada amor
é diário em verde-azul acabado
olha as mãos dadas esquecidas no sonho
e as pedras sós ainda atiradas
no areal perto do passado
e perguntarás pelo ontem do arco-iris
lendo pela noite o orvalho

MARIENBAD

por Maria Regina da Silva Louro

Recordo-me frequentemente de marienbad hoje nome de país de cidade e de rua. como em todas as ruas havia casas na rua marienbad sons na cidade marienbad bandeiras no país marienbad. mas marienbad não era uma cidade igual às outras porque marienbad não era uma cidade dos outros. atravessava-a uma rua única que às vezes era um rio uma voz uma presença. as coisas eram directas e vivas. as árvores sabiam apenas das raízes e dos ramos e dos frutos.

em marienbad tudo era de repente e sem surpresa nesse tempo em que a loucura tinha um ritmo lento em busca de uma porta. as mãos procuravam-se uma à outra as noites esperavam lentamente pelos dias os dias permaneciam acordados nas noites.

havia em mim como nas outras cidades o fumo dos cigarros os sons do jazz a destruição das flores que morriam nas jarras. havia também janelas na casa que eu habitava na rua única que às vezes era um rio na cidade marienbad. havia uma mulher lembrando-me apenas duma mulher que tinha o nome da rua da cidade e do país que vivia de dias e noites que percorria as horas lentamente desaguando na minha loucura naquele tempo em ritmo lento na cidade marienbad.

e a essa mulher eu chamava rio porque a sua carne ao sol era uma saudade de mar um desejo de chegar uma promessa de tempestade. percorria as minhas horas habitava o meu sangue louco era também uma paisagem ante os meus olhos impossíveis

de deslumbramento. em marienbad-cidade todos os homens a conheciam e nada mais sabiam dela do que o nome que era simples e cabia dentro de todas as coisas existentes na cidade marienbad. mais sabia que passava diariamente na rua única que habitava uma das casas iguais mas tudo o que os homens conheciam se reduzia à certeza de que ela tinha nascido e existia na cidade marienbad. e os homens que se sabiam vivos estavam contentes embora não o dissessem: em marienbad aos homens bastava a existência das coisas frente à sua existência.

eu sabia mais sabia do fundo da minha idade sem idade da minha insatisfeita loucura das minhas humildes raízes desconhecidas. sabia através do sono e da vigília na clandestinidade dos sons de jazz e do fumo dos cigarros quando as flores morriam silenciosamente nas jarras.

soube que marienbad-mulher era a cidade quando a encontrei atravessando a rua única. soube também que era uma casa um rio uma planície e os seus olhos me disseram da sua vida extremamente simples no jeito de habitar as coisas.

descobri marienbad-mulher como se descobrem as raízes duma planta olhando-a nas flores, elas me disseram da justificação de viver de dias e de noites sem pausas nem ausências elas me falaram da inexistência de perguntas quando se escreve o nome na água. em marienbad-rio escreviamos frequentemente os nomes na água enquanto nos esquecíamos da eternidade. e porque

marienbad-mulher era também uma planície percorriamos sem pressa as horas que me separavam da condenação aos declives aos rumores de guerras às câmaras de gás e às palavras urgentes.

era um tempo em que as mãos se tocavam sem darmos por isso, pela mão de marienbad-mulher atravessava sem pressa o corredor dos minutos livres enquanto não acreditava na outra face dos objectos. a sua carne me dizia da África quente e desperta e livre da África que era o sangue de marienbad-mulher intocável pelo gelo e pelas palavras ela me disse do seu país e do seu corpo da sua idade liberta enquanto atravessava o silêncio desaguando na minha então quase estática loucura. ela me ensinou a serenidade das casas iguais e dos homens que diariamente percorriam no mesmo sentido a rua única da cidade marienbad contou-me dos homens vivos e das árvores dos frutos e das sementes e da discreta renovação das coisas e da verdadeira inexistência da morte.

era então que as mãos se encontravam sem saberem porque e eu amanhecia naturalmente na planície e a paisagem me poupava entre os dedos.

desconheci espelhos e relógios na cidade marienbad como desconheci portões e esperas e o ritmo rápido da minha febre de homem louco ocidental frutificando adiados encontros desde as húmidas raízes desconhecidas.

deixei marienbad-país-cidade-rua como se deixa

definitivamente o único livro que se escreveu e que concluído se queima página a página em silêncio sem olhar o fumo. disse adeus a marienbad-mulher como se diz adeus a um navio quando no meio do mar se decide nadar até à costa. não a trouxe no sangue porque o seu sangue é uma África que não existe nos mapas inconciliável com a minha europeia condenação a corredores gelados salas de espera vazias e palavras urgentes. procurei por vezes o olhar vivo de dias e de noites na clandestinidade da música de jazz e do fumo dos cigarros entre as flores que apodrecem nas jarras. receio esta Europa de disfarçados medos que ela se me torne um grito.

as minhas noites de febre abrem fendas para a loucura absoluta. é minha condição não ter coragem para acender uma luz onde uma luz não existe. com palavras nítidas construo destruo a vida sinto-a vibrar nos dedos e através do medo os meus cabelos recusam-se. a minha teia é vulgar a minha prisão perpétua nega-se a gritar onde os nomes acabam. a minha descoberta diária resume-se a dez dedos inquietos que desconhecem a acusação. entretanto permaneço erecto e sem interrogações julgo esperar.

mas há o vento e a perturbada memória e a direcção pressentida pelas mãos frias. os olhos estão completamente desertos quando frequentemente me lembro de marienbad-país onde de nunca estive.

A HISTÓRIA DA GATA BORRALHEIRA

Por JOSÉ GIL

Será uma vez
uma menina de sapato na
um príncipe descalço de uma
andando o fez parar
pedindo-lhe um piropo
o sapato serviu

AS CORES

por José A. C. Reis

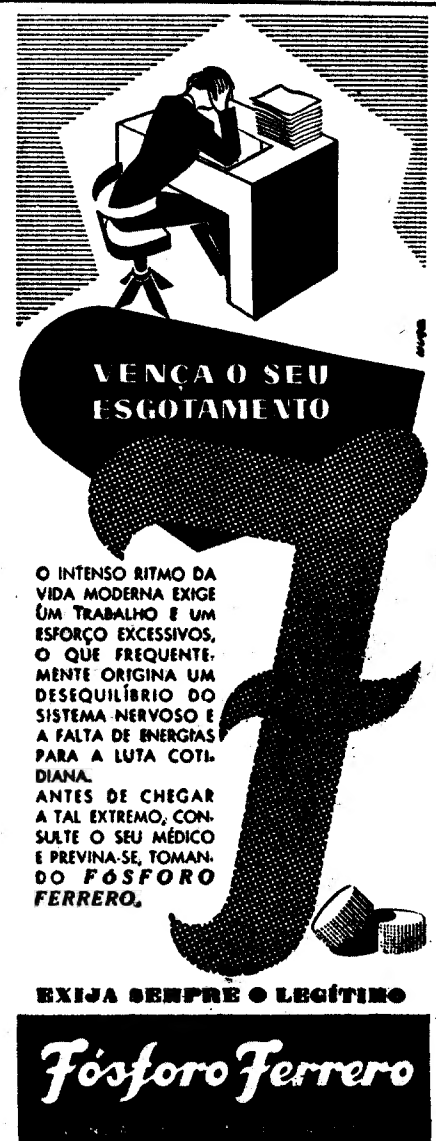
1.
azul:
nome triangular
uma vez céu
duas vezes mar

cor utilizada por algumas mães
para os olhos dos filhos

(doença passageira certas vezes
incurável outros
mais conhecida pelo nome de peçonha
ataca o sangue)

passageiro isento de salvo-conduto
imensíssimo irmão da ternura
leme
lume
nervo da manhã
ponte

2.
azul imenso —
denso —
tenso —
leve —
— íssimo



VENÇA O SEU ESGOTAMENTO

O INTENSO RITMO DA VIDA MODERNA EXIGE UM TRABALHO E UM ESFORÇO EXCESSIVOS, O QUE FREQUENTEMENTE ORIGINA UM DESEQUILÍBRIO DO SISTEMA NERVOSO E A FALTA DE ENERGIA PARA A LUTA DIÁRIA. ANTES DE CHEGAR A TAL EXTREMO, CONSULTE O SEU MÉDICO E PREVINA-SE, TOMANDO O FÓSFORO FERRERO.

EXIJA SEMPRE O LEGÍTIMO

Fósforo Ferrero

ANA, DE PASSAGEM

por António Barbedo de Oliveira

É um amontoado confuso de imagens na memória a que não falta a mãe com um rosto mais limpo e jovem e as mãos do pai, grandes como o mundo, onde apeteia descansar. Lembro-me, no entanto, da casa velha embora não consiga compreender como vivi nela feliz durante tanto tempo. Recordo-me também vagamente que as mãos de Ti João faziam música no harmónio, enquanto dançávamos toda a noite. E o rosto triste de Ana sentada numa pedra junto do caminho, não sei se a pensar ou à minha espera. Depois os nossos corpos demoravam-se nas margens do rio muito unidos, num jogo inocente de palavras e sorrisos. Súbito, desatávamos a rir sem razão e o ranho escorria mollemente para dentro da boca enorme, suja de terra e com dentes podres.

—faça o favor de entrar senhor doutor

—olá Ana então cachopa é duro, frio e quase magoad o rosto de Ana. É talvez feio com uma cicatriz na testa em forma de estrela. Os incisivos perderam-se e quando vi a boca é uma caverna com sons abafados e roucos dentro. Por isso, a malta não gostava dela e, agora, as crianças chamam-lhe velha.

—que tal corre a vida estas bonita rapariga

É preciso dizer alguma coisa para derrubar o muro. Ana olha espantada a minha camisa branca e a gravata preta. Quando era miúdo limpava o nariz à gravata com o nó feito e um elástico apertado à volta do pescoço. A mãe ralhava, mas pouco me importava. Um dia, escondi a gravata dentro duma bola de trapos (ufa, já não suportava a trela — disse-te a modos de explicação) e como éramos muito pobres

nunca mais tive outra gravata. Trazia ainda um fio de ouro com uma cruz bonita que me roubaram porque comecei a andar sempre com a camisa desaperada no peito. Eu disse que tinha perdido a volta, apanhei uma sova do pai mas não houve mais complicações.

Ana não sabe como uma pessoa pode mudar tanto e olha-me para as mãos gordas e peludas, com um anel de pedra amarela. Cruzo-as atrás das costas. Parecem mãos dum morto — comentaram um dia — se não fossem as unhas roídas.

Compreendo agora porque Ana teve medo (ou vergonha, ou lá o que é) de cumprimentar-me quando olhou para o anel e preferiu dar-me um beijo na cara. Depois ficou vermelha, embrulhou várias vezes as mãos e perguntou:

—porque não se senta

—obrigado estou muito cansado mesmo muito

—não veio a pé

—claro mas a camioneta era antiga e a estrada tão má

—Má não se lembra de quando era apenas um carreiro no Verão o pó quase cegava e no Inverno era um lameiro onde nos atolávamos

Hoje, andávamos atolados de outras maneiras. Mas lá caminhamos. Difícilmente. Mas seguimos sempre e isso é que é importante. Bom foi o tempo em que jogávamos o pião. Comprávamos cada um por doze tostões mais dois metros de fanqueira. Púnhamos o pião no meio do círculo desenhado no saibro até lhe acertarmos. Fui eu que te ensinei a jogar «à homem» e a aparar à unha, entre o indicador e o polegar. No Verão armávamos ratoeiras às passaretas e aos branquinhos, junto das oliveiras e das figueiras. Um dia roubaram-me todas as ratoeiras mas o pai deu-nos dinheiro para ir à cidade comprar outras. Já há muito tempo que não visitava a cidade. Sentia-me orgulhoso por te levar de mãos dadas e todos que nos viam julgavam que eras minha irmã.

—quando te casas Ana

—não sei talvez quando ele vier da tropa

—ele quem

—ora quem há-de ser o filho do Ti João

Ana, porque coraste? Quando fomos à cidade eu disse-te que eras minha namorada, enquanto esbarrachava o nariz contra o vidro da confeitaria. Mesmo assim, devia gostar mais daquele bolo que a mãe fazia chamado «doce dos pobres». Mas, que dia, só queria passar a língua pelo creme dos pastéis ou pelas chocolates. Uma trilha e pronto, ficava satisfeito. Meti a mão no bolso e tilintei o dinheiro para que visse que eu não estava teso. Levei a mão enfiada no bolso até humedecer. Limpel-a às calças porque nesse tempo já não usava calções. Deite a mão para atravessarmos a rua e não mais a largaste até ao regresso a casa.

—quando se forma

—daqui a três anos se

—e depois

Depois, não sei. Talvez case, também. Nunca mais me recordarei do teu riso grande e dos teus dentes podres. E das tuas mãos frescas dentro das minhas mãos. E do cheiro a terra madura e erva do teu rosto quando me pediste um beijo «à artista», depois de vermos os cartazes no cinema da cidade.

—dizla que o caminho foi incómodo

—muitos solavancos um

—muito a solavancar contra o vidro da frente um cheiro danado a gasolina

na e suor safo que estopada

—quer beber alguma coisa e comer

Desde que deixei a aldeia (há quantos anos, Ana?) perdi o apetite e engordei muito. Se tu me visse comer agora, ficavas admirada: faca na mão direita, garfo na esquerda e um bocadinho de arroz, dois palitos de batata e um bife tenro e sem gordura. Isto, para emagrecer, como mandou o médico, mais o tratamento hormonal — que peste!

famos roubar figos ao campo da avó Lisa. Saltávamos o muro e, a princípio, aparecia o cão a ladrar. Um dia levei a fígua com que tinha partido os santos da tua cascata, pus um seixo muito redondo, estiquei os elásticos o mais que pude e acertei-lhe bem na lombada. O cão deu meia volta e nunca mais nos chateou. Subiamos o tronco retorcido da figueira e comíamos até ficarmos empanturrados. No outro dia eram as dores de barriga e a diarreia, mas tudo passava rapidamente.

Na sala ficava a arca da mãe. Contou-me que quando casou levou ali dentro o enxoval. Entre os lençóis de linho guardávamos os frutos, o pão e uma grande faca. Podíamos não ter outras coisas boas para comer mas nunca faltaram o pão e a sopa de couve. E quem quisesse comer melhor que fosse trabalhar. —trouxe-lhe um pedaço de salpicão azetonnas pão de milho e um copo de vinho

—obrigado Ana obrigado

—coma vem tão pálido com umas olheiras tão grandes nem sei o que parece

—aquilo dá cabo dum tipo

—aquilo o quê

—aquela vida aquela gente aquelas coisas aquilo pronto

Quando fomos à cidade comprar as ratoeiras chegámos a casa exaustos (falta de hábito e nem sequer levaram um chapéu com um sol tão forte — ralhou o pai). A cabeça era lume e quase rebentava. Contaste-me que andaste doente muitos dias, sem apetite e sempre com o barulho das máquinas nos ouvidos e o cheiro nauseabundo que fazia vômitos (parecia um cheiro a podre — disseste).

—quando o rapaz vier da tropa vamos para a cidade ele quer trabalhar numa fábrica

—a cidade apesar de tudo é boa coisa sabes Ana soube-me bem o lanche o fígado ficou pior mas caramba uma vez não é vezes e um fulano fica consolado bolas para todas as dietas esta pinga dá sangue a uma pessoa

—tenho medo

—medo de quê

—medo de não me habituar à cidade

—habituas-te repara que uma pessoa não pode criar raízes não se pode agarrar à terra senão nunca se desprende é preciso movimentos livres é preciso respirar sabes apesar de tudo amo a cidade e não sei porque volto aqui isto está morto vai para a cidade

—tenho medo

—isto está morto morto

—compreendes

—qualquer dia casa-se e não volta

Compreendo, Ana. Aqui nasci e vivi o melhor (ou o pior?) da minha vida. O teu rosto feio acompanhava-me como uma cicatriz. Olha, como a cicatriz da tua testa. Como a irmã que não tive e tanto gostava de ter. Sempre foste amiga. Mesmo quando estive a morrer. Ninguém dava nada por mim. Talvez por isso todos me tratavam

bem, las de manhã muito cedo para o meu quarto contar histórias e, com os olhos vermelhos, rias do terror que eu tinha de morrer. As vezes delirava e tu contavas que dizia asneiras muito feias. Mais tarde o delírio (ou lucidez?) continuou de outra forma: à noite, vergado sobre a mesa, escrevendo melancolicamente até o lápis me cair dos dedos e adormecer. Se tu soubesses, Ana, como isso magoa mais que todas as doenças, se tu soubesses...

—quanto tempo se demora

—venho vender a casa está velha não serve para nada

—para nada

—para nada

—nunca mais volta

—regresso

—não não volta

—talvez não venda a casa.

Admiro-me como vivemos três pessoas nela e fomos tão felizes. Hoje tenho um apartamento na cidade e qualquer dia mudo outra vez. Sou como os vadios: sem casa, sem dinheiro, sem amigos, vagueando de terra em terra à procura nem sei de quê. Tive alguns amigos. Já partiram. Partiram ou morreram — é a mesma coisa e não vale a pena falar mais deles.

Decidido. Não vendo a casa velha. Um homem cansa-se de andar assim com os mendigos, de mãos abertas e a oferecer em troca coisas que ama mais do que todas as coisas. Deixarei a casa desabitada. Desfazendo-se como a melhor das recordações, como a tua imagem minha velha amiga Ana.

Até que me perguntes ou me despertes

—já vai embora

—tenho de partir

—para onde

—não interessa adeus

—adeus

—lembra-te Ana

—lembro-me de quê

—não sei lembra-te.

REGULAMENTO DOS COLABORADORES

- 1 — O Suplemento Juvenil do «Diário de Lisboa» destina-se a ser colaborado exclusivamente por jovens que dão os primeiros passos na literatura, no ensaio ou nas artes plásticas.
- 2 — Não solicitamos colaboração. Os nossos leitores com vocação literária não devem esperar por convites. Devem enviar-nos, pura e simplesmente, a sua colaboração, à qual garantimos a maior atenção e o melhor acolhimento.
- 3 — Em virtude de o nosso suplemento se organizar com uma certa antecedência, não estranhem os pretendentes a colaboradores não verem trabalhos seus no «Juvenil» referente à semana em que os remeterem.
- 4 — Não é obrigatório dactilografar a correspondência nem os originais. Basta escrever em letra bem legível.
- 5 — Os originais devem ser escritos num só lado do papel. Cada poema em sua fe-

lha e todos os poemas assinados. Isto é muito importante!

- 6 — Se houver duas ou mais folhas, estas devem ser numeradas.
- 7 — Os originais não devem ser demasiado extensos.
- 8 — Não podemos devolver originais. Aconselhamos os nossos colaboradores e ficarem SEMPRE com uma cópia em seu poder.
- 9 — Da primeira vez que os Amigos nos escrevem devem enviar nome completo, direcção, profissão e idade.
- 10 — É permitido o uso de pseudónimo, mas os elementos de identificação atrás mencionados são indispensáveis.
- 11 — O «Diário de Lisboa-Juvenil» alheia-se completamente das tendências políticas ou crenças religiosas dos seus jovens colaboradores. Ele quer ser o campo em que, pelo amor à Beleza, à Verdade, à Justiça, à Vida, todos os jovens dêem as mãos.

POENTES: AS MÃOS

por João Manuel Farias

o passeio sempre se dividiu em duas partes: as pedras formando desenhos ao gosto do calceiteiro-arquitecto. as sarjetas colocadas à distância regulamentar percorrida pela água. ou não fora a água medida pelas mãos dos que passeiam o caminho um dia. e um passeio sempre se dividiu em duas partes: 1 — o idasseeio. 2 — o regressseeio. tem cada vez a ida e o seio o banco sentado num jardim poetas. e o sol regressa quando eles querem e quando as árvores põem a toalha para o jantar. falemos da água: não tem seio. a água não regressa. do livro a história contada em cima da relva: a água desce pelos regos entra nos alcadutos e depois os carros passam-lhe por cima. (tu andavas descalça então). os rios são três e um dia acordaram. foi quando a água começou a descer. a água desce como se prova da história que te contaram na escola — pancada na lama dos barcos que te serviam de transporte para casa. os paralelepípedos. a areia. a brita. o alcatrão. as mãos-milagre do calceiteiro. o catrepilo. são todos os dias passeio os passeios que se constroem de manhã. um passeio sempre se dividiu em duas partes: 1 — o sei-o. 2 — partamos. e a água sempre foi medida pelas mãos dos remos silenciosamente parados.

JOANA

por Sara Monteiro Pinto

As vezes as palavras surgem ainda estranguladas como bichos violentos que não quisessem morrer e é dos meus lábios destruídos como tudo que [vão gritar pelos jardins

frases incompletas
Se trago esperança e ciúme de angústia nos olhos e nos meus gestos
se as ruas que passam e me tentam em cada passo
se os meus pés enormes confinados aos sapatos de repente começam a doer
são as palavras novamente que querem dizer
em cada flor está ainda toda a planta
e em cada planta revive a terra quente;

ácido corpo de Joana nos braços de quem a tem.
Num riacho, em giesta amarela, redondo e agreste
como um cubo amolgado dos caminhos que per-
[corre
vidro partido caído suado de estrelas
as palavras desapareceram ou feriram-se
só ficou no silêncio desmedido o ácido corpo de Joana.

URGENTE

por Maria Fernanda

minutos longos. alguém viera esconder
dedos oblíquos na solidão dos servos
e deixara promessa. eu era alguém
que negara muito cedo com es- guardas de versos
e passava tocando os sinos das portas.
neste momento. sei. pensas como pude morrer
tão violentamente. sem armas nem gritos.
pensas como fui distante dum nome aprendido.
ou talvez nem penses. nem sequer existas
dentro destes minutos que as palavras construíram
com feras em volta.
duas mãos torturando o tempo num poema rasgado
delas partiam outrora monções de palavras
onde habitavam os teus olhos tristes
como o gesto mais música.
e possuíam o vento. duas grandes asas
preenchendo o espaço vago dos amigos
e cobrindo o silêncio. dois largos ombros.
neles reclinava uma lágrima
suspensa até ao espanto
que fechava numa gaveta sem resposta.
sim. pensas a minha viagem
uma estação de frio e de palavras.
e é urgente voltar. pensas eu chegando
numa estrada crescendo dos meus passos.
ou talvez nem penses.

POEMA PARA TI

por João
Bandeira

não precisas esforçar-te
gosto de ti suave
deixa
leva o poema contigo
passeia-o pela rua
e diz-me palavras
da cor que tu quiseses.

A FEIRA

por José Manuel Leão

Eram nove horas quando
saí para a rua. O calor subia
do alcatrão e ensopava-me o corpo. Pensei que
a noite talvez trouxesse
um pouco de fresco e esta
ideia alegrou-me. Dirigi-me
então para a feira e
quando lá cheguei apeteceu-me
comprar um sorvete. Achei contudo que
ficaria com os dedos pegajosos
e desisti. A feira abarrotava de gente
que se divertia nos aviões ou nos
carros eléctricos, ou passava
simplesmente, olhando com um sorriso
os artigos expostos nas barracas.
Na pista dos carros eléctricos,
o homem que estava atrás da bilheteira,
dizia, ao microfone, vá mais
uma voltinha para a menina
Mariuzinha. A porta do circo
um homem grita «slogans»
atrás de um funil. Fico a saber
por ele que os bilhetes estão
quase esgotados e que aquele
é o melhor circo de todos os
tempos.
O calor continua a dominar
tudo. Um magala passa por mim
trauteando uma canção em voga.
Dou a volta ao circo e entro
numa rua com barracas de
bugigangas. Uma senhora discute
o preço de um balde de plástico
e afirma com convicção que na
baraca ao lado um igualzinho
aquele é muito mais barato.
O homem dos plásticos irradia
paciência por todos os lados
e diz que desculpe a qualidade...
Uma miúda chora uma boneca
que o pai não quis comprar.
Foi nesta altura que encontrei
o Orlando. Achei-o

bastante amarelo e disse-lho.
Ele respondeu-me que andava
a estudar imenso para acabar
o sétimo. Disse ainda mais
qualquer coisa a seguir mas
nesse momento assoei-me e não
ouvi.
O Orlando é daqueles tipos
que quando começa a falar
nunca mais se cala. Falou de
muitas coisas mas parece-me
que o assunto que preferia
são os carros. Não sei, é cá
uma impressão minha, talvez
porque de automóveis não percebo
nada. É um tipo estranho
que tanto pode usar sandálias
no Inverno, como sobretudo
no Verão.
Foi depois dos carros que
ele me disse aquilo sobre a
Clara. Que surgira uma
conversa qualquer sobre ela
lá no bairro e que tentara
cortar os pulsos.
Um grupo de ciganos discutiam
com gestos enormes e as
mulheres gritavam e tentavam
serenar-las.
O calor da noite escorria-me
pela testa e por todo o corpo.
Eram agora quase onze e
meia e resolvi desandar para
casa. O homem do circo já se
cavalava há muito. Mas o barulho
e a alegria da feira continuavam.
Contudo foram ficando para
trás e quando passei pela pensão
da namorada do Viegas, já não
ouvira nada.
A única coisa que eu re-
tinha daquela noite era a
conversa sobre a Clara. Para
mim foi terrível saber aquilo.
Não sei se vocês percebem,
mas eu digo. Sim eu digo, é
que a Clara para mim era
como uma verdadeira irmã.
Durante

doze anos crescemos juntos.
na mesma rua. A minha casa
e a dela eram a nossa casa.
Não sei se compreendem.
Achei que aquilo não devia
ter sucedido à Clara. E
então, até chegar a casa,
não mais deixei de pensar
nela.
Por que mudaram aqueles
longos dias em que o tempo
nos era comum? As nossas
imitações de «cô-bóis», as
nossas correrias rua-a-cima,
rua-a-baixo, as nossas tardes
de Setembro na vinha do
senhor Elias — porque acabou
tudo isso, Clara? Porque não
guardámos nós no fundo
duma gaveta aqueles dias
puros, puros, da nossa in-
fância?
Uma dia ela contou-me
que um homem anavaiha-
ra outro e dizia-se que
quem o encontrasse gan-
haria cem escudos (nessa
altura ainda nós não di-
zíamos cem paus). Então a
Clara pegou-me num braço
e levou-me para a paragem
do eléctrico. Expliou-me
depois que podia ser que o
homem da navalha saísse ou
entrasse para algum. Lembrou-me
que não percebi muito bem
esta história de navalhas
mas segui-a sem dizer nada.
Eu tinha um grande orgulho
em ser o seu amigo, porque
a achava muito es-
perta. Para mim ela sabia
tudo melhor que ninguém.
Um dia as pessoas come-
çaram a dizer que ela já
era quase uma mulherzinha
e a partir dessa altura eu
fiz dela o meu herói.

Agora brincávamos me-
nos e aos sábados costumávamos
subir o Chiado e às cinco
acontecía o lance numa
pastelaria. Eram dias bons
e enormes e nos nossos
quinze anos sentíamos
que era bom sairmos juntos.
Uma noite a mãe deu-lhe
dinheiro para ir comprar
bolos ao café da esquina.
E então fomos os dois
e de súbito as nossas
mãos uniram-se e nós
achámos aquela noite a
mais bela de todas. Mas
numa tarde de sábado ela
foi viver para o outro lado
da cidade. Os pais encon-
traram lá uma casa mais
barata ou não sei-
quê. Não importa o motivo.
O que sei é que essa
resolução marcou o come-
ço da nossa separação. Pe-
la primeira vez sentimo-
nos sozinhos. Mas os quin-
ze anos de ambos impedi-
ram que sentíssemos a ne-
cessidade de nos encontra-
rmos. E assim, cada dia
que passava marcava uma
distância cada vez maior
entre nós.
E agora, enquanto cami-
nho para casa, com a noite
a entornar-se preta e
fresca, penso que não sou-
bemos continuar unidos.
Penso também que sou cul-
pado do que lhe aconteceu
há dois dias. Porque dei-
xei eu afastar-se aquela
franja loura, loura?
Um carro chia numa
curva e levanta uma nu-
vem de pó. Penso que se
voltasse à feira esquecer-
ia a Clara. Ou talvez não.
quem sabe?! Vou para casa.
O bafio do meu quarto
às vezes é reconfortante.

POEMA IV

por Carlos
Gouveia
Pinto

Dizer-te o que penso
enquanto os teus dedos
escorrem pelos meus olhos
e pensar que te disse
que estamos aqui
é sentirmo-nos como
se fôssemos o princípio
de uma tarde de verão;
pensar que sinto
escorrer pelos meus
dedos a tua face
como um rio
e ouvir-te falar
num silêncio feito
de mãos cruzadas
sobre lábios de pedra
Penso e digo-te:
daqui a pouco chegará
a minha vez de partir
e deixar a memória
nos dedos
das estátuas dos jardins
e subirei ao monte mais alto
e agitarei os teus seios como
uma bandeira
(escrever-te será, então,
descrever os outros
como frutos)